

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DISSERTAÇÃO**

**O subúrbio carioca no início do século XX na perspectiva de Lima Barreto**

**Luana Goulart Machado**

**2018**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**O subúrbio carioca no início do século XX na perspectiva de Lima Barreto**

**Luana Goulart Machado**

*Sob a orientação do Professor*  
**Edson Miagusko**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, no Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais

Seropédica, RJ  
Maio, 2018

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Biblioteca Central / Seção de  
Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M149s Machado , Luana Goulart, 1992-  
O subúrbio carioca no início do século XX na  
perspectiva de Lima Barreto / Luana Goulart . - 2018.  
99 f.: il.

Orientador: Edson Miagusko.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural  
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em  
Ciências Sociais, 2018.

1. Lima Barreto. 2. Rio de Janeiro. 3. Literatura.  
4. Subúrbio. 5. Suburbano. I. Miagusko, Edson, 1972-  
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de  
Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**LUANA GOULART MACHADO**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Edson Miagusko.Dr.UFRRJ  
(Orientador)

---

Sabrina Parracho.Dr.UFRRJ

---

Ana Paula Ribeiro.Dr.Uerj

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Edson Miagusko pela paciência, atenção e incentivo para conclusão de mais uma jornada na minha vida acadêmica.

Ao meu irmão Lucas, por não ser apenas um irmão, mas também um bom amigo, tanto para as horas de descontração, como para as horas de sofrimento. Agradeço também ao Júlio, pela amizade e companhia diária.

## RESUMO

MACHADO, Luana Goulart. **O subúrbio carioca no início do século XX nas perspectivas de Lima Barreto.** Seropédica, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ. 2018.99. (Dissertação, Mestrado em Ciências Sociais).

O presente trabalho objetiva responder duas questões principais: como são as estruturas físicas e a sociabilidade no contexto suburbano carioca no início do século XX em Lima Barreto. Para tanto, antes de adentrar nestas questões, se fez importante discutir as percepções ética e estética nos escritos de Lima Barreto, além de abordar seu contexto social e literário. A posteriori, já no segundo capítulo, o grande foco são as conjunturas físicas do subúrbio, no qual se procurou entender a conceituação genérica de subúrbio e as diferentes percepções da origem do subúrbio do Rio de Janeiro por pesquisadores para, enfim, abordar a visão de Lima Barreto sobre o subúrbio carioca em seu contexto sociogeográfico. Neste momento, encontram-se a delimitação geográfica do espaço suburbano e as muitas críticas ao desleixo estatal esboçadas por Lima Barreto. O terceiro capítulo, se debruça a investigar a sociabilidade dos suburbanos descritas e analisadas pelo escritor; isto é, se trata de relatar a vida cotidiana do subúrbio com base no comportamento, na personalidade e na moral dos suburbanos.

**Palavras-chave:** Lima Barreto; Rio de Janeiro; Literatura; Subúrbio; Suburbano.

## ABSTRACT

MACHADO, Luana Goulart. **The Rio suburb in the early 20th century in the perspectives of Lima Barreto**. Seropédica, Federal Rural University of Rio de Janeiro, RJ. 2018.99. (Dissertation, Master in Social Sciences).

This paper aims to answer two main questions: how are the physical structures and sociability in the Rio suburban context in the early 20th century in Lima Barreto. In order to do so, it was important to discuss ethical and aesthetic perceptions in the writings of the writer, as well as to address his social and literary context. Subsequently, in the second chapter, the main focus is on the physical conjunctures of the suburb, which sought to understand the generic conception of the suburbs and the different perceptions of the origin of the suburb of Rio de Janeiro by researchers, in order to address the vision of Lima Barreto on the suburb of Rio de Janeiro in its socio-geographical context. At this moment, we find the geographical delimitation of the suburban space and the many criticisms of the state neglect outlined by Lima Barreto. The third chapter deals with the sociability of the suburban people described and analyzed by the writer; that is, it is about reporting the daily life of the suburban based on the behavior, the personality and the morale of the suburban.

**Keywords:** Lima Barreto; Rio de Janeiro; Literature; Suburb; Suburban.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Quadro I – Cartas contendo pedidos de favores políticos	30
Quadro II – Natureza dos pedidos	31
Quadro III – Média de gastos de obras (1904 – 1908)	54



## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>
<b>1.A Literatura de Lima Barreto .....</b>	<b>15</b>
1.1 Forma e Conteúdo nos contos de Lima Barreto .....	15
1.2 Uma breve reflexão sobre “ética e estética” e a suposta <i>transmodernidade</i> de Lima Barreto .....	17
1.3 Lima Barreto: um escritor dos pobres inserido no cenário da <i>Belle Époque</i> .....	22
1.4 As contradições de Lima Barreto .....	27
1.5 As elites políticas da Primeira República .....	28
1.6 Lima Barreto: um literato suburbano carioca .....	33
<b>2. O subúrbio carioca em Lima Barreto.....</b>	<b>39</b>
2.1 O surgimento do subúrbio de acordo com Lefebvre .....	39
2.2 A perspectiva de subúrbio de José de Souza Martins .....	42
2.3 O plano de embelezamento da Reforma Pereira Passos para a cidade do Rio de Janeiro. ....	44
2.4 O subúrbio carioca no cenário das transformações urbanas nos primeiros anos do século XX .....	48
2.5 Evolução Urbana na cidade do Rio de Janeiro .....	55
2.6 Contradições do espaço suburbano .....	59
<b>3.A sociabilidade do suburbano carioca de acordo com Lima Barreto .....</b>	<b>61</b>
3.1 As microresistências e os divertimentos no subúrbio .....	61
3.2 A perspectiva de trabalho no cenário da <i>Belle Époque</i> .....	64
3.3 Personalidade e comportamento de Cazuzu: um suburbano solitário e frustrado .....	73
3.4 A moralidade e o comportamento dos suburbanos. ....	74
3.5 A Literatura suburbanade Lima Barreto .....	83
<b>Conclusão.....</b>	<b>86</b>
<b>Referências .....</b>	<b>91</b>
<b>Anexo .....</b>	<b>98</b>
1. Lista de Obras de Lima Barreto .....	99

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende abordar as conjunturas físicas e subjetivas do subúrbio carioca no início do século XX, a partir das obras de Lima Barreto. Neste sentido, pretende-se elucidar questões inerentes à estrutura física e à vida cotidiana no contexto suburbano, como bem são descritas e analisadas em seus escritos. Para tanto, se faz importante, primeiramente, discutir o contexto social e literário do escritor, assim como sua biografia e mecanismos literários.

Lima Barreto tem sido destacado como um escritor fundamental para os estudos do Rio de Janeiro na Primeira República, sobretudo em virtude de seu engajamento social e político transposto em sua produção literária. Por esse motivo, é comum que os pesquisadores ressaltem apenas o conteúdo de suas obras, não se importando com a estética. Neste sentido, coube ao primeiro capítulo elucidar os procedimentos éticos e estéticos de Lima Barreto. De maneira a não reduzir a produção da obra a seu contexto, a dimensão formal dos escritos de Lima Barreto será ressaltada juntamente com a dimensão do conteúdo, abordando a biografia e o contexto literário, social e político de Lima Barreto – a partir dos estudos de Maurício Silva (1996), Lilia Schwarcz (2017), José Murilo de Carvalho (1987), e entre outros.

De modo a dar embasamento para o capítulo seguinte, ao final do primeiro capítulo, as diferentes noções acerca de “subúrbio carioca” nas primeiras décadas do século XX, também são ressaltadas. Sendo assim, alguns dos principais autores sobre a temática são citados e confrontados, como por exemplos: Maurício de Abreu (1987); Nelson da Nóbrega Fernandes (2010); e Lilia Schwarcz (2017). Além disso, aborda-se a própria definição de Lima Barreto e as suas impressões sobre o subúrbio carioca; logo, “Clara dos Anjos”, “Na segunda classe” e “A estação” serão utilizados para descrever sua percepção acerca da contexto suburbano.

O capítulo dois desenvolve o primeiro problema deste trabalho: como Lima Barreto percebe as estruturas físicas do subúrbio carioca no início do século XX. Para tanto, é preciso entender a definição genérica de “subúrbio”, neste sentido utilizam-se as ideias de Lefebvre e José de Souza Martins. Em o “O direito à cidade”, Lefebvre teoriza sobre as percepções de cidade, urbano, campo, rural, e, finalmente, subúrbio. Inclinado a uma postura marxista, Lefebvre pensa a relação entre “campo x cidade” a partir das forças de produção e divisão social do trabalho. Para tal, ele adverte que “campo” é diferente de “rural”, assim como “cidade” é diferente de “urbano”.

A cidade se refere à dimensão espacial, no qual já existia antes da divisão social do trabalho; o urbano, em contraponto, é inerente à sociabilidade, isto é, está relacionado a uma “morfologia social”. Assim, a mesma lógica se aplica às noções de “campo” e “rural”; ou seja, o campo diz respeito à “morfologia material/espacial” enquanto o rural está ligado à dimensão social. A cidade para Lefebvre é obra, e como tal, prevalece o valor de uso; significando dizer que quanto mais atrações (eventos culturais e festas) a mesma ofertar, maior número de pessoas circularão nela. É neste ensejo que se pode falar em implosão e explosão das cidades. De acordo com Lefebvre o subúrbio advém do processo de explosão da cidade, em virtude de seu alargamento na direção horizontal.

José de Souza Martins pensa o subúrbio a partir de uma transição do tradicional para o moderno, e do agrário para o urbano. De acordo com sua lógica, inseridos num contexto de transição, os suburbanos têm um senso crítico mais aguçado sobre o sistema social – Lima Barreto, enquanto escritor suburbano, pode comprovar essa premissa. Neste ensejo, na crônica “De Cascadura ao Garnier”, Lima Barreto denota a linha tênue entre o agrário e o urbano no contexto do subúrbio carioca.

Não poderia deixar de falar também sobre as reformas urbanas empreendidas no início do século XX. Como base, utilizaremos a pesquisa de André Azevedo (2011) sobre a distinção entre as transformações nas estruturas físicas feitas pelo prefeito Pereira Passos e Rodrigues Alvez no período compreendido entre 1903 a 1906. A fim de embasar este momento de mudanças na cidade, será utilizada a obra “Os subterrâneos do Morro do Castelo” de Lima Barreto, no qual o escritor ironiza políticos e os ambiciosos capitalistas que empreenderam esforços para encontrar supostos objetos de valor enterrados por jesuítas no morro do Castelo. Ademais, utiliza-se também a crônica “O convento”, em que Lima Barreto faz críticas às reformas feitas na época, a fim de enquadrar o Rio de Janeiro nos moldes europeus; logo, o escritor censura a demolição do convento em prol da modernização.

Neste contexto de transformações do espaço físico da cidade, se torna importante perceber como o subúrbio é tratado pela administração municipal. Através das edições do jornal “O Subúrbio”, circulado no bairro do Méier entre 1907 a 1908, pode-se notar o descontentamento dos moradores quanto à disparidade de investimento governamental entre o subúrbio e as zonas central e sul. Neste jornal, os habitantes suburbanos reclamam da precariedade de serviços públicos e condições de vida.

Lima Barreto produziu muitas crônicas esboçando sua revolta com relação a tais diferenças de investimento, como em “Melhoramentos”, “Enterros de Inhaúma”, “O Prefeito e

o Povo” e “Estupendo melhoramento”. Nelas e em muitas outras, pode ser notado o quanto as reformas de Pereira Passos, Paulo de Frontin e de Carlos Sampaio aplicou, quase exclusivamente, recursos financeiros municipais apenas nas zonas sul e central da cidade do Rio, em detrimento do subúrbio e áreas periféricas.

O capítulo três se dedica e desenvolve o segundo problema da dissertação: a sociabilidade dos suburbanos nas obras do Lima Barreto. Trata-se, portanto, de ressaltar a vida cotidiana no subúrbio, apontando para os padrões de comportamento e a moral da época. Sendo assim, se fez importante retratar primeiramente o conceito de “cotidiano” sob à luz de Michel de Certeau (1994).

Segundo Certeau, o cotidiano pode ser capturado a partir das “microresistências” dos sujeitos; isto é, diariamente os homens comuns estão a desenvolver mecanismos – mesmo que pequenos – como respostas às imposições sociais, morais e religiosas – as identificadas “microresistências”. Por isso que, de acordo com Certeau, é preciso focar nas “trampolinagens” dos indivíduos.

Lília M. Schwarcz (2017) aponta que a literatura de Lima Barreto não produz um discurso de “vítima social”, pelo contrário, suas obras tinham um viés de “projeto literário”- sabendo do quanto sua condição de negro, pobre e suburbano o teria restringido na conquista de um espaço entre os literatos da época. Não se percebe facilmente os limites entre a ficção e a realidade, pois o escritor produziu muitos personagens com suas mesmas características. Por transpor suas vivências na produção literária, Lima Barreto se tornou referência para o estudo do contexto suburbano da época.

Encontram-se muitos textos no qual Lima Barreto descreve o modo de vida dos habitantes do subúrbio. Em “Bailes e divertimento”, por exemplo, Lima Barreto pontua, historicamente, os mecanismos de diversão entre os suburbanos; se antes toda a estrutura da casa era pautada nos “famosos bailes”, com o empobrecimento da população, as casas foram diminuindo e os bailes também.

Ademais, a percepção de trabalho era muito debatida na época. Nos estudos de Chalhoub (1986), é possível notar o quanto a ocupação profissional era moralmente importante para o sujeito. Num contexto em que se considerava o brasileiro preguiçoso – em virtude da mistura racial, no qual continha sangue negro e indígena, raças entendidas como inferiores – havia todo um “estímulo obrigatório” para o trabalho; caso contrário, o indivíduo era considerado “vagabundo”. Lima Barreto, em sua postura contraditória, tanto irá reproduzir esta mensagem como irá lançar pequenas doses de críticas a este modo de pensar. Sem enaltecer

demais ou estigmatizar, o escritor irá produzir personagens suburbanos trabalhadores e ociosos. Para exemplificar, serão utilizadas as crônicas “Feiras Livres”, “Quase ela deu seu sim, mas...” e o livro “Clara dos Anjos”.

Pode-se perceber o quanto Lima Barreto debruçou-se a analisar não apenas as estruturas físicas, mas também as subjetividades no contexto do subúrbio. Sendo assim, é fundamental usar as teorias de Norbert Elias (1990) sobre “figuração/configuração social” e “teias de interdependência”, para investigar o comportamento e a personalidade de personagens suburbanos descritos por Lima Barreto. Logo, utiliza-se a crônica “O único assassinato de Cazuzá” como referencial para esta temática. No texto, o escritor sugere através da fala do personagem a importância da figura materna na construção do indivíduo, ao ressaltar que depois da morte da mãe de Cazuzá, ele tornou-se mais retraído, desgostoso da vida e desconfiado de todos logo na primeira infância. Lima Barreto faz o retrato de um homem triste e, de certo modo, solitário em virtude não apenas da morte de sua mãe, mas também de suas inúmeras frustrações profissionais; até que, tendo alguma renda e uma casa no subúrbio, resolveu terminar a sua vida por lá.

Um dos quesitos que norteiam a sociabilidade refere-se à moral. Como temática importante, será traçada uma breve história do estudo da moralidade pela sociologia. O conceito de moral é múltiplo, mas podemos definir, grosso modo, à dimensão da vida prática – isto é, a ação – que se orienta pelos princípios, valores e normas nos quais determinam o que é bom ou ruim, justo ou injusto, errado ou certo, e bom ou ruim. Neste momento, será percebida nas obras de Lima Barreto a moralidade que norteava a vida dos suburbanos. Para tanto, serão utilizadas as crônicas “A penhora pela moralidade” e “Feiras e Mafuás”.

A moral tem um padrão de julgamentos – tangenciados por princípios, valores e normas – tanto das próprias ações, como das ações alheias. Os preceitos morais fazem parte de um todo cultural, que é externo ao sujeito; entretanto, com o processo de socialização, tais preceitos são internalizados, de forma a não serem muito percebidos, gerando os sentimentos de cunho moral – compaixão, ressentimentos, orgulho, etc – que modelam o comportamento (VANDENBERGHE, 2015). Em Lima Barreto, vemos tanto sua própria expressão de sentimentos morais como a avaliação de tais emoções nos suburbanos. Das muitas crônicas, pode-se citar “O trem de subúrbios” - publicada no “Gazeta de Notícias”, em 1921 – no qual o escritor expõe os comportamentos e sentimentos dos moradores do subúrbio no cotidiano do trem.

O último tópico refere-se à literatura suburbana de Lima Barreto, em que se pauta no trabalho recentemente publicado por Lília M. Schwarcz (2017) intitulado “Lima Barreto –

Triste Visionário”. Este momento da dissertação, visa o relato da conexão entre Lima Barreto, a literatura e o subúrbio. Nota-se o quanto as viagens de trem entre o subúrbio e o centro Rio foram importantes na sua produção literária. Eram através do trajeto que o escritor buscava inspiração para construir as histórias e seus personagens. A estação de trem, assim, fazia parte do projeto literário de Lima Barreto; de modo que, quando não era o tema principal de Lima Barreto, ao menos servia como ambiente para suas obras.

# 1.A Literatura de Lima Barreto

## 1.1 Forma e conteúdo nos contos de Lima Barreto

Para que se possa fazer um uso coerente da literatura pela sociologia, é preciso que se discuta a relação entre estética e ética da temática a ser trabalhada. Esta postura, nos afastaria dos equívocos referentes ao “sociologismo” e “economicismo”<sup>1</sup> cometidos por sociólogos como Goldmann (1967). Neste sentido, cabe abordar as imbricações entre forma e conteúdo na literatura de Lima Barreto.

Ao longo da pesquisa para construção deste capítulo, tornou-se evidente que há muitos artigos e livros que se debruçam a ressaltar apenas o conteúdo das obras de Lima Barreto<sup>2</sup>; desse modo, muito vagamente, se aborda suas inclinações estéticas; por muitas vezes, limitando-se a dizer que o autor em questão não se preocupava com a dimensão formal ao escrever. Entretanto, por mais militante que Lima Barreto fosse – e de fato, despreocupado com as “pompas e floreios” da estética de sua época – seu gosto pelo conto e a crônica, sobretudo – e não pelos gêneros novela e poesia, por exemplo – já se torna alvo de discussão sobre a “ética e a estética”.

Um dos trabalhos que mais se discute essa relação, é a dissertação de Renata Aguiar Nunes (2013), intitulada “Procedimentos, materiais e efeitos: ética e estética nos contos de Lima Barreto”. Nele, a autora afirma que, apesar dos contos de Lima Barreto não conterem uma estrutura fixa - em virtude de sua não rigidez às convenções literárias predominantes da época – há toda uma “organização interna” e uma “funcionalidade” que merecem ser investigadas. Ademais, a própria escolha do conto como recurso de expressão literária, implica em sua investigação, tendo em vista que “a identidade de cada contista está atrelada à forma como trabalha a estrutura de seu texto, de modo a denunciar sua relação com o mundo que o cerca e sua compreensão acerca do mesmo.” (NUNES, 2013, p. 42 – 43).

A crônica e o conto foram os dois gêneros literários mais utilizados por Lima Barreto. Não há um consenso entre a distinção dos dois gêneros, mas algumas peculiaridades são possíveis de serem confirmadas. Segundo Vicente Ataíde, a distinção entre conto,

---

<sup>1</sup> Trata-se de entender a obra literária enquanto reflexo de seu contexto social e econômico, respectivamente.

<sup>2</sup> Fator comum na dissertação de Pedro Belchior (2011), intitulada “Tristes subúrbios: Literatura, cidade e memória na experiência de Lima Barreto”; no artigo de Keila Vieira (2003), denominado “O social em Lima Barreto”; no trabalho de Jurema da Silva Araújo (2016), chamado “Entre grinaldas e buquês: a mulher na ficção de Lima Barreto”; e no artigo de Fantinati (2017), intitulado “Lima Barreto e a Mulher”. Esses são alguns exemplos, entre vários.

romance e novela não pode ser atrelada à quantidade e tamanho; visto que, comumente, se entende que a novela é mediana, o conto é curto e o romance é mais longo. Pode-se encontrar facilmente o contrário dessa atribuição. Desse modo, o que diferenciaria o conto dos demais gêneros seria, na verdade, a sua “célula dramática”; isto é, a correspondência de uma só ação e história, na qual o passado e o presente dos personagens não importaria, e o espaço físico do drama estaria restrito a um só lugar. Entretanto, no trabalho de Renata Nunes (2013) percebemos que esta definição de “conto” é muito reducionista quando se trata da literatura de Lima Barreto. Até porque, em muitos casos, o conflito não se orienta através de uma única história ou ação; neste sentido, o conto, com uma ação reduzida, pode se conter a descrever o espaço e o tempo apenas.

De maneira a observar a existência de contos cuja essência não é a presença de um clímax/conflito, passou-se a considerar nos contos mais modernos algumas particularidades: a ação reduzida ou ausência de ação dramática. Isto se manifesta muito frequentemente na literatura de Lima Barreto. Segundo Renata Nunes (2013, p.45), é comum em seus contos a inexistência de um acontecimento importante na condução da história, de modo a se restringir à “descrição de ambientes, de quadros da sociedade ou de situações desprovidas de tensão dramática ou mesmo pela exposição de ideias, estados emocionais e experiências de personagens”. Ademais, há casos em que os personagens se confundem com os acontecimentos, fazendo com que as situações descritivas do conto confundem-se às posturas do próprio narrador.

Outra característica importante de alguns contos de Lima Barreto refere-se à importância dada ao desfecho da história, isto é, o grande foco não se subjaz da ação interna dos personagens ou da descrição dos quadros sociais, mas sim da resolução de um acontecimento. Para tanto, Renata Nunes (2013, p.46) exemplifica o conto “Despesa filantrópica”, no qual o foco da narrativa não era a descrição das condições sociais ou psicológicas dos personagens, mas sim a abordagem da “facilidade de se resolver as intrigas no sertão por meio de assassinatos”.

O diálogo como pretexto para pensar questões sociais, é algo recorrente também nos contos de Lima Barreto. Esta postura se justifica pelo seu hábito em fincar as reflexões sob a realidade, afastando-se de meras abstrações. Neste sentido, quando isso ocorre há uma “ausência de conflito dramático entre os personagens e suas ideias”, fazendo-se recair a contrariedade nas próprias observações dos personagens sobre as condições sociais (NUNES,



2013, p.47). Entre esses e outros motivos que se pode confirmar a característica principal dos contos de Lima Barreto: a presença da “ação reduzida”.

Isto significa afirmar que em boa parte de seus contos não há uma predominância de ações entre os personagens, a ponto de gerar uma tensão dramática – ou seja, não há forças conflitantes entre os personagens, havendo no máximo uma discordância entre seus valores e crenças. No entanto, em alguns contos pode-se notar a existência de pequenos núcleos dramáticos, nos quais não chegam a ser o grande destaque do conto; de maneira que, mesmo que haja pequenas ações conflituosas entre os personagens, a característica principal se assenta em reflexões críticas de cunhos mais gerais.

A ação reduzida se dá, sobretudo, por meio de diálogos; neste caso, a ação quando iniciada é rapidamente interrompida, encaminhando-se para o desfecho. Desse modo, diante de todas essas características, se pode afirmar que os contos de Lima Barreto, aproximam-se dos chamados “contos de ideia”, no qual, tudo se direciona para a reflexão sobre questões relativas à psicologia e socialização do homem, sob a inclinação da ação reduzida – em que, não se pode afirmar uma ausência de ação, mas sim uma rapidez e interrupção da mesma; geralmente configurada entre posturas opostas sobre acontecimentos e valores dos personagens do diálogo, e não fruto de um problema advindo de uma situação vivenciada entre eles.

## **1.2 Uma breve reflexão sobre “ética e estética” e a suposta *transmodernidade* de Lima Barreto**

No ensejo do debate entre “forma e conteúdo”, se faz necessário complementar tal reflexão à luz das ideias de Antônio Cândido acerca do processo de produção literária, a fim de se contrapor tais perspectivas aos posicionamentos de Goldmann. Não sendo consensual, cada pesquisador poderá compreender os movimentos literários a partir de diferentes visões; no caso de Lima Barreto, não é diferente: enquanto Moraes e Koenig consideram Lima Barreto um escritor *transmoderno*, Mauricio da Silva o considera pré-modernista.

Em “Literatura e Sociedade”, Antônio Cândido (2015, p.40), ao abordar as configurações das obras de arte, nos propõe pensar a forma enquanto “modalidades de comunicação” e o conteúdo, vinculado a “valores e ideologias”. De maneira a exemplificar o quanto a dimensão ética está repleta de noções atreladas às especificidades de cada sociedade, Antônio Cândido demonstra como isso pode ser verificado em poesias de sociedades tradicionais; assim, em uma das passagens dessas produções literárias, a poetisa diz: “nossos maridos vem chegando, eu vou

comer”. Logo, as alegrias provindas do sucesso da caça são marcadas nesse trecho de poesia esquimó.

Antônio Cândido nos explica que há diversas técnicas de comunicação que configuram o âmbito estético; podem ser de tipo imaterial e/ou material. De forma imaterial, o uso do estribilho para marcar memória e chamar a atenção das pessoas pode ser um exemplo; no que tange aos recursos materiais, pode-se citar as telas, os livros e instrumentos musicais. A história da poesia é perpassada por técnicas de comunicação que não se restringe à escrita; quando não havia ainda tal recurso, a musicalidade marcou passagem em sua transmissão em público. Se a produção da poesia era destinada para um momento em coletivo, com o advento da escrita, este momento se tornou, na maior parte das vezes, individual e introspectivo. A partir dessas afirmativas, portanto, pode-se notar com mais clareza o quanto as técnicas de comunicação e as perspectivas sociais estão vinculadas à configuração do todo artístico.

No entanto, o atrelamento entre as dimensões estéticas e éticas da obra literária, nem sempre foi concebido como verdadeiro. Há sociólogos que levaram a cabo a perspectiva de reflexo entre o contexto e a produção literária <sup>3</sup>. Esta ideia esteve presente nas obras de Goldmann (1967), que acreditava que a imaginação literária do escritor era reflexo do grupo/classe social a qual pertencia.

Adepto das concepções de “assimilação” e “acomodação” de Piaget, Goldmann afirmava que as estruturas mentais dos indivíduos são formadas pelo processo de assimilação e acomodação através da interação com o grupo social ao qual pertence. Embasado nesta perspectiva coletivista, o pensador adere à concepção de “sujeito transindividual” nos ensejos de seus trabalhos. Portanto, o sujeito é pensado em suas “relações intrasubjetivas”, em que o “indivíduo” não é considerado fora de seu grupo social; todavia, cabe ressaltar que sua percepção de sujeito não é aquela concebida por Durkheim - “sujeito coletivo”, isto é, totalmente inerte diante da sociedade -, mas sim aquele que, na interação com o seu grupo social, age nas “estruturas significativas”.

Goldmann percebe que o sujeito transindividual mais importante é a classe social, e que os demais sujeitos transindividuais – a família, os grupos de intelectuais, os grupos profissionais, etc – na análise das obras literárias, constituiriam apenas explicações periféricas, e não a sua estrutura essencial (GOLDMANN, 1967, p. 210). Portanto, pautando-se nos

---

<sup>3</sup> Os arcabouços sociais/econômicos e as bagagens psíquicas do indivíduo certamente influenciam no produto literário; no entanto, o destaque acentuado no contexto social/econômico e na biografia do autor, torna-se problemático na medida em que se rechaça toda a riqueza estética da obra reduzindo-a a simples documento de época – a esta inclinação determinista no social e econômico, denominou-se de “sociologismo” e “economicismo”, respectivamente.

pensamentos de Marx, Goldmann também dá uma importância acentuada no plano econômico, percebendo que as relações de produção refletem nos demais âmbitos sociais; assim, a consciência do escritor é relativa ao sujeito transindividual – a classe social a qual pertence.

Na contramão de Goldmann, Theodor Adorno propõe pensar as obras literárias não sob a luz de um espelhamento, mas a partir de um processo de contradição entre o todo e as partes. Segundo seu entendimento, a obra de arte reproduz as tensões inerentes à vida social; entretanto, como constituinte também desse todo social, a produção artística se opõe a ele, de maneira a configurar sua singularidade (NORITOMI, 1995). Não deixando margem para uma interpretação calcada no “reflexo”, Adorno percebe a relação entre arte e sociedade à luz de um processo de internalização e mediação.

Neste sentido, tal relação está expressa na estética/forma da obra de arte, e não no seu conteúdo; configurada num movimento de internalização no qual o “externo se torna interno no corpo artístico” (NORITOMI, 1995, p.71). Jameson usa o termo “transcodificação” referindo-se à “mediação”, no qual seria justamente o momento de tradução dos códigos da realidade social por meio de elementos estéticos. Sendo assim, na estrutura de uma frase e no valor semântico dos termos, por exemplo, podemos perceber as percepções de mundo do autor. Nota-se que a reflexão dialética de Adorno respeita a dimensão estética da obra; no entanto, o pensador não cai no “formalismo”, de maneira a considerar também a dimensão social e histórica da produção artística/literária, na qual só pode ser percebida na dimensão estética/formal.

Antônio Cândido é considerado um dos seguidores do estudo dialético proposto por Adorno; apesar de algumas atitudes contraditórias que pressupõem um afastamento das ideias adornianas - como por exemplo, a afirmativa de que o interesse do sociólogo defronte a uma obra literária deve restringir-se apenas aos assuntos sociológicos referentes ao público, a obra e ao autor – sua obra “Dialética da malandragem”, é considerada um marco da análise dialética no campo literário. Nesta pesquisa, ao analisar a obra “Memórias de um sargento de milícia”, Antônio Cândido afirma que uma obra bem trabalhada esteticamente gera uma análise enriquecedora (NORITOMI, 1995). Sendo assim, Cândido se aproxima de Adorno ao denotar a importância de se estudar “desde dentro da obra” nos estudos sociológicos da literatura. No entanto, Antônio Cândido é criticado por essa postura ao analisar Lima Barreto; isto porque, sendo a escrita de Lima Barreto mais coloquial, o literato suburbano seria considerado um “escritor menor”, em virtude de sua postura despreocupada na construção estética de suas obras.

De acordo com Cândido, em seu estudo intitulado “Crítica e Sociologia”, não devemos analisar as obras procurando os significados das questões sociais que nelas permeiam, e nem mesmo reduzir o “social” como causa das obras, mas se deve entendê-lo como constituinte da própria estrutura do “produto literário”; isto é, os fatores externos já estariam internalizados na obra. No entanto, cabe ressaltar que esta perspectiva não requer um olhar unilateral ou dualista no que se tange à forma e ao conteúdo; estes devem ser pensados de maneira conjunta, segundo Antônio Cândido.

Foi nesta perspectiva que analisou a obra de Manuel Antônio de Almeida, “Memórias de um Sargento de Milícia”; isto é, fazendo uso prático da matriz dialética. O autor pôde observar nas entrelinhas da estrutura estética da obra – isto é, debruçou na análise da construção das frases, no enredo, no uso da linguagem, na narração e etc. - uma tensão entre “ordem e a desordem”, no qual abriu caminho para descobertas sobre os conflitos sociais existentes entre as noções jurídicas e convencionais, e, por outro lado, as perspectivas informais.

No artigo de Moraes (2016) e Koenig (2016), intitulado “A ética da estética na crônica “não as matem” de Lima Barreto: uma análise da condição da mulher no início do século XX via sociologia compreensiva”, encontra-se uma reflexão específica, à luz das noções de “*transmodernidade*” e “ética da estética” de Maffesoli, sobre as crônicas de Lima Barreto.

É própria da modernidade a separação entre razão e emoção, de maneira que muito frequentemente se distanciou a ética da estética. De acordo com o artigo supracitado, Lima Barreto pertence ao que é chamado de “modernidade tardia”, em que se superaria a relação dualista entre subjetividade e objetividade, ocasionando também na importância de se atrelar o conteúdo à forma. No que tange a Lima Barreto, torna-se evidente esta aproximação ao fazer uso da coloquialidade, sobretudo, para ressaltar a condição dos “desvalidos pelo processo de modernização”.

No âmbito literário, a tentativa de “encaixar” os escritores em escolas literárias é sempre uma tarefa problemática, na qual abre espaço para inúmeras especulações. Se Maurício Silva (1996) subdivide os estilos literários da *Belle Époque* carioca entre “oficialidade”<sup>4</sup> e “pré-modernismo”<sup>5</sup>, no qual Lima Barreto seria considerado um escritor “pré-modernista”, Moraes

---

<sup>4</sup> Literatura oficial: Valorização da superficialidade; literatura de caráter trivial e fútil; Academia Brasileira de Letras. Resumindo: "Uma literatura satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião nem abismos. Sua única mágoa é não parecer de todo europeia."(Antônio Cândido)

Representantes da oficialidade: Coelho Neto, Olavo Bilac, Afrânio Peixoto, João do Rio e Martins Fontes.

<sup>5</sup> Literatura pré-modernista: Ênfase às questões da realidade social, psicológica e humana, acarretando um espaço de reflexão sociológica acerca de uma temática. Valorização de espaços como confeitarias, botequins, e cafés. Representantes pré-modernistas: Lima Barreto, Monteiro Lobato e Euclides da Cunha, etc.

e Koenig (2016) o consideram um escritor “*transmoderno*”. A noção de “*transmodernidade*” é cultivada por muitos pensadores para denominar a passagem da modernidade para a pós-modernidade, entre eles se encontra Maffesoli.

Tomada como uma passagem no tempo histórico, a perspectiva de modernidade é percebida como um período que teve seu início depois do Renascimento, a partir do século XVII, no qual afeto e razão eram compreendidos por ideias excludentes, dando importância à razão e à individualidade. Contrária a esta perspectiva, a pós-modernidade está repleta de noções coletivistas, nas quais se configuram a chamada “sinergia”, em que os fragmentos são importantes para compor o todo social.

A sinergia é a característica mais importante da forma, é o que agrega, o que agrupa e mantém a autonomia de cada elemento mas modelando em uma unicidade, “[...] onde luz e sombra, funcionamento e disfuncionamento, ordem e desordem, visível e invisível entram em sinergia para produzir uma estática móvel que não deixa de espantar os observadores sociais, e que levam um problema epistemológico cujas consequências apenas começamos a entrever.” (RAMOS, 2010, p. 50)

No caso da *transmodernidade* há o que Maffesoli chama de “razão sensível”, no qual cai por terra a dicotomia entre razão e afeto, dando-se margem à complementariedade entre as duas. Desse modo, neste período se resgataria a sensibilidade que foi deixada para trás pelo advento da modernidade. Entretanto, a sensibilidade não estaria restrita à psicologia e à vida privada, ela também seria alvo de reflexões sociais. Neste contexto, a literatura ganha destaque na abordagem de questões psicológicas e sociais; não restringindo-se ao enfoque individualista ou coletivista. É por esse motivo que as autoras Kroeng e Moraes (2016), compreendem Lima Barreto como um escritor *transmoderno*, no qual há visivelmente questionamentos de ordem psicológica e social em seu romance. De modo geral, Lima Barreto transcende a rigidez gramatical vigorada em sua época optando por uma “coloquialidade”, na qual o aproximaria da realidade. Nesta aproximação, sua literatura ficou conhecida por apontar diversas mazelas sociais e características do comportamento humano – e, de maneira mais restrita, do suburbano.

A Literatura, portanto, vem caminhando em prol da desmitificação da perspectiva de reflexo no qual a obra seria o espelho do contexto social em que foi criada. Tanto em Adorno, como em Antônio Cândido e Maffesoli, a noção de reflexo foi rechaçada para dar lugar a postura de complementariedade/mediação entre ética e estética no momento do estudo das obras literárias.

### **1.3 Lima Barreto: um escritor dos pobres inserido no cenário da *Belle Époque***

Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881, no Rio de Janeiro. Sua mãe, Amália Augusta, era professora primária; enquanto seu pai, João Henrique, era tipógrafo. Apesar de serem mulatos e vivido na época da escravidão, ambos eram livres e tinham boas relações com as elites cariocas. Este fato fez com que escolhessem o Barão de Ouro Preto como padrinho de Lima Barreto; com ótimas condições financeiras, o mesmo custeou os estudos do afilhado no Liceu Popular Niteroiense, uma das melhores escolas fluminense.

A vida do escritor se transformou após a demissão de seu pai da Tipografia Nacional a partir da implantação da República, em 1889. Logo em seguida, João Henrique teve que se sujeitar a empregos mal-remunerados para prover o sustento dos filhos; no ano seguinte, aceitou trabalhar como almoxarife em uma instituição psiquiátrica, mas que lhe proporcionava moradia. A queda do padrão de vida de Lima Barreto fruto da demissão de seu pai, somou-se a outros fatores que criaram no escritor repulsa pelo sistema republicano, e afinidade pela monarquia.

O livro “Os bestializados”, de José Murilo de Carvalho, expõe que a recepção da República pela população negra e pobre não foi das mais animadoras, visto que a Monarquia estava no auge de sua popularidade em virtude da abolição da escravatura. De acordo com o historiador, era possível ainda presenciar as comemorações por esse feito nas ruas:

A abolição deu ensejo a imensos festejos populares que duraram uma semana e se repetiram no ano seguinte, cinco meses antes da proclamação da República. A simpatia popular se dirigia não só à Princesa Isabel, mas também a Pedro II, como ficou evidenciado por ocasião da comemoração do aniversário do velho imperador, a 2 de dezembro de 1888. Segundo o testemunho do republicano Raul Pompeia, o Paço Imperial foi invadido por "turba imensa de populares, homens de cor em maior parte". A polícia teve de intervir para convencer alguns dos manifestantes de que pelo menos vestissem camisa para se apresentarem ao imperador. (CARVALHO, 1987, p. 29)

Com a implantação da República, vieram uma série de medidas impopulares que ocasionaram a repulsa dos negros e pobres. A fim de transformar o Rio de Janeiro em uma nova Paris, várias atividades ligadas às classes mais carentes foram proibidas e perseguidas: o jogo do bicho, a capoeira e o hábito de entregar leite nas portas foram algumas delas. Em “Lima Barreto e a República”, Beatriz Rezende (1989, p. 91-92) demonstra as inquietações do escritor suburbano quanto ao regime republicano; neste artigo, no qual encontram-se fragmentos de crônicas do autor, é visível o descontentamento de Lima Barreto com o novo cenário político:

A República chegou áspera e ríspida. Ela vinha armada com a política positivista de Comte, e com seus complementos: um sabre e uma carabina.  
Nascendo como nasceu, com esse aspecto de terror, de violência, ela vai aos poucos acentuando as feições que traria do berço.

Lima Barreto viu seus ideais ruírem com a República. Se o literato ligava à literatura a missão de “fazer comunicar umas às outras”, gerando, portanto, solidariedade humana, com o advento do regime republicano, Lima Barreto viu surgir o oposto da união tão almejada. De acordo com Maria Alice de Carvalho (1985, p.9), a postura positivista adotada pelo poder republicano, na visão de Lima Barreto, trouxe consigo o “conflito bestial entre os homens sem as marcas da solidariedade”.

As marcas da segregação de classe foram estendidas durante toda fase da *Belle Époque* no Rio de Janeiro. Aqui, tal movimento cultural de cunho burguês demarcou mudanças nos planos subjetivo e objetivo; para tornar a capital federal uma nova Paris, uma série de mudanças foram empreendidas em suas estruturas físicas e culturais. No que tange às primeiras, as reformas urbanísticas foram protagonizadas pelo então presidente Rodrigues Alves e o prefeito Pereira Passos.

Antes mesmo de Rodrigues Alves tornar-se presidente da República em seu primeiro mandato (1902-1906), os jornais e as entidades privadas (como o Clube de Engenharia) pressionavam para que houvessem reformas na cidade do Rio de Janeiro. As fachadas sujas dos prédios coloniais eram vistas como não civilizadas; ademais, as reformas em Buenos Aires, na Argentina, teriam provocado “inveja” na sociedade carioca, visto que, enquanto a capital federal brasileira era ligada à imagem de decadência, a sua “rival” sul-americana era atrelada ao progresso. Por esses motivos, assim que tomou posse da presidência, em 15 de novembro de 1902, Rodrigues Alves prometeu “regenerar” o Rio de Janeiro (AZEVEDO, 2011).

Em seu discurso de posse, Rodrigues Alves enfatiza a importância de se reformar a cidade para atrair imigrantes, que seriam sinônimo de progresso econômico para o país. O progresso material atrelado à imigração, já era um projeto das elites paulistas em 1887, visível nos discursos da “Pátria Paulista”, de Alberto Salles. De acordo com essa perspectiva, a imigração traria não apenas avanços no âmbito econômico, mas também traria benefícios em níveis intelectual, moral e cultural.

Ademais, enveredado por esta ideia de avanço econômico, pretendeu-se modernizar o Porto do Rio de Janeiro a fim de equilibrar a dívida pública adquirida desde o início da

implantação do regime republicano, tornando o Tesouro Nacional menos dependente dos impostos sobre as importações (AZEVEDO, 2011).

Neste contexto de clamor por mudanças físicas nas estruturas do Rio de Janeiro, as reformas empreendidas no governo de Pereira Passos ficaram conhecidas. Nomeado como prefeito da então capital federal pelo presidente Rodrigues Alves, Pereira Passos também transpôs para seu mandato o ideário de modernização da cidade do Rio; modernização esta que Lima Barreto tanto criticara pelo seu caráter segregatório. Ao receber “carta branca” do prefeito, foi o médico responsável pelo Serviço de Saúde Pública, Oswaldo Cruz, quem promoveu o processo de “higienização da cidade”, acarretando mudanças geográficas.

Entre o final do século XIX e início do XX, a sociedade carioca contava com um grande contingente de imigrantes ex-escravos, que foram para a capital do Rio de Janeiro em busca de emprego. Tal população passou a se agrupar em velhos casarões do centro carioca, dando origem aos cortiços; tais habitações careciam de qualidade de vida, geralmente eram focos de doenças, como: varíola, cólera e febre amarela. No entanto, na tentativa de conter o alastramento de doenças, o processo de higienização gerou a migração das pessoas moradoras dos cortiços para as favelas e áreas periféricas, mostrando a face do aspecto segregatório da modernidade carioca.

O aumento da migração para essas localidades culminou no alargamento do espaço geográfico, que não foi acompanhado pela melhoria e expansão dos serviços estruturais; isto é, o sistema de saúde, abastecimento de água, os serviços de transporte, etc. ainda deixavam muito a desejar. Todo esse descaso governamental quanto às zonas periféricas e encostas dos morros, pode ser notado nas crônicas e contos de Lima Barreto. Vejamos, portanto, como o literato descreve o subúrbio e “Maxambomba” (região adjacente, atual Nova Iguaçu):

[...] Toda essa gente que vai morar para as bandas de Maxambomba e adjacências, só é levada a isso pela relativa modicidade do aluguel de casa. Aquela zona não lhes oferece outra vantagem. Tudo é tão caro como no subúrbio, propriamente. Não há água, ou, onde há, é ainda nos lugarejos do Distrito Federal que o governo federal caridosamente supre em algumas bicas públicas; não há esgotos; não há médicos, não há farmácias. Ainda dentro do Rio de Janeiro, há algumas estradas construídas pela Prefeitura, que se podem considerar como tal; mas, logo que se chega ao Estado, tudo falta, nem nada há embrionário. (BARRETO, 2016, p. 43)

Os jornais e revistas foram meios de comunicação importantes para a reclamação dos desleixos do Estado. Depois de ser aposentado, em 1919, por invalidez pela Secretaria da



Guerra, devido às inúmeras internações hospitalares que sofrera, Lima Barreto passou a se dedicar com mais afinco à atividade de jornalista, fazendo contribuições regulares à revista *Careta*, na qual ganhava um salário fixo e que o ajudou a suprir suas despesas. Neste momento, já afastado do cargo público, Lima Barreto sentia-se mais à vontade para desabafar sobre os problemas do Brasil e da sociedade carioca (RESENDE, 2004).

Na crônica intitulada “Na segunda classe”, publicada em 1919, na revista *Careta*, Lima Barreto (2004, p.559) retrata as péssimas condições do trem e a triste realidade do trabalhador. Em uma das passagens, o literato afirma que as plataformas eram “compactas muralhas de corpos humanos”, e que o dia poderia estar fresco, mas dentro do trem “era um forno”. Depois de descrever o estado do transporte, o escritor interrompe a descrição para produzir um diálogo entre as personagens “Pretextata” e “Iponema”. A conversa na crônica se inicia com Pretextata reparando no aspecto “magro” e “escaveirado” no qual Iponema se encontra; a última justifica que se encontra em tal estado em virtude de uma encomenda de uniformes de soldado feito pelo Arsenal de Guerra. Questionada sobre a quantia de dinheiro ganho para fazer o trabalho de costura, Iponema diz que apesar de ser uma boa quantia, já se foi quase tudo nos gastos com “médicos e botica”, devido ao desgaste do trabalho.

Inclinado às problemáticas sociais e psicológicas, o estilo de Lima Barreto não era bem visto pelos autores mais destacados de sua época. Coelho Neto, escritor conclamado da *Belle Époque*, inclinava-se a uma literatura na qual o literato suburbano costumava rechaçar: o privilégio de aspectos exteriores, muitas vezes mundanos e superficiais (SILVA, 1999). Ao reparar a discrepância entre os dois autores, encontram-se alguns trabalhos que os põem em comparação, Mauricio Silva (1999) é dos pesquisadores que se debruçam a tal empreendimento. Em seu trabalho intitulado “Lima Barreto e Coelho Neto: Divergências literárias na literatura brasileira na passagem do século”, Mauricio Silva compara “Tormentas”, de Coelho Neto, e “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto.

Pedi a saia, o espartilho, ajustou-o, apertou-o à cinta tirando com força pelos cordões. Os quadris saltaram e ella poz-se a colleiar, a retorcer-se accommodando-se naquela couraça de velludo e sêda (...) o guarda-vestidos escancarado parecia um mostrador de bazar: eram blusas crespas, de côres vivas, muito tufadas; eram saias escorridas, uma ampla capa gola alta, outra arrecamada de lentejoulas, comprido focale de plumas, a manga carmesi dum casaco entre rendas dum vestido... (NETO, 1920, p.160 *apud* SILVA, 1999, p.4)

A tarde se aproximava e as toilettes domingueiras já apareciam nas janelas. Pretos com roupas claras e grandes charutos ou cigarros; grupos de caixeiros com flores estardalhantes; meninas em casas bem engomadas; cartolas antidiluvianas ao lado de vestidos pesados de cetim negro, envergados em corpos fartos de matronas

sedentárias; e o domingo aparecia assim decorado com a simplicidade dos humildes, com a riqueza dos pobres e a ostentação dos tolos. (BARRETO, 1987, p.61 *apud* SILVA, 1999, p.4)

Os trechos acima ilustram algumas discrepâncias do estilo literário de Lima Barreto e Coelho Neto. Enquanto este se atém a descrições exteriores aos indivíduos, esforçando-se para descrever superficialmente os objetos, sem fazer qualquer alusão a suas características sociais; em Lima Barreto nota-se o oposto: um simples fato/tema/personagem adentra-se em um âmbito de discussão sobre as condicionalidades pessoais e sociais. Por esse motivo, o literato suburbano foi considerado um escritor pouco criativo, em virtude de sua capacidade de não estabelecer uma divisão do que é real e ficção.

Lima Barreto deixava claro não só a sua antipatia pelo estilo “retórico” e “grego” de Coelho Neto, mas também por sua preocupação com coisas consideradas fúteis. Enquanto cronista esportivo, Coelho Neto considerava importante o apoio do governo para o futebol que, no Brasil, estava dando seus primeiros passos. Em algumas crônicas publicadas na revista *Careta*, Lima Barreto usa-se de ironia para afirmar os absurdos das opiniões de Coelho Neto, de maneira a sempre defender que o governo deveria preocupar-se com outros âmbitos sociais (saúde pública, saneamento, etc).

Na crônica “Uma partida de football”, publicada em 1919, Lima Barreto (2004, p. 29) tenta nos convencer através de ironia o quanto o brasileiro valoriza atividades/funções secundárias, o futebol é um exemplo; em uma passagem, o literato afirma que tal atividade esportiva pertence apenas às “coisas elegantes que as elegâncias cariocas podem fornecer ao observador imparcial”. E, se Coelho Neto, defende que o governo deveria investir mais em tal esporte, Lima Barreto coleciona notícias que afirmam o quão infrutífero poderia ser tal investimento, tendo em vista que nem todos têm habilidade para o futebol.

[...] os nossos jogadores de *football*, porém, são excelentes modelos, em que o crânio alongado e pontiagudo dá um remate de beleza aos seus membros inferiores que muito lembram certos ancestrais do homem [...] O Senhor Coelho Neto, a quem muito admiro, já fez apologia desses Apolos, com a força de sua erudição em cousas gregas. Não há, portanto, nos nossos hábitos, fato mais agradável do que assistir uma partida de bolapé. (BARRETO, 2004, p.29)

Não ficam aí as demonstrações inequívocas das vantagens de tão delicado jogo. Todas as segundas-feiras, quem tiver paciência, pode procurar muitas outras no noticiário dos jornais [...] Depois de semelhantes provas, não se pode esperar do nosso governo não fornecer aos futebolescos os trezentos contos que precisam, para mostrar as suas belas gâmbias simiescas em Antuérpia. (BARRETO, 2004, p.196)

#### 1.4 As contradições de Lima Barreto

As obras de Lima Barreto vêm sendo aclamadas pelo movimento negro em virtude da pouca visibilidade de suas produções literárias no contexto político e social em que viveu. O início do século XX, foi marcado por preceitos racistas<sup>6</sup> e elitistas, no qual boa parte das rejeições da obra de Lima Barreto podem ser relacionadas a sua origem pobre e negra. Enquanto escritor politizado, ele transpôs para as obras, personagens com suas mesmas características, criticando o preconceito social e o poder público que só valoriza a elite e a tendência literária da época. Entretanto, Lilia Moritz Schwarcz (2010) traz à tona elementos contraditórios da personagem de Lima Barreto, que merecem destaque para a ilustração de uma imagem mais fidedigna.

O escritor suburbano criticava, por exemplo, o formalismo ortográfico da Academia Brasileira de Letras, mas tentou por algumas vezes ser aceito neste reduto de intelectuais; no entanto, foram negadas todas as suas tentativas, pois tal instituição não admitia o tratamento informal da língua, aderido pelo autor em suas obras. A informalidade linguística, segundo o autor, era uma forma de se aproximar ao máximo da conversação cotidiana das pessoas que encontravam pelas ruas.

A literatura parece ser, assim, refúgio e igualmente muralha; local onde o escritor busca inserir-se na sociedade, mas também de constatação de certa impotência social. Da mesma maneira, Lima Barreto oscilava, dramaticamente, entre se ajustar aos cânones vigentes e desafiá-los; entre tomar parte dos círculos literários oficiais e criticá-los. Pensados nesses termos, literatura, jornalismo, intervenção social e política compõem um mesmo modelo, que parece ter sido cuidadosamente criado pelo autor, para quem escrever significava atuar e apresentar-se socialmente. (SCHWARCZ, 2010, p.15)

Ademais, Lima Barreto era funcionário público, mas em muitas crônicas estabeleceu críticas a cargos dessa categoria. Reclamava do ócio do funcionalismo, sendo ele mesmo praticante de tais tempos livres para se dedicar à produção literária. Somado a profissão de amanuense, seu sustento também advinha dos escritos publicados em jornais importantes do Rio de Janeiro, como o ABC, A Voz do Trabalhador e O Suburbano. Apesar das publicações esporádicas, tais trabalhos deram a si uma maior visibilidade. Segundo Lima Barreto (1919, p.2 apud SCHWARCZ, 2010, p.41):

---

<sup>6</sup> Na época, estavam em voga teorias racialistas que desqualificavam o negro, o índio e a mulher, são essas: o “racismo científico”, “darwinismo social” e a “eugenia”. Esses campos de estudos atrelavam o pouco desenvolvimento do país às condições climáticas e a mistura de raças inferiores (índios e negros) e superiores (brancos). Este hibridismo e o clima fez com que o povo brasileiro fosse tachado de “preguiçoso”.

(...) Os dias no emprego do Estado nada têm de imprevisto, não pedem qualquer espécie de esforço a mais, para viver o dia seguinte. Tudo corre calma e suavemente, sem colisões, nem sobressaltos, escrevendo-se os mesmos papéis e avisos, os mesmos decretos e portarias, da mesma maneira, durante todo o ano, exceto os dias feriados, santificados e os de ponto facultativo, invenção das melhores da nossa República. De resto, tudo nele é sossego e quietude. O corpo fica em cômodo jeito; o espírito aquietase, não tem efervescências nem angústias; as praxes estão fixas e as fórmulas já sabidas.

Somado a isso, Lima Barreto reclamava do clientelismo, mas já usou de influência com pessoas de alto relevo para poder conseguir benefícios; como seu apadrinhamento com Visconde de Ouro Preto, no qual resultou em sua permanência por longo tempo em ótimas escolas do Rio de Janeiro. No entanto, apesar da figura contraditória, Lima Barreto também apresenta inúmeras constâncias: a crítica ao preconceito social e racial, o asco pelo bovarismo da pequena burguesia, o descaso estatal aos bairros suburbanos, a despreocupação ao embelezamento das letras, são algumas de muitas certezas que podemos ter quanto ao autor. Autor este, que preferiu o relato dos problemas sociais à ênfase do “sorriso da sociedade”, tão comum entre os escritores aderidos ao modo francês de fazer literatura.

### **1.5 As elites políticas da Primeira República**

A proclamação da República, já mencionado acima, não teve participação popular; segundo os historiadores, a implantação do sistema republicano foi fruto de um golpe militar apoiado pelas elites agrárias que exerciam influência tanto política como econômica em suas respectivas províncias. No entanto, os militares e as oligarquias tinham planos distintos para o Brasil. Se os primeiros ambicionavam a centralização política, os últimos almejavam a descentralização. Embora os dois primeiros presidentes fossem militares, foram tais elites que marcaram presença no início da República.

A "Política dos Governadores" foi o nome dado ao acordo entre o presidente e as elites agrárias das províncias, iniciado a partir da presidência de Campos Sales que exerceu mandato de 1898 a 1902. Tal acordo previa maior equilíbrio no poder central, afastaria a influência dos opositores e garantiria o compromisso da presidência com as oligarquias que, por sua vez, deveriam apoiar o futuro presidente no Congresso (DIAS, 2017).

A maior influência das oligarquias em detrimento dos militares já poderia ser notada na própria Constituição de 1891, marcada fortemente pelo Partido Republicano Paulista que, por sua vez, almejava a descentralização do país. A Constituinte é conhecida pelo seu caráter

aristocrático: apenas homens alfabetizados e maiores de 21 anos poderiam votar. De influência norte-americana, a descentralização política foi levada a cabo; sendo assim, a partir daí, ficou decidida a separação do Brasil em 20 estados e o distrito federal. A partir daí cada estado tinha autonomia política e administrativa sob comando de um governador. (DIAS, 2017).

No que se tangem às eleições, os fazendeiros conquistaram um papel de destaque neste período, ao fazer a interlocução entre os candidatos a presidente/governador/prefeito e os eleitores, em processos conhecidos por "coronelismo" e "clientelismo". A origem do termo "coronel" foi instituída na Guarda Nacional (1832), e significava a classe mais alta do comando; no entanto, depois da Guerra do Paraguai e o fortalecimento do exército, o termo passou a ser empregado de forma direcionada aos latifundiários do interior do Brasil. (DIAS, 2017)

A figura do coronel foi peça fundamental ao que se denomina por "votos de cabresto", na Primeira República (1889-1930). Os "votos de cabresto" eram mecanismos utilizados pelos coronéis para que garantissem a vitória dos candidatos apoiados através tanto da troca de favores como da coerção dos eleitores.

No artigo de Sumara Conde Sá Pinto (1998), intitulado “Revisitando ‘velhas’ questões: Coronelismo e Clientelismo na Primeira República Brasileira”, há uma distinção clara entre as práticas do coronelismo e do clientelismo; diferença esta, assentada nos estudos clássicos de Victor Nunes. Segundo a autora, a diferença principal se remete à temporalidade: enquanto o coronelismo é identificado no estudo da Primeira República, o clientelismo é identificado em qualquer momento histórico desde que os âmbitos públicos e privados estejam mesclados.

[o coronelismo é] um sistema político historicamente datado, específico da Primeira República, originário da confluência de um fato político - o federalismo implantado pela República que criou um novo ator político com amplos poderes, os governadores de estado - e de uma conjuntura econômica - a decadência dos fazendeiros, que passaram a ver aliança com o governo uma forma de manter o seu poder político no nível do local. (PINTO, 1998, p.126)

Existem muitas definições para o fenômeno, mas, de maneira geral, o clientelismo consiste em um tipo de relação entre atores políticos que envolve concessão de benefícios públicos na forma de empregos, vantagens fiscais, inclusive isenções, em troca de apoio político sobretudo na forma de votos. Trata-se, nesse sentido, de um atributo variável de sistemas políticos macro e, conseqüentemente, de um fenômeno amplo que varia ao longo do tempo, de acordo com os recursos controlados por atores com algum tipo de cacife político. Em outros termos, nas relações clientelísticas, políticos e/ou governos trocam com setores pobres da população votos por empregos e serviços públicos. (PINTO, 1998, p. 138)

Em 1899, foi firmado um acordo entre as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais em prol do comando da presidência da República; este acordo teve como protagonistas as elites adeptas ao PRP (Partido Republicano Paulista) e ao PRM (Partido Republicano Mineiro) - ambos controlados pelas oligarquias cafeeiras - dando origem a conhecida “política do café com leite”. Nesta dinâmica, ficou acertado que representantes de São Paulo e Minas Gerais iriam se alternar na presidência do Brasil.

Apesar da maioria dos estudos focarem no eixo mineiro e paulista no estudo das elites políticas da Primeira República - no que tange sobretudo à “Política do Café com Leite” -, a pesquisa de Sumara Conde Sá Pinto (1998) propõe refletir sobre os mecanismos clientelistas e coronelistas no estado fluminense. Para tanto, a autora analisa cartas enviadas a Nilo Peçanha, em seu tempo de deputado, governador e presidente do Brasil (1909-1910). No estudo, a autora considerou as cartas enviadas para tal político de 1900 a 1909, nelas percebeu-se que há inúmeros favores políticos.

Em sua maioria, os pedidos giravam em torno de promoções, suspensão de exoneração, criação de cargos, nomeações de cargos públicos e transferências. Tendo em vista que a lógica clientelista é a troca de favores, os pedidos vinham acompanhados de apoio político a Nilo Peçanha e se configuraria numa “dívida de pagamento”.

Cartas Contendo Pedidos de Favores Políticos

ANO	1900		1903		1906		1909	
	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%	ABSOLUTO	%
Uníverson total de cartas enviadas em janeiro/ julho/ dezembro	33	100,0	107	100,0	233	100,0	329	100,0
Cartas com algum tipo de pedido de favor político	11	33,3	48	44,9	123	52,8	128	38,9

FONTE: PINTO et al (1998, p.129)

NATUREZA DOS PEDIDOS	Nº ABSOLUTO	%
Nomeação para Cargos Públicos	115	37,10
Encaminhamento de Petições	1	0,32
Exonerações	5	1,61
Intervenção para Pagamento de Vencimento de Funcionários Públicos	5	1,61
Intervenção para Realização de Negócios Variados	15	4,84
Garantia de Vida/Habeas Corpus	10	3,23
Intervenção em Sentenças Judiciais	10	3,23
Homologação de Cargos	2	0,64
Suspensão de Nomeações	3	0,97
Remoções/Transferências de Cargos	7	2,26
Promoções do Funcionalismo	11	3,55
Intervenção para Reconhecimento Candidatos a Cargos Eletivos	3	0,97
Proteção a Causas não Especificadas	10	3,23
Intervenção para Aprovação de Projetos de Lei	6	1,93
Intervenção para Vetar Aprovação de Projetos de Lei	4	1,29
Intervenção em Conflitos Municipais	7	2,26
Verbas para Municípios	8	2,58
Suspensão/Flexibilização de Impostos	3	0,97

FONTE: PINTO et al (1998, p.131)

O coronelismo também se fazia presente nas cartas. Havia uma dinâmica evidente de manutenção do poder local e ganho de votos entre as elites políticas e os governantes; e, uma vez acontecendo o apoio às eleições por parte das oligarquias, era seu direito a concessão dos pedidos pelos governantes. Ademais, até a população era afetada por tal vínculo, acarretando dependência econômica e social dos coronéis que poderia se estabelecer tanto de maneira coercitiva - para apoio eleitoral compulsório, em que tanto os capangas como policiais poderiam intervir - como por meio de promessas de empregos, livramento de sentenças policiais, etc.

Vale ressaltar que, no estudo da região fluminense sobre o coronelismo, não se pode atrelar apenas a figura do fazendeiro; no Rio de Janeiro, o chefe político local poderia ser comerciantes, profissionais liberais, donos de pequenas extensões de terras e entre outros.

Lília Schwarcz (2010) nos alude sobre a personalidade contraditória de Lima Barreto. Uma de suas incoerências são as críticas ferrenhas ao clientelismo, sendo o próprio literato beneficiário dessa lógica; como, por exemplo, ter estudado em uma boa escola paga pelo seu padrinho, o Barão de Ouro Preto. No conto “Os quatro filhos d’Aymon”, publicada em 1915 na revista *Careta*, pode ser notada a dinâmica do clientelismo no âmbito do Rio de Janeiro.

Neste texto, Lima Barreto (2010, p.238) retrata a história do coronel Felizardo José e o desejo de ver seus “quatro filhos varões [...] bacharéis em Direito ou coisa que o valha”. Entretanto, percebendo as facilidades e privilégios que os coronéis têm no âmbito social, Lima

Barreto demonstra o quanto seus planos foram tranquilamente postos em prática. Para tanto, a fim de intensificar a real facilidade dos coronéis em conseguir bons cargos para seus filhos, o conto contém poucos detalhes de tal processo, sempre os interrompendo para produzir um diálogo entre Felizardo e seus filhos, em que o pai já começa a informar onde seus “varões” (Manuel, José, Otávio e Carlos) iriam trabalhar.

Este [José] andava pela capital a publicar versos inócuos em revistas de grandes descortinos. Procurou-o o pai no seu aposento de solteiro e disse-lhe:

— Rapaz, esta vida não te serve. Precisas fazer-te gente.

— Trabalho, papai.

— Em quê?

— Na arte.

— Que é isto? Nada; vais entrar para a redação da *Folha Independente*.

— Como? Se ela é da oposição e o senhor é do governo?

— Não tem nada. Vais entrar e trabalhar com o senador Mariano. Veste-te.

O José queria muito entrar para um grande jornal e seguiu contente. (BARRETO, 2010, p.238)

[...] Estavam, afinal, os quatro encaminhados. Vieram as eleições federais. Manoel, José, Otávio e Carlos foram apresentados candidatos a deputado, respectivamente, por Magalão, Mariano, Juventino e Brochado. Houve acordo no reconhecimento; e os filhos de Felizardo, a um só tempo, sentaram-se na Câmara dos Deputados. (BARRETO, 2010, p.239)

Em outra crônica, publicada em 1922, intitulada “O único assassinato de Cazuzá”, Lima Barreto descreve a história de Hildegardo Brandão (Cazuzá), um homem desemperançoso e frustrado com âmbito profissional, que a beira da velhice, fora morar em uma casa no subúrbio. O escritor suburbano aponta que doutor Ponciano era a única amizade de Cazuzá. Como de costume, Lima Barreto interrompeu a crônica para construir um diálogo entre os dois como pretexto para posicionar-se sobre a idealizada vida no campo e os problemas decorrentes do clientelismo e do coronelismo. Assim, Cazuzá diz para o amigo:

Mata-se à toa por dá cá aquela palha. As paixões, mesquinhas paixões políticas, exaltam os ânimos de tal modo, que uma facção não teme eliminar o adversário por meio do assassinato, às vezes o revestindo da forma mais cruel. O predomínio, a chefia da política local é o único fim visado nesses homicídios, quando não são questões de família, de herança, de terras e, às vezes, causas menores. Não leio os jornais que não me apavore com tais notícias. Não é aqui, nem ali; é em todo o Brasil, mesmo às portas do Rio de Janeiro. É um horror! Além desses assassinatos, praticados por capangas - que nome horrível! - há os praticados pelos policiais e semelhantes nas pessoas dos adversários dos governos locais, adversários ou tidos como adversários. Basta um boquejo, para chegar uma escolta, varejar fazendas, talar plantações, arrebatar gado, encarcerar ou surrar gente que, pelo seu trabalho, devia merecer mais respeito. Penso, de mim para mim, ao ler tais notícias, que a fortuna dessa gente que está na câmara, no senado, nos ministérios, até na presidência da república se alicerça



no crime, no assassinato (...)Penso - observou Hildegardo - que esse êxodo da população dos campos para as cidades, pode ser em parte atribuído à falta de segurança que existe na roça. Um qualquer cabo de destacamento é um César naquelas paragens - que fará então um delegado ou subdelegado É um horror!(BARRETO, 2010, p.360)

Em um trecho do diálogo, o médico fala de sua experiência no interior:

Eu já tinha dito a você que esse negócio de paz na vida da roça é história. Quando cliniquei, no interior, já havia observado esse prurido, essa ostentação de valentia de que os caipiras gostam de fazer e que, as mais das vezes, é causa de assassinatos estúpidos. Poderia contar a você muitos casos dessa ostentação de assassinato, que parte da gente da roça, mas não vale a pena. É coisa sem valia e só pode interessar a especialistas em estudos de criminologia. (BARRETO, 2010, p.360-361)

Logo, no bojo de suas obras e no estudo de sua biografia, notamos incômodos e adesões mascaradas de Lima Barreto no que tange ao clientelismo, pode-se notar algumas de suas contradições. Entretanto, decerto, percebe-se o compromisso do escritor à crítica social ao desmitificar as percepções de tranquilidade no campo, no qual é perpassado pelos conflitos intensos e perigosos protagonizados pela figura do coronel.

## **1.6 Lima Barreto: um literato suburbano carioca**

No plano pessoal, Lima Barreto pode ser descrito como um homem frustrado, em virtude dos problemas familiares adquiridos desde muito novo. Sua mãe faleceu quando ele ainda era criança, e seu pai desenvolveu problemas psicológicos - fatores que fizeram com que Lima Barreto tomasse a responsabilidade com os irmãos menores muito cedo. O sonho de ser engenheiro se esfacelou com o enfraquecimento das relações com seu padrinho Barão de Ouro Preto e com as dificuldades de se adequar a intensa disciplina da Escola Politécnica do Largo São Francisco. Para manter sua subsistência, o escritor dedicou-se às profissões mais humildes, como a atividade de amanuense na Secretaria de Guerra, a partir de 1903.

Assim que assumiu tal cargo, Lima Barreto foi morar com a família no bairro suburbano de Todos os Santos, na Rua Boa Vista (atualmente, Rua Elisa de Albuquerque), localizado entre o Méier e o Engenho de Dentro. Depois de um tempo, os vizinhos começaram a apelidar a casa do escritor de “A casa do louco”, devido aos delírios de seu pai, João Henrique, que de quando em quando gritava pelo filho para “salvá-lo”.

Depois de alguns anos, Lima Barreto também desenvolveu problemas emocionais, sendo aposentado por invalidez psicológica. No artigo “Lima Barreto: ciência e loucura”,

Cerqueira (2002) ressalta o quanto os “alienados mentais” eram rechaçados no cenário da *Belle Époque*. De maneira a representar o “velho” e o “atrasado”, o sistema republicano tratou de criar mecanismos de limpar das ruas cariocas todos aqueles que perturbassem a imagem do “novo” e do “desenvolvido”. Neste ensejo, o Hospital Nacional dos Alienados ficou incumbido de receber não apenas o louco, mas também os alcoólatras, os mendigos e os desordeiros; isto é, os considerados “representantes da decadência nas ruas”.

Em 1912, evidenciou-se que a maioria das internações eram em virtude do vício pelo álcool. Na época, consideravam a bebida alcoólica um atraso para o desenvolvimento do país; no artigo de Cerqueira (2002, p.63) há uma fala de Hermínio Lima, da Seção do Gabinete de Identificação da cidade do Rio de Janeiro, que diz o seguinte:

O Brasil não tem agricultura, não tem indústria, porque não tem braços, é voz corrente por aí, e todavia o álcool vai cada vez mais diminuindo esses poucos que nos são tão necessários.

Lima Barreto não escapou de tal vício. De acordo com Schwarcz (2010, p.49), se antes o escritor suburbano era considerado um “mulato elegante”, aos poucos foi se tornando um “personagem incômodo da capital federal, mais e mais deprimido, alcoolizado e descaracterizado”, fato que resultou para si algumas internações no Hospital Nacional dos Alienados.

As obras de Lima Barreto não trazem apenas referências ao estudo histórico e social do século XX, no bojo de suas produções literárias há também muita menção à ciência da época. Por ter recebido tratamento psiquiátrico, o escritor constrói críticas aos mecanismos falhos da psiquiatria, na qual não havia cuidado peculiar para cada enfermidade - os alcoólatras, os epiléticos e sífilíticos, por exemplo, tinham o mesmo tratamento. De acordo com as prerrogativas da época, o alcoólatra ao ingerir bebida alcoólica entrava em estado de delírio, se aproximando, portanto, da loucura. Os portadores de epilepsia e sífilis também eram considerados doentes mentais, já que “na medida em que durante as crises são improdutivos, atentam contra a disciplina e concorrem para a transmissão de seu mal a seus descendentes” (PORTOCARRERO, 1980, p.35 *apud* CERQUEIRA, 2002, p. 66).

Depois de ser aposentado por invalidez em virtude de seus problemas psicológicos, Lima Barreto se dedicou em sua casa, localizada em Todos os Santos, à crítica ao governo, ao relato das mazelas no subúrbio e a vida cotidiana dos suburbanos. Mas, afinal, o que é o subúrbio?

De acordo com Domingues (1994/5), o conceito de subúrbio só pode ser compreendido em conformidade a uma formação urbana complexa; neste sentido, não há uma relação correlata entre subúrbio e cidade pequena. Em uma conjuntura de urbanização, o subúrbio se subjaz de uma fragmentação do espaço urbano; se antes havia uma cidade compacta - havendo, portanto, uma continuidade -, com o processo de urbanização há um alargamento do espaço e uma descontinuidade territorial, gerando o espaço suburbano. Tal espaço é sempre entendido em termos residenciais, mas deve ser visto independente do nível econômico dos habitantes; de modo que, não se pode estabelecer uma relação direta entre subúrbio e agrupamentos de habitações da gente pobre - caso do subúrbio carioca retratado por Lima Barreto - já que temos o exemplo dos luxuosos bairros suburbanos norte-americanos.

O subúrbio carioca é pensado e analisado por diferentes variáveis que dependem dos posicionamentos ideológicos dos contemporâneos da época e dos pesquisadores, a posteriori. Maurício de Abreu (1987), em sua obra clássica “Evolução urbana do Rio de Janeiro”, entende o subúrbio como um projeto do Estado em legitimar a dicotomia entre “cidade e subúrbio”, acarretando em demarcações de classes. O geógrafo critica a perspectiva liberal na qual via o Estado como agente de resolução de conflitos e distribuição de serviços públicos, em que entendia o subúrbio como o resultado do mau planejamento - da “desordem”. Logo, Maurício de Abreu percebe o subúrbio carioca pertencente à “ordem urbanística capitalista”, na qual já caberia às áreas suburbanas o pouco investimento financeiro em suas estruturas físicas, em detrimento do centro e proximidades - localidades que receberiam total investimento para aportar às classes dominantes.

No entanto, ao contrário dessa perspectiva classista, há estudiosos atuais que preferem ver o subúrbio carioca a partir dos construtores da cidade. Neste sentido, há toda uma preocupação em ressaltar as alteridades e diversidades dos suburbanos, a partir de pesquisas em folhetins e dos “mitos das favelas”. Esta postura é adotada no livro “150 anos de subúrbio”, que contém uma coletânea de artigos sobre a área suburbana do Rio de Janeiro, cujo um dos organizadores é Nelson da Nóbrega Fernandes (OLIVEIRA, 2010).

Maurício de Abreu afirma que a história do subúrbio começa a partir da inauguração da Estação de Ferro Dom Pedro II, no qual os trens faziam a ligação entre o Campo de Santana e Queimados. De acordo com essa perspectiva, a ocupação do subúrbio e das áreas adjacentes foi conduzida em virtude da chegada dos trens e bondes. Esta ideia parece ser plausível no estudo do subúrbio carioca; no entanto, há questionamentos acerca da terminologia do subúrbio.

Segundo às pesquisas de Leonardo Soares dos Santos (2011), a palavra “subúrbio”, no contexto do século XIX, aparece como designação de locais de moradia da classe média e rica, situada em Botafogo, Laranjeira, Catete e entre outros bairros. Diferentemente da paisagem pobre descrita por Lima Barreto, estes bairros considerados “suburbanos”, eram conhecidos por seus casarões, chalets e chácaras. Esse aspecto do “subúrbio” como área nobre, só foi se desfazendo com o parcelamento de terras; em que culminou, desde 1870, no povoamento das áreas compreendidas hoje pela Tijuca, Vila Isabel, São Cristóvão e Piedade. Já em 1890, este processo de expansão atingiu outras áreas, atualmente conhecidas como Méier, Madureira, Engenho Novo e também Inhaúma. A partir de então, calharia a formação efetiva do imaginário suburbano como área empobrecida:

começou então um surto descontrolado de abertura de ruas e conseqüentes loteamentos, de maneira irregular e tumultuada. Ruas mal traçadas, abertas em terrenos acidentados, em terra, sem meios-fios, iam surgindo por todos os lados. Construções novas eram feitas nos lotes inadequados e desprovidos de alinhamentos. (REIS, 1977, p. 53 *apud* DOS SANTOS, 2011, p. 3)

A oferta de terras nas regiões supracitadas atrelada ao aumento da migração para a cidade do Rio de Janeiro, culminou no alargamento do “espaço suburbano”. O aumento populacional, está relacionado, sobretudo, à chegada de ex-escravos que trabalhavam nas lavouras do interior do Rio, da Bahia e Minas Gerais. Devido à explosão demográfica, imagina-se que houve um estreitamento da cidade carioca, impulsionando a ocupação de outras áreas; a princípio, ocuparam-se as áreas do Catete, Laranjeiras, São Cristóvão, Tijuca, Glória e etc. A posteriori, devido à acentuação da demanda, houve a construção de moradia nos morros de São Bento, Conceição, Providência e Castelo. No entanto, estes espaços também se saturaram, o que gerou a ocupação de áreas situadas próximas à linha férrea da Central do Brasil, que facilitava o deslocamento de trabalhadores para a cidade do Rio:

Daí que a opção que surgisse com força no horizonte fosse mesmo os subúrbios cariocas, especialmente aqueles cujos terrenos fossem cortados pelas linhas de trem da Central do Brasil, visto que as condições de transporte - junto com o próprio preço do terreno - eram um elemento que pesava muito na decisão que um trabalhador fazia sobre o lugar em que iria residir. (DOS SANTOS, 2011, p.5)

Entretanto, em um dos artigos contidos no livro “150 anos de subúrbio carioca”, de Almir Chaiban El-Kareh, as áreas descritas por Leonardo Soares dos Santos, até o século XIX, não eram denominadas de subúrbio, mas sim de “arrabaldes” apenas. Nos relatos de viajantes, o centro e os arredores do Rio de Janeiro eram identificados por sua sujeira e pelo hábito

“decadente” dos moradores; as áreas compreendidas pelos “arrabaldes” eram vistas como refúgio desses ares, sendo referência de moradia e passeio das elites.

Já em “Triste visionário – Lima Barreto”, Schwarcz (2017) comenta que foi a partir da reforma urbana que as regiões “para lá do centro” e “fora da cidade” foram denominadas de “arrabaldes” e “subúrbios”, respectivamente. Os arrabaldes ficavam relativamente afastados dos centros, identificados como as zona sul e norte da cidade – os bairros da Glória, Laranjeiras, Botafogo, Rio Comprido, Tijuca, Catumbi, e etc. – no qual as elites residiam. Já os subúrbios começavam a partir do Méier, no qual era considerado o seu bairro principal – a “capital dos subúrbios”. Schwarcz afirma que a pobreza poderia estar em todas as áreas da cidade, entretanto apenas ao subúrbio ficou designada o esteriótipo da miséria. No entanto, Lima Barreto irá rebater essa percepção.

Nas obras de Lima Barreto (1922, p.42), no início do século XX, a palavra “subúrbio” aparece e é identificada por ele como:

Uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central. (...) Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. (...) Afastando-nos do eixo da zona suburbana, logo o aspecto das ruas muda. Não há mais gradis de ferros, nem casas com tendências aristocráticas: há o barracão, a choça e uma ou outra casa que tal. Tudo isto muito espaçado e separado; entretanto, encontram-se, por vezes, "correres" de pequenas casas, de duas janelas e porta ao centro, formando o que chamamos "avenida". (...) As ruas distantes da linha da Central vivem cheias de tabuleiros de grama e de capim, que são aproveitados pelas famílias para coradouro. De manhã até à noite, ficam povoadas de toda a espécie de pequenos animais domésticos: galinhas, patos, marrecos, cabritos, carneiros e porcos, sem esquecer os cães, que, com todos aqueles, fraternizam.

Pode-se notar, a partir da passagem acima, que a estação de trem aparece como uma importante delimitação geográfica para o escopo suburbano. Entretanto, na crônica “A estação” (1921), a linha ferroviária era percebida como o eixo da vida no subúrbio. Relata-nos que outrora, a estação era o principal destino de “passeios domingueiros”, geralmente feitos por “meninas casadouras da localidade e dos rapazes que querem casar, com vontade ou sem ela”. A estação era escolhida em virtude da ausência de jardins e cinemas naquelas localidades, com suas chegadas, foi-se enfraquecendo o costume, mas sem de todo perdê-lo; assim, até aquele momento era possível afirmar que as estações de Cascadura e Madureira, por exemplo, continuavam sendo um importante ponto de recreio, de encontro e conversa (BARRETO, 2004).

Na mesma crônica, o literato ainda nos alude sobre o “orgulho do subúrbio e dos suburbanos” pelo bairro do Méier; no qual, mais parecia uma “cidade média” do que propriamente um subúrbio. Em sua localidade, haviam confeitarias decentes, botequins frequentados; tinham padarias que fabricavam pães, estimados e procurados; tinham dois cinemas, um que funcionava em casas edificadas adrede; tinha um circo-teatro, tosco, mas tinha (BARRETO, 2004). Se existia uma certa ridicularização na aquisição de roupas na humilde alfaiataria do Catete – a “Raunier” -, as moças se orgulhavam em vestir-se no “Paquin”, no Méier.

No geral, os nomes dos comércios no subúrbio eram sempre estrangeiros; quanto a isso, Lima Barreto lamentava a “pobreza de originalidade e falta de variedade na nomenclatura” (2004, p. 440). Não apenas nesta obra, mas em tantas outras, o literato se põe crítico às imitações dos brasileiros por tudo o que é europeu.

Usuário dos trens, Lima Barreto parecia atento às particularidades dos suburbanos, e se posicionava quanto ao que era descrito. Em uma de suas observações na estação, por exemplo, ele nota uma menina carregando “uma caixa de violino, um rolo de músicas e livros”, conscientizado das diferenças de classe, ele profere (2004, p. 445) as seguintes palavras: “Pobre moça! Lê Montepin e vai para o Instituto de Música! Pra quê? No instituto, só tem talento musical as moças ricas e bem-aparentadas”.

## 2.O subúrbio carioca em Lima Barreto

### 2.1 O surgimento do subúrbio de acordo com Lefebvre

Lefebvre debruçou-se à análise do espaço urbano pelo viés marxista. Neste sentido, o pensador desenvolve sua teoria sobre a constituição da dialética “campo-cidade” atrelada às noções de força produtiva e divisão do trabalho. Isto demanda afirmar que à medida que se acirra a oposição entre o campo e a cidade, a separação de classes é intensificada. A fim de fortalecer esta linha de pensamento, em “O direito à cidade”, Lefebvre distingue industrialização de urbanização, no qual a perspectiva de “subúrbio”<sup>7</sup> se aclara.

Segundo o pensador, a cidade é anterior ao processo de industrialização, para fins ilustrativos, Lefebvre (2001, p. 11) cita alguns exemplos de “criações urbanas” que antecedem o fenômeno industrial:

Houve a cidade oriental (ligada ao modo de produção asiático), a cidade arcaica (grega ou romana, ligada à posse de escravos), depois a cidade medieval (numa situação complexa: inserida em relações feudais mas em luta contra o feudalidade da terra). A cidade oriental e arcaica foi essencialmente política: a cidade medieval, sem perder o caráter político, foi principalmente comercial, artesanal, bancária. Ela integrou os mercadores outrora quase nômades, relegados para fora da cidade.

O sociólogo percebe a cidade a partir da lógica do “valor de uso” e do “valor de troca” e a atividade econômica como prática coletiva. A coletividade se manifesta por meio da troca, que se configura pela divisão social do trabalho, de forma que cada pessoa está alocada a uma atividade específica no contexto social.

O valor de uma mercadoria é medido segundo o tempo de trabalho social investido num determinado produto. O valor é gerado “de um determinado tempo de trabalho socialmente necessário gasto na produção de certa quantidade de mercadoria.” A quantidade produtiva é determinada tendo em vista o tamanho da população, visando a idade, o sexo e entre outras determinações; de modo que, se a produção excede a demanda da sociedade, isso não pode ser considerado um trabalho socialmente necessário, desse modo, não tem valor. O valor é

---

<sup>7</sup> Em “Triste visionário – Lima Barreto”, Schwarcz (2017) destaca a origem do termo “*suburbium*”. Em seus estudos, mostram que o termo advém do latim; no qual também foi muito utilizado no Renascimento. Todavia, foi a partir das reformas empreendidas por Napoleão que termo foi mais popularizado, de maneira a significar os lugares não-pertencentes ao centro, mas sim adjacentes a ele.

determinado pelo trabalho socialmente necessário. Assim, o excedente social está atrelado à reprodução da força de trabalho e à produtividade do trabalho.

Em termos históricos, a economia marxista pontua que a atividade econômica é dinâmica, no seu caráter evolutivo. Uma das características marcantes da sociedade pré-moderna é a produção voltada para a subsistência e a restrição quanto às escolhas pessoais acerca de uma determinada mercadoria, enquanto na sociedade moderna/capitalista, a produção é voltada para a troca, e não para o consumo próprio. Portanto, o pensar econômico é dinâmico ao longo da humanidade, desse modo a teoria valor-trabalho, sempre se apoiou numa concepção histórica.

O valor de troca é direcionado ao dinheiro, ao comércio, às trocas e aos produtos; em contrapartida, o valor de uso relaciona-se à usabilidade das ruas, das praças, dos edifícios e das festas (LEFEBVRE, 2001). Ao analisar a cidade, Lefebvre toma para si tal dialética marxista, mas sob perspectiva de outra denominação com o mesmo sentido semântico: obra *versus* produto. Para o sociólogo a cidade é a obra, no qual tem as mesmas feições do “valor de uso”, enquanto o produto relaciona-se ao “valor de troca”.

Neste ensejo, o autor ainda aponta algumas peculiaridades dos termos “cidade” e “urbano”, geralmente tomados como iguais. Segundo sua perspectiva, a cidade remete à dimensão espacial, na qual existe mesmo antes do surgimento da divisão social do trabalho, em que deu início ao contraste entre a cidade e o campo. Já o termo “urbano”, é usado por Lefebvre para designar as sociabilidades impregnadas em tal espaço, no qual a ideia de “centralidade” é posto em voga. A partir dessas noções, as ideias de “morfologia material” e “morfologia social” - respectivamente, cidade e urbano - são cunhadas para explicar a urbanização.

Nesta lógica também se aplica ao “campo” e ao “rural”; sendo o primeiro a morfologia material e o segundo a morfologia social. Por ser adepto do marxismo, Lefebvre pensa a relação entre o “urbano” e o “rural” a partir da dinâmica de dominação, no qual o urbano está em uma relação dominante com o rural nos âmbitos sociais, políticos e econômicos. Esta discrepância, de acordo com o pensamento marxista, geraria o desaparecimento total da sociedade rural, urbanizando todos os espaços. Entretanto, Lefebvre nos alude que as contradições materiais entre campo e cidade continuarão a existir, mas suas atividades e conteúdos estarão imersos na lógica do tecido urbano (AZEVEDO, 2012).

Ademais, o sociólogo criou uma metodologia em suas obras para analisar as interações calcado na dicotomia entre geral e particular, no qual, respectivamente, equivalem à “ordem distante” e “ordem proximal”. Lefebvre entende por “ordem proximal” as relações cotidianas



estabelecidas no contato do indivíduo com a família e demais grupos; em contraposição, a “ordem distante” refere-se ao seu contato com códigos e órgãos abrangentes, como a cultura, o Estado e a Igreja (LEFEBVRE, 1991).

Lefebvre, assim como Marx, dá uma acentuada importância ao processo de industrialização. Entretanto, o autor chama atenção para as questões que fugiram do escopo imaginativo de Marx. Uma delas relaciona-se à urbanização. O sociólogo em questão, não entende a urbanização apenas como um evento importante, mas acima de tudo como algo necessário.

Lefebvre compartilha da ideia que o excedente de produção foi indutor do desenvolvimento da sociedade civilizada; isto é, o excedente produzido fez com que novos grupos surgissem para assumir cargos de administração e comando, de maneira a formar aldeias e tribos, até que formassem as cidades. Neste período, o valor de uso se sobrepõe ao valor de troca e à produção econômica. A partir do advento da industrialização, a produção econômica e o valor de troca se destacam (AZEVEDO, 2012).

De modo histórico, depois de ultrapassado o período industrial, adentra-se à era urbana, no qual a cidade voltaria a agregar maior valor de uso. A teoria que circunda o valor de uso parte de um princípio subjetivo. Portanto, enfatiza-se as necessidades do consumidor e, por sua vez, as preferências individuais - isto é, a “procura” é o grande centro de preocupação. De acordo com a teoria valor-utilidade, o valor diminui ou aumenta de acordo com os gostos do consumidor. Um vestido, por exemplo, pode variar de preço se satisfaz ou deixa de satisfazer os desejos de uma cliente. Sendo o trabalho invariável, mas se a moda muda, tal vestido perde o valor que tinha durante a moda, e o preço cai.

Como já fora explicado, a cidade para Lefebvre é obra, e como tal, prevalece o valor de uso; significando dizer que quanto mais atrações (eventos culturais e festas) a mesma ofertar, maior número de pessoas circularão nela. É neste ensejo que se pode falar em implosão e explosão das cidades. De acordo com Lefebvre o subúrbio advém do processo de explosão da cidade, em virtude de seu alargamento na direção horizontal; não culminando apenas o subúrbio, mas também as megalópoles, no qual é a união de grandes cidades. Em nível vertical, há a implosão, no qual a densidade populacional torna-se conflituosa, em virtude de seu alto índice de moradores.

Como já fora enfatizado, se para Marx o destino no qual a humanidade deve caminhar passa pelo socialismo, Lefebvre parece dar a mesma importância ao processo de urbanização. Ademais, assim como na teoria marxista existe a dialética entre o proletariado e o burguês, na

teoria de Lefebvre existe uma certa relação dialética entre os moradores do centro e os excluídos - habitantes da periferia. Segundo o autor, a obsessão dos marginalizados seria a conquista dos benefícios que a vida urbana proporciona. Entretanto, vale ressaltar que em sua teoria os habitantes do subúrbio e da periferia são marginalizados apenas dos benefícios, e não do espaço urbano; isto é, o espaço suburbano e periférico fazem parte da realidade urbana.

## **2.2 A perspectiva de subúrbio de José de Souza Martins**

O sociólogo brasileiro José de Souza Martins bebeu muito da fonte de Lefebvre para analisar o bairro suburbano “São Caetano do Sul”, em São Paulo; neste sentido, os marginalizados aparecem como “objeto” central desse trabalho.

Ao tomar como verdadeira a afirmativa que o subúrbio é a transição entre o moderno e tradicional, José de Souza Martins compreende que os habitantes de um espaço “transitório” tem a sua consciência mais esclarecida quanto às questões sociais; isto é, os marginalizados são mais críticos ao sistema social se comparados com os “integrados” - pois, os suburbanos estariam em um espaço que os confrontam o tempo inteiro com uma suposta destruição do rural/tradicional, ao passo que os integrados estariam em uma zona de conforto.

Segundo Martins, existe uma diferença considerável entre subúrbio e periferia, no qual se tange a métrica do espaço. Se no subúrbio a dimensão espacial é maior e com resquício do rural, na periferia o espaço é reduzido - desde a casa até as ruas. Na literatura de Lima Barreto, encontram-se algumas descrições do espaço suburbano carioca com elementos agrários. Na crônica “De Cascadura ao Garnier”, publicada em 1922 na revista *Careta*, ao relatar sua viagem à Cascadura - bairro suburbano do Rio de Janeiro - por meio do bonde, descreve os personagens e os ambientes percorridos de maneira a ressaltar suas características sociais. Após reclamar do desleixo governamental dos caminhos que os levara a tal destino, Lima Barreto (2017) relata também que apesar da Light ter descoberto e aprimorado a Estrada Real de Santa Cruz, ao longo do trajeto ainda se tornava evidente os traços rurais:

Entretanto, essa trilha lamacenta que, preguiçosamente, a Prefeitura Municipal vai melhorando, viu carruagens de reis, de príncipes e imperadores. Veio a Estrada de Ferro e matou-a, como diz o povo. Assim aconteceu com Inhomerim, Estrela e outros "portos" do fundo da baía. A Light, porém, com o seu bonde de "Cascadura" descobriu-a de novo e hoje, por ela toda, há um sopro de renascimento, uma palpitação de vida urbana, embora os bacorinhos, a fuçar a lama, e as cabras, a pastar pelas suas margens, ainda lhe dêem muito do seu primitivo ar rural de antanho. [...] Então de novo me lembro da Estrada Real, dos seus porcos, das suas cabras, dos seus galos, dos capinzais...

Por muitos anos a ideia de periferia se confundiu com a perspectiva de subúrbio, desse modo, o sociólogo faz questão de definir os distanciamentos entre os dois conceitos. A periferia, a seu ver, não está em contraponto apenas com a dimensão de seu espaço, mas há toda uma questão subjetiva e ideológica por detrás de sua definição. Se o subúrbio é a configuração limite entre a urbanização e o espaço agrário, a periferia é a consequência caótica da urbanização.

Todavia, Martins não limita sua análise focando apenas na questão econômica; isto é, de acordo com ele, os trabalhadores não lutam apenas pelos seus salários, as lutas de classes gerariam outros benefícios para os habitantes da cidade: bibliotecas, teatros, museus, etc. Martins atenta a esta questão pois frequentemente críticos interpretam a dinâmica da cidade apenas sob a ótica econômica, de maneira a não considerar as relações sociais estabelecidas pelos agentes. Muitos críticos confiaram nesta perspectiva em virtude de uma interpretação dura e distorcida das obras de Marx, nas quais rechaçavam análises das relações sociais, a partir da crença que o capitalismo seria derrubado independente das interações estabelecidas, pois este é curso da história da humanidade.

Seguidor de Lefebvre, Martins tenta recuperar o método dialético marxista, mas agora descolado da perspectiva cíclica da história. A ideia de natureza se faz presente na literatura de Lefebvre, sendo questionada, já que a mesma é um assunto caro na teoria marxista. Segundo Marx, o homem se apropriou da natureza para satisfazer suas necessidades a fim de se reproduzir; entretanto, esta ideia entrou em contradição a partir da metade do século XX em virtude da destruição da natureza pelo homem. Imbuído desta ideia, Lefebvre em “A Reprodução das relações de produção”, falou na possibilidade da construção de uma segunda natureza, em um outro nível, na qual seria a cidade e o urbano, fazendo-se surgir um novo mundo. A “natureza urbana” em que o autor sugere substituiria a natureza original; logo, a dialética na sociedade urbana estaria ligada à oposição entre natureza e anti-natureza (SOTO, 2008).

Ao beber da fonte de Lefebvre, Martins se desprende da perspectiva evolucionista da história voltando o seu olhar para o espaço social, no qual é o campo de reprodução das relações de produção, isto é, vai além de uma análise fincada apenas aos meios de produção. A perspectiva de “espaço social” corresponde não apenas ao espaço urbano, mas também ao seu redor. Aqui, a discussão sobre a oposição “centro-periferia” se faz proeminente, pois de acordo com o posicionamento dialético de Lefebvre, a periferia na verdade não seria consequência apenas do mau planejamento do processo de urbanização, ela seria necessária ao próprio

sistema capitalista que, como tal, precisaria de fato construir um centro para monopolizar os poderes econômicos e políticos.

Neste sentido, entender as teorias de Martins e Lefebvre se fazem importantes para analisar o contexto carioca e o desenvolvimento do subúrbio. A fim de se perceber a relevância de se considerar não apenas os aspectos econômicos, mas também as relações e mecanismos sociais do espaço no início do século XX, no Rio de Janeiro.

### **2.3 O plano de embelezamento da Reforma Pereira Passos para a cidade do Rio de Janeiro**

Tal reforma durou de 1903 a 1906, sob administração municipal de Pereira Passos. Para fins de esclarecimento é importante ressaltar que não foi o único plano urbanístico posto em prática neste período para a cidade do Rio de Janeiro. Em nível federal, o presidente Rodrigues Alves também havia planejado reformas para o então distrito federal, no qual restringiu-se a modernizar o porto do Rio.

No artigo denominado “A reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração conservadora”, de André Azevedo (2011), discute-se as origens do interesse de pesquisadores pela Reforma Pereira Passos. Segundo seus estudos, a inclinação sobre o tema iniciou-se no final da década de 70 e início dos primeiros anos da década de 80, período em que o governo militar estava enfraquecido e a oposição ascendia, sob o protagonismo dos movimentos sociais nas grandes cidades - tais movimentos muitas vezes integrados por moradores de favelas. Como um dos cenários principais de transformações políticas, começaram a ser produzidos inúmeros trabalhos sobre a Reforma Pereira, tachando o governo da época de opressor. Um dos exemplos de produção de trabalhos com essa temática e tom de crítica é “Evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro”, de Maurício de Abreu.

André Azevedo faz uma breve crítica aos trabalhos produzidos na década de 80, no qual não souberam distinguir as reformas empreendidas pelo prefeito Pereira Passos e Rodrigues Alves, atribuindo todas as transformações ocorridas à administração municipal. Assim, o pesquisador pontuou em seu artigo as seguintes distinções:

[O governo federal] ficaria com a reforma do Porto, da estrutura viária das suas adjacências, a Avenida do Mangue, atual Francisco Bicalho, a Avenida do Cais, atual Rodrigues Alves, e a Avenida Central, atual Rio Branco. Com o Governo Municipal ficariam todas as demais tarefas da reforma do Rio de Janeiro, tais como o enxugamento do solo urbano, a canalização de rios, abertura de novos conjuntos viários, reformas de praças públicas, etc. (AZEVEDO, 2011, p.153)

Em 1905, é inaugurada a Avenida Central, atual Rio Branco, no qual, como já fora dito, foi orquestrada pelo Governo Federal. Diante do acontecimento, Lima Barreto foi autor de uma série de reportagens feitas para serem publicadas no jornal “Correio da Manhã”; esta coletânea de matérias ficou conhecida por “Os subterrâneos do Morro do Castelo”. Nelas, Lima Barreto ironiza políticos e os ambiciosos capitalistas que empreenderam buscas por supostos objetos de valores enterrados por Jesuítas no Morro do Castelo; além, é claro, de ressaltar o cotidiano dos trabalhadores responsáveis pela construção da avenida.

A reportagem do dia 29 de abril de 1905 figura bem essas questões. O autor descreve que apesar do sol escaldante, os trabalhadores que ficaram a cabo de fazer uma parte do desmanche do Morro do Castelo para construção da Avenida Central, exerciam seu trabalho com extroversão. Pelo que parece, a alegria dos operários estaria ligada à possibilidade de encontrar os supostos tesouros deixados pelos jesuítas.

Uma hora da tarde; o sol causticante ao alto e uma poeirada quente e sufocante na Avenida em construção; operários cantam e voz dolente, enquanto os músculos fortes puxam cabos, vibram picaretas, revolvem a areia e a cal das argamassas. O trajeto pela Avenida, sob a canícula medonha, assusta-nos; um amigo penalizado, resolve-se a servir-nos de Cirineu e lá vamos os dois, satirizando os homens e as coisas, pelo caminho que conduz ao tesouro dos jesuítas ou à blage da lenda.

Mais adiante, o texto relata uma conversa com o engenheiro responsável pela obra, no qual mostrava-se descrente e desanimado com a possibilidade de encontrar algum tesouro. Ademais, Lima Barreto (2017, p.3) descreve o ambiente, de maneira a demonstrar o quão era difícil trabalhar por ali:

Esta é alta, de 1 metro e 90 centímetros, com cerca de 80 centímetros de largura; no interior operários retiravam o barro mole e pegajoso, atolados no lameiro até o meio das canelas. Ao fundo bruxuleava uma luizinha dúbia, posta ali para facilitar a desobstrução do subterrâneo. Um cenário tétrico de dramalhão.

— Até agora nada se encontrou de interessante, se há tesouro ainda não lhe sentimos o cheiro. [...] — Mas o que imagina o doutor, sobre o destino desta galeria? [...] — Não tenho opinião formada; apenas conjecturas... Os jesuítas talvez hajam construído o subterrâneo para refúgio, em caso de perseguição; o Marquês de Pombal era um pouco violento...

Ademais, Azevedo aponta que as reformas não tiveram apenas intenções urbanísticas, já que por detrás de cada uma, havia uma congregação de valores nutridos pelos engenheiros

responsáveis. No plano federal, os rumos das reformas ficaram marcados pela convergência da burguesia cafeeira paulista - integrantes do Partido Republicano Paulista - e o Clube de Engenharia, localizada no Rio de Janeiro. Ambos consideravam que o distrito federal deveria transparecer a ideia de progresso e modernização, deixando para trás toda e qualquer referência ao atraso, herança que os portugueses teriam deixado à cidade. Para tanto, a ideia seria investir no desenvolvimento técnico e econômico (AZEVEDO, 2011).

Já a reforma conduzida pelo município, na qual ficou a cargo do prefeito Pereira Passos, teve outros ideais. Formado pela escola de engenharia militar, a mentalidade da turma de Pereira Passos não condizia com o viés capitalista no qual a engenharia do governo federal era adepta; logo, o pensamento que movia as reformas de Pereira Passos ainda era congregada por valores escravistas e patriarcais, visto que o período de sua formação corresponde à época do Império e fora influenciada por seus interesses. De acordo com Azevedo (2011), o Império não via a engenharia como área importante para investimentos em grandes obras públicas; pelo contrário, esta área restringia-se à difusão de conhecimento da civilização romana. Logo, o processo seletivo para aprovação na escola militar não continha matérias de exatas, a prova restringia-se ao latim.

Sendo assim, enquanto engenheiro, Pereira Passos não exerceu nenhuma atividade importante no que se tange ao empreendedorismo no estilo capitalista. Suas maiores atuações no âmbito da engenharia aloca-se no funcionalismo público, no qual vale destacar seu trabalho na direção da Comissão de Melhoramento da cidade do Rio de Janeiro (1874) e na implantação da Estrada de Ferro D. Pedro II (1876-1890). Depois de um tempo, abriu mão do projeto de implantação da linha férrea, e foi para Europa, a fim de investir nos estudos das humanidades. Segundo Azevedo, Pereira Passos acrescentou à reforma das estruturas cariocas elementos de cunho estético e cultural que se difere das demais reformas. Por esse motivo, que a reforma de Pereira Passos não se incumbiu de reformar apenas as estruturas físicas da cidade, mas também objetivava a construção de uma civilização.

No artigo, o autor também pontua que a reforma empreendida por Rodrigues Alves na zona portuária e em ruas do Rio de Janeiro atrela-se sobretudo à ordem econômica, com o porto reformado havia uma maior possibilidade de cobrança de tributos, de maneira a equilibrar as contas do Estado. Já o embelezamento da imagem carioca atrairia imigrantes para mão-de-obra, de maneira a driblar escassez que vinha se propagando desde à abolição da escravatura.

Segundo Azevedo, por mais que as duas reformas se complementassem no cenário carioca, as duas como se pode notar, tinham objetivos principais bem específicos. O objetivo

da reforma federal era de fundo econômico, de maneira a interferir e criar Avenidas que facilitassem a distribuição de mercadorias no porto. O projeto de Pereira Passos, com vimos, é de cunho mais ambicioso, no qual tinha como pretensão mudar as estruturas subjetivas da cidade. Todo o seu aparato de civilização era baseado no modelo europeu, sem pensar em qualquer possibilidade do Brasil desenvolver sua versão própria de civilização. De acordo com o autor, toda essa referência à modernidade europeia estava configurada ao respeito à ordem advinda do Estado, na preocupação em produzir atividades de cunho estético e cultural, na presença de uma elite política, e etc.

Na crônica “O convento”, publicada em 1911, no “Gazeta da tarde”, Lima Barreto faz críticas às inúmeras reformas empreendidas na época, a fim de enquadrar o Rio de Janeiro nos moldes europeus. Tal texto protesta a ação da administração pública na qual determinou a demolição do histórico Convento da Ajuda, o terceiro fundado por monjas clarissas no Brasil; tudo em nome da modernização do distrito federal. Lima Barreto mostrou-se contra a ação estatal, apesar de ser avesso ao vislumbre do passado e os preconceitos de cada período histórico, neste sentido, o escritor pontua:

Não gosto do passado. Não é pelo passado em si; é pelo veneno que ele deposita em forma de preconceitos, de regras, de prejudgamentos nos nossos sentimentos. Ainda são a crueldade e o autoritarismo romanos que ditam inconscientemente as nossas leis; ainda é a imbecil honra dos bandidos feudais, barões, duques, marqueses, que determina nossa taxonomia social, as nossas relações de família e de sexo para sexo; ainda são as coisas de fazenda, com senzalas, sinhás-moças e mucamas, que regulam as ideias da nossa diplomacia; ainda é, portanto, o passado, daqui, dali, dacolá, que governa, não direi as ideias, mas os nossos sentimentos. (BARRETO, 1995)

Mostrando-se apegado às questões sociais, de maneira a deixar de lado, por muitas vezes, suas preferências individuais, Lima Barreto (1995) se mostra consternado com a postura dos comandantes ao remover um patrimônio histórico, a fim de disputar com Buenos Aires o distrito federal mais bem alocado às estruturas físicas e subjetivas europeias:

A capital da Argentina não nos deixa dormir. Há conventos de fachada lisa e monótona nas suas avenidas? Não. Então esse casarão deve ir abaixo. O Passos quis; o Frontin também; mas a desapropriação custaria muito e recuaram. [...] Esse furor demolidor vem dos forasteiros, dos adventícios, que querem um Rio-Paris barato ou mesmo Buenos Aires de tostão.

Ademais, outra questão importante no qual Azevedo (2011) pontua, refere-se ao caráter integracionista das reformas urbanas de Pereira Passos, no qual objetivava interligar várias

regiões da cidade. Para tanto, o prefeito organizou a Comissão da Carta Cadastral, na qual visava empreender mudanças no sistema viário através de cinco ligações: a ligação centro-sul, através da Avenida Beira-Mar; a ligação sul-leste, pela Avenida Mem de Sá; a ligação centro-oeste por meio da integração das ruas da Assembleia, Carioca, Visconde de Rio Branco e Frei Caneca; a ligação centro-oeste através da Rua Visconde de Inhaúma e Rua Marechal Floriano; além de duas linhas que ligavam o centro da cidade com a região portuária - Largo da Prainha com a Rua do Sacramento e do Cais da Saúde, pela Rua Camerino. (AZEVEDO, 2011)

Desse modo, as críticas estabelecidas por Azevedo (2011) mostram-se inovadoras, uma vez que se dispõe a abordar as peculiaridades das reformas federais e municipais no contexto carioca. Os efeitos dessas transformações são percebidas por Lima Barreto, que como escritor crítico, inclina-se a problematizar as ações do governo federal e municipal, no qual pouco preocupava-se com as relações humanas e os significados históricos congregados em cada lugar, pois centravam-se em transformar o Rio de Janeiro numa nova Paris no âmbito americano, desbancando Buenos Aires.

#### **2.4 O subúrbio no cenário das transformações urbanas nos primeiros anos do século XX**

Os jornais tiveram um papel fundamental em meio às mudanças urbanísticas da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Habitantes de regiões pobres expressavam ali seu descontentamento com a disparidade de investimento governamental entre subúrbio e zonas central e sul, a precariedade de serviços públicos e condições de vida. A fim de demonstrar esses anseios, Moreira (2013) coletou edições do jornal “O Subúrbio”, no qual circulava entre 1907 a 1908, no bairro do Méier. As justificativas para escolha do bairro é inerente à própria postura de Lima Barreto ao declarar que o Méier “é orgulho dos subúrbios e dos suburbanos”, em sua obra “Feiras e Mafuás”.

Tal bairro se localiza na zona norte do Rio, e fazia divisa, em 1906, com Vila Isabel, Engenho Novo e Inhaúma. O Méier agregava importância devido à acessibilidade aos transportes - trens e bondes. Entretanto, a precariedade desses transportes e os problemas de infraestrutura - como abastecimento de água, assistência à saúde e educação - somavam-no ao restante do subúrbio, e nem sequer restringia-se apenas ao período de circulação do jornal. Era possível encontrar reclamações de Lima Barreto sobre as péssimas condições estruturais do subúrbio em crônicas que adentraram a década de 20. Uma delas é “Melhoramentos”, publicada



em 1922, na revista *Careta*, no qual expressava o desleixo da administração municipal - na época sob direção de Carlos Sampaio, no qual irá ser abordado a posteriori - quanto ao subúrbio. Com ironia, o escritor morador do bairro suburbano de Todos os Santos, expressa seu descontentamento sobre esta questão na crônica:

É inegável que a atual administração municipal tem muito trabalhado para a perfeição dos serviços que lhes são afetos. Haja vista o aperfeiçoamento do morro de Santo Antônio que tem inundado de lama todo o centro da cidade, a qualquer chuvarada. [...] Onde, porém, o digno prefeito contemporâneo se há mostrado uma capacidade em matéria de edilidade, é nos subúrbios. [...] Toda a gente conhece, pelo menos de nome, a Estrada Real de Santa Cruz, hoje Avenida Suburbana. Pois bem. Num trecho dela que enfrenta com as obras de uma fábrica que um conhecido capitalista está construindo, entre Todos os Santos e Inhaúma, a nossa municipalidade descarregou há alguns meses dezenas de “meios-fios” ou que outro nome tenham, para calçamento da mesma. [...] Tais pedrouços que se destinavam a facilitar o rolamento das carroças, acabaram, graças ao esquecimento do senhor prefeito e seus auxiliares, a ser um estorvo para toda espécie de veículos. [...] Admira-me que o capitalista que está construindo a tal fábrica, no fim da Rua José Bonifácio, em Todos os Santos, não tenha ainda obtido do Senhor Sampaio o aproveitamento de tais pedregulhos ou senão a sua remoção do local em que estão. [...] Poetas por poetas sejam lidos; capitalistas por capitalistas sejam...atendidos. (BARRETO, 2004, p.523)

Segundo Moreira (2013), das 51 edições do jornal “O Subúrbio”, 33 abordavam sobre o contrato da prefeitura com a *Light* afim de promover a melhoria dos serviços de transportes. Na literatura de Lima Barreto e no referido jornal, há inúmeras críticas quanto à qualidade de trens e bondes. Não sabendo se há uma ligação da prefeitura com o jornal, este vê no contrato uma esperança para a melhoria dos veículos públicos. Entretanto, nota-se que tal melhoria poderia não ter se concretizada na prática, já que ainda em 1922, vemos Lima Barreto reclamar sobre o problema de superlotação dos trens:

[...] Nessas horas, as estações se enchem e os trens descem cheios. Mais cheios, porém, descem os que vêm do limite do Distrito com o Estado do Rio. Esses são os expressos. Há gente por toda a parte. O interior dos carros está apinhado e os vãos entre eles como que trazem quase a metade da lotação de um deles. Muitos viajam com um pé num carro e o outro no imediato, agarrando-se com as mãos às grades das plataformas. Outros descem para a cidade sentados na escada de acesso para o interior do vagão; e alguns, mais ousados, dependurados no corrimão de ferro, com um único pé no estribo do veículo. (BARRETO, 1922, p.43)

Os jornais de bairro, de uma forma geral, eram confeccionados em pequenas tipografias ou manuscritos. Eram produzidos por grupos de moradores ou individualmente cuja colaboração não era determinada por uma classe social específica. Pode-se encontrar várias edições desses jornais, ou apenas uma; tais jornais poderiam ser obtidos em bancas de jornais,

nos comércios, nas próprias tipografias e demais locais de venda. A circulação desses jornais estava limitada ao próprio bairro ou à cidade do Rio de Janeiro, pretendendo-se informar e mobilizar os moradores de diversos assuntos comuns. Os moradores expressavam-se através de poemas, textos, relatos, etc. Percebe-se que os moradores suburbanos não receberam as transformações frutos da Reforma Pereira Passos com passividade. Há em cada jornal questionamentos quanto à desigualdade de investimento financeiro, comparando o centro e zona sul com os bairros suburbanos.

[...] Confirmou-se ainda que o morador não foi alheio a este processo. Vivenciando cotidianamente tais contradições, o habitante da cidade reagiu a esta dicotomia, manifestou-se e utilizou o jornal para isso. Não só o jornal suburbano mas também os jornais da grande imprensa abriram espaço para este tipo de manifestação (...) No entanto, ressalta-se a riqueza de detalhes trazida pelo jornal O Subúrbio em virtude do maior espaço dedicado à causa suburbana. Nos artigos, cartas, editoriais e notícias, é possível identificar que o morador se via enquanto detentor de direitos, por pagar seus impostos, aluguéis e taxas de transporte. Tinham boa noção dos deveres da administração pública ou das empresas prestadoras de serviços e utilizavam-se dos canais disponíveis para protestar. (MOREIRA, 2013, p.14)

Atrelados aos jornais de bairros, haviam os grandes jornais; aqui cabe citar o “Correio da Manhã” e o “Jornal do Comércio”. Em meio a um ambiente de transformação tecnológica, a imprensa também se revolucionou no início do século XX. Uma das mudanças está relacionada a alteração da abordagem opinativa para uma mais informativa. No entanto, é importante ressaltar que isso não implicou na rejeição da Literatura. No meio jornalístico, os literatos ganham um destaque importante:

O Jornal do Comércio e o Correio da Manhã, por exemplo, dois dos mais importantes periódicos cariocas da época, pagavam de 30 a 60 mil réis a seus colaboradores literários (MICELI, 2001). Ao retomar historicamente a situação do jornalismo, percebe-se que, naquele momento, as fronteiras entre jornalismo e literatura ainda eram bastante difusas. Brito Broca (2005) aponta que a industrialização da imprensa vinha acontecendo sem grande prejuízo para a literatura, uma vez que a maioria dos jornais cariocas continuava a aceitar e pagar contribuições neste sentido. Neles, “os homens das letras buscavam encontrar (...) o que não encontravam no livro: notoriedade, em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível” (SODRÉ, 1977: 334). (KELLER e GOLIN, 2009, p.3)

Em 1911, Lima Barreto, por exemplo, publicou “Triste Fim de Policarpo Quaresma” no “Jornal do Comércio”, em que o enredo retrata a história de um patriota desiludido com os rumos da sociedade. Foi neste período, que o escritor começou a desenvolver uma Literatura de cunho mais militante, e simultaneamente a causar as alterações comportamentais das quais foram ressaltadas no capítulo anterior. O autor também teve participação em outros jornais da

cidade, como em “A Noite”, em que publicou “Numa e Ninfa”, em 1915. Muitos jornais tinham pretensão política, e embasavam-se na crítica às questões sociais, o jornal "A Noite" era um desses, ocupando-se:

Principalmente da política nacional e de questões da cidade do Rio de Janeiro, com destaque para o noticiário policial. Tornou-se assim um dos primeiros a valorizar os fatos do cotidiano e, desta forma, os gostos do grande público, da chamada massa urbana que se ia formando nas grandes cidades do país. Costumava dar o resultado do jogo do bicho na primeira página, o que cessou a partir do momento que a direção do jornal decidiu iniciar campanha contra jogos e cassinos clandestinos. (MENDES, 2015)

No estudo intitulado “Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na Primeira República”, Romulo Costa Mattos (2008) retrata a percepção de Lima Barreto quanto à moradia da gente pobre em favelas, na qual, ao contrário da tendência de estigmatização desse reduto apontada principalmente pelo jornal Correio da Manhã, o cronista carioca enfatiza as características positivas da favela em “O moleque”.

Este conto é produzido no mesmo momento em que a Reforma Pereira Passos e a consequente migração da população pobre para as encostas de morros e regiões periféricas do Rio de Janeiro acontecem. Concomitante a tal processo de transformação, o proferido jornal Correio da Manhã contemplava as reformas estruturais empreendidas no centro e zona sul carioca, em contraposição, referia-se às favelas de modo pejorativo.

Não foi por acaso que o Correio da Manhã insistiu no assunto: “aquela vergonheira do morro da Favela carece de desaparecer por uma vez, [sendo necessário] demolir a infecta e anti-higiênica casaria, convertendo tudo em oásis verdejantes esparsos pela cidade”. Por fim, o prefeito deveria “embelezar a cidade, acabando com as infectas e várias Favelas que são verdadeira vergonha de nossa cidade e da nossa civilização”. (MATTOS, 2008, p.210)

Já Lima Barreto, no conto supracitado, ressalta esse reduto tão estigmatizado sob uma ótica mais positiva, dando a devida dignidade para os moradores das favelas. Neste contexto, o destaque são as favelas suburbanas localizadas em Inhaúma, em que carregavam consigo a tradição de suas religiões de origem africana, além da própria localidade manter-se fiel ao seu nome de natureza indígena; indo, assim, em direção contrária à proposta modernizante empreendida no centro e zona sul, em que diversos lugares eram rebatizados de “nomes banais de figurões ainda mais banais” (BARRETO, “O moleque”, p.38 apud MATTOS, 2008, p.214).

Enquanto a modernização embasava a lógica da transformação e do novo, as favelas proferidas guardavam consigo a tradição de suas crenças, como pode-se notar em um trecho do conto “Os moleques”:

Fogem para lá, sobretudo para seus morros e escuros arredores, aqueles que ainda querem cultivar a Divindade como seus avós. Nas suas redondezas, é o lugar das macumbas, das práticas de feitiçaria com que a teologia da polícia implica, pois não pode admitir nas nossas almas depósitos de crenças ancestrais.

Atrelada à manutenção de suas crenças, a descrição das estruturas das casas situadas nas favelas, eram retratadas de maneira diferentes das quais se faziam presentes na imprensa. Quanto a isso, Mattos aponta que Lima Barreto usava a expressão “barracão” e não “choupana de sapê”; isto porque, na época, era comum associar este formato de casa às populações do interior do Brasil, em que comumente eram caracterizadas de maneira negativa. Basta recordar-se da imagem de Jeca Tatu, personagem criado por Monteiro Lobato, no qual estereotipava a imagem dos interioranos. Em suas “choupanas de sapê”, os “jecas-tatus” eram desprovidos de qualquer senso de salubridade.

Um jornalista da Vida Policial preocupou-se com o suposto mau exemplo dado pelos jecas-tatus: “Esses indivíduos são criaturas sem a menor instrução, sempre sujos e andrajosos, que moram em choupanas miseráveis, à margem dos caminhos [...]. Nada, nada absolutamente que ateste a existência, ali, de uma criatura racional, inteligente e laboriosa!” (MATTOS, 2008, p. 217)

É relevante ressaltar que esta distinção entre “barracão” e “choupana de sapê”, não implica afirmar que Lima Barreto compartilhe dessa percepção distorcida sobre os moradores do interior; pelo contrário, segundo Mattos, o autor era crítico a esse modo de pensamento, afirmando que tal questão não era de cunho sanitário unicamente, mas sim social e financeiro. Essa aproximação que se fazia presente na época entre a população do interior e da favela, é inerente à concepção de que as favelas são focos de doenças epidêmicas, fruto de uma má educação sanitária. Percebe-se esse fator em uma fala extraída por Mattos (2008) de um famoso médico da época, chamado Castro Peixoto, publicada no jornal Correio da Manhã, em 1922: “Para maior irrisão, vêm juntar-se àquele as choças do nosso interior – de sapê e paredes de ‘sopapo’, ou seja, as mesmas em que por lá vivem os nossos Jecas, como se prolongassem até aqui o seu habitat”.

Esclareceu [Lima Barreto] que o “barracão” não era “a nossa conhecida choupana de sapê e de paredes ‘a sapapos’”. É menos e é mais. É menos, porque em geral, é menor,

com muito menos acomodações; é mais, porque a cobertura é mais civilizada; é de zinco ou de telha”. Cabe aqui dizer que diferenciando o “barracão” da “choupana de sapê”, o autor aliviava os habitantes da primeira forma habitacional da recorrente associação à população interiorana, cuja imagem podia ser bastante pejorativa nesse período. (MATTOS, 2008, p.216)

Longe de caracterizar as construções residenciais da favela de modo pejorativo, Lima Barreto, no conto mencionado, afirma ainda que trata-se de “uma espécie arquitetônica muito curiosa”; pois “há alguns com dois aposentos; mas quase sempre [...] só possuem um. A cozinha é feita fora, sob um telheiro tosco, um puxado no telhado da edificação, para aproveitar o abrigo de uma das paredes da barraca; e tudo cercado do mais desolador abandono” (BARRETO, “O moleque”, p.41 apud MATTOS, 2008, p. 217). Além disso, o autor afastar-se de qualquer ideia generalizante quanto às características das moradias da favela, algo bem comum na época; sendo assim, ele ressalta que:

O barracão de dona Felismina era de um só aposento, mas o da vizinha, dona Emerenciana, tinha dois. [...] Dona Emerenciana era casada com o senhor Romualdo, servente ou coisa que o valha em uma dependência da grande oficina do Trajano. Era preta como dona Felismina e honesta como ela. Defronte ficava a residência da Antônia, uma rapariga branca, com dois filhos pequenos, sempre sujos e rotos. A sua residência era mais modesta: as paredes do seu barraco eram de taipa. (BARRETO, “O moleque”)

Percebe-se, nesta passagem, não apenas o afastamento de Lima Barreto quanto à homogeneização das casas das favelas, mas também o fato de retratar a personagem Dona Felismina como uma preta honesta, e a ocupação profissional do marido de Dona Emerenciana; isto porque, na época, era comum associar o comportamento da população da favela e dos negros à promiscuidade, à falta de moral, e a vadiagem (MATTOS, 2008, p. 218).

Ao mesmo tempo que Lima Barreto descreve a população pobre e negra dando-lhes dignidade, em Clara dos Anjos, como já vimos, o autor também retrata as dificuldades financeiras e os problemas estruturais encontrados nos bairros suburbanos; por isso, faz-se importante ressaltar os altos investimentos nas áreas centrais e zona sul, em detrimento das regiões suburbanas; isto é, cabe levantar dados acerca de tais discrepâncias financeiras. É neste sentido que Moreira (2013) analisa os Relatórios da Diretoria de Obras e Viação da cidade do Rio de Janeiro. Estes relatórios poderiam ser semestrais, mensais e anuais, cuja finalidade era salientar os gastos, a metragem e os serviços específicos realizados.

Atendo-se a esses documentos, Moreira (2013) nos aponta a diferença de gastos públicos entre as circunscrições centrais da Candelária e Sacramento - correspondente quarta Circunscrição - e a décima segunda Circunscrição, na qual correspondia o Méier. De acordo

com os dados, nos primeiros semestres dos anos 1904 e 1906 os investimentos destinados às áreas centrais foram quatro vezes maiores que os gastos na região do Méier. Vejamos abaixo, os investimentos nas duas Circunscrições encontrados na obra de Moreira (2013, p.9):

<b>Média de Gastos da Diretoria de Obras – 1904 - 1908</b>			
	<b>1º Semestre 1904</b>	<b>1º Semestre 1906</b>	<b>1º Semestre 1908</b>
<b>4ª Circunscrição</b>	<b>142:717\$237</b>	<b>357:672\$216</b>	<b>98:399\$724</b>
<b>12ª Circunscrição</b>	<b>32:394\$396</b>	<b>72:667\$904</b>	<b>27:624\$134</b>

FONTE: MOREIRA et al (2013, p.8)

Os gastos contidos nos relatórios não visavam apenas às construções e reformas, mas também cabia a conservação de ruas e logradouros. Dessa maneira, estavam contidos nesses relatórios os feitos empreendidos pelo governo quanto aos consertos em calçamento das ruas e também os reparos em pontes e bueiros. Com relação a quarta circunscrição, encontra-se em um relatório de 1904, o contentamento de um engenheiro (citado por MOREIRA, 2013, p.9):

Conservação e Calçamento – Fez-se o serviço de conservação de calçamento em quase todas as ruas da Circunscrição numa área de 6442m<sup>2</sup>. As turmas de conservação frequentemente auxiliaram a de reposição a fim de não ficarem aquelas vias públicas esburacadas por mais de 24h.

No entanto, os relatórios inerentes às áreas suburbanas não têm a mesma abordagem; podendo-se afirmar que enquanto nas áreas centrais as mudanças eram empreendidas de maneira mais complexa, subdividindo as repartições entre "serviços e conservação" e "serviços de obras e reformas", no que se tange à zona suburbana, compactavam-se em "reparos e obras de saneamento" apenas. Quanto ao tratamento das ruas, se nas áreas centrais o calçamento era feito de pedra de granito, na décima segunda circunscrição, o calçamento era feito com cascalhos.

Para a região dos subúrbios, aqui representada pela 12ª Circunscrição, nota-se nos relatórios a frustração do engenheiro responsável em não ter acesso a bons materiais e a equipamentos adequados para os serviços. Tais circunstâncias resultavam em um trabalho precário que se perdia em pouco tempo. No relatório de 1904, o engenheiro responsável chama a atenção para as obras de macadamização da rua Engenho de Dentro que “somente ficaria em bom estado se fosse possível fazer com que as camadas sobrepostas de cascalho de areia sofressem a ação de um compressor.” (MOREIRA, 2013, p.10)

Vimos, assim, no entorno dos jornais da época uma participação dos suburbanos quanto à tomada de decisões do poder governamental, a fim de criticá-lo em virtude da disparidade de investimento financeiro entre bairros, no qual nunca ou muito pouco favorecia o subúrbio. Em Lima Barreto, notamos uma participação também ativa em jornais a partir da publicação de suas obras, de modo a reclamar sobre o desleixo estatal e dar ao suburbano sua devida dignidade nas entrelinhas das produções literárias.

## **2.5 Evolução urbana na cidade do Rio de Janeiro**

Maurício de Abreu (1987) entende que a evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro (1906-1930) reflete as contradições político-econômico da dinâmica do país da época. Em seu famoso livro “Evolução urbana do Rio de Janeiro”, o autor afirma que enquanto o Estado investia no centro e zona sul do Rio de Janeiro, indústrias se espalhavam para lugares mais afastados do eixo central, fazendo emergir novas áreas. Este processo de criação de indústrias, ampliou o subúrbio e fez surgir novas favelas; de maneira a demandar maior mão-de-obra.

De acordo com Maurício de Abreu, a Reforma Pereira Passos (1903-1906) representou a atenuação entre o Estado e a forma urbana da cidade do Rio de Janeiro. As consequências da intervenção do governo não gerou modificações somente na morfologia urbana da cidade, mas também nas estruturas de classe; isto é, houve ao longo das transformações culminadas por tal reforma, uma segregação de classes pelo espaço.

De 1914-1918, o governo passou a se preocupar com os calçamentos das ruas e estradas do centro, zona sul, zona rural e subúrbio carioca. No entanto, há quem possa desconfiar da benfeitoria do poder público quanto ao investimento nos espaços suburbanos e rurais, pois com a derrocada da economia, em virtude da Primeira Guerra Mundial, era preciso aumentar a produtividade agrícola da zona rural para saciar a demanda das zonas central e sul, assim se fez necessário o investimento em estradas que facilitavam entre os produtores rurais e os consumidores. Segundo Maurício de Abreu, esta hipótese se sustenta tendo em vista a maior atenção dada pelo governo às estradas principais que ligavam à produção agrícola às estações ferroviárias.

Quando encerrou a I Guerra Mundial, a administração do município ficou a cargo de Paulo de Frontin (janeiro a junho de 1919), no qual os investimentos econômicos voltaram a se concentrar totalmente ao núcleo da cidade do Rio (zona sul e centro). Em apenas seis meses,

Frontin construiu e reformou avenidas, deu início à perfuração do túnel João Ricardo e construiu o cais da Urca.

Um tempo depois dos feitos de Paulo de Frontin, sob a administração de Carlos Sampaio (1920-1922), o Rio de Janeiro presenciou mais uma nova modificação que abalou não apenas as estruturas físicas, mas também as sociais. Sob o comando de tal administrador, o Morro do Castelo foi posto abaixo, em nome da “aeração e higiene”, mas que no fundo a questão da “reprodução do capital” sempre esteve presente em sua motivação. O Morro do Castelo era situado no centro do Rio, área privilegiada, no qual vivia uma parcela da população negra e pobre, contrastando ao restante da área. Em seu período de desmanche, no mesmo ano, foi comemorada o centenário da independência, na qual precisaria preparar os festejo para a chegada dos turistas. A Exposição Internacional seria instalada exatamente onde o Morro do Castelo era situado.

Na crônica “O prefeito e o povo”, publicada na revista *Careta* em 1921, Lima Barreto esboçou críticas à disparidade de investimento financeiro do prefeito Carlos Sampaio, que beneficiava o centro e zona sul, em contraponto ao subúrbio. O escritor suburbano começa o texto enfatizando de forma irônica que Carlos Sampaio é um grande prefeito, perdendo tal posto apenas para Paulo de Frontin, e complementa afirmando que não tem sentido a “ação administrativa” de seu mandato. Adiante, Lima Barreto (2004, p.294) relata que em seu “passeio filosófico e higiênico” pelas manhãs no subúrbio é comum o tropeço, em virtude da precariedade das ruas, que foram calçadas “há bem cinquenta anos” com “pedregulhos respeitáveis”. Em contrapartida, na mesma crônica, o escritor pontua sobre a assídua atenção dada ao bairro de Copacabana, e questiona o prefeito das motivações que o levam a não reservar o pouco que fosse para investir no tratamento das ruas suburbanas:

Por que será que ela [a prefeitura municipal] não reserva um pouquinho dos seus cuidados para útil rua das minhas vizinhanças, que até é caminho de defuntos para o cemitério de Inhaúma? Justos céus! Tem acontecido com estes cada cousa macabra! Nem vale a pena contar. Penso que, nessa predileção dos prefeitos por Copacabana, há milonga; mas nada digo, porquanto tenho aconselhado aos meus vizinhos proprietários que a usem também. (BARRETO, 2004, p. 294)

Uma outra crítica esboçada por Lima Barreto na crônica “O prefeito e o povo”, relaciona-se à preocupação de Carlos Sampaio para investimentos em hotéis e hospedaria, a fim de receber os “grossos e médios visitantes ilustres”. De acordo com o ponto de vista do autor não caberia à municipalidade tão grandiosos gastos nesta área, tarefa do Governo Federal. Lima Barreto defende a ideia que os gastos do “governo popular” deveriam dirigir-se ao



“interesse comum dos habitantes da cidade (comuna) e favorecer o mais possível a vida da gente pobre”, e termina o parágrafo em tom de questionamento: “Esses hotéis serão para ela?”.

A partir daí o autor complementa que “municipalidades de todo o mundo constroem casas populares”, mas a prefeitura do Rio de Janeiro empreende seus esforços a gastar dinheiro público com hotéis de luxo. Entretanto, Lima Barreto alerta: todo esse investimento causará trabalho à polícia carioca, em virtude do aumento de roubo pela falta de dinheiro:

Todos os seus esforços tendem para a educação do povo nas coisas de luxo e gozo. A cidade e o seus habitantes, ele quer catitas. É bom; mas a polícia é que vai ter mais trabalho. Não havendo dinheiro em todas as algibeiras, os furtos, os roubos, as fraudes de toda a natureza hão de se multiplicar; e, só assim, uma grande parte dos cariocas terá “gimbo” para custear os esmartismos sampainos. (BARRETO, 2004, p.295)

A Reforma Pereira Passos, as reformas empreendidas por Paulo de Frontin e Carlos Sampaio, são exemplos importantes de aplicação financeira - quase exclusiva - ao centro e zona sul do Rio de Janeiro, em detrimento do subúrbio e áreas periféricas. Enquanto as áreas valorizadas pela prefeitura se modernizava cada vez mais, o subúrbio crescia em termos populacionais, sobretudo em virtude do aumento das indústrias na região.

Como já fora dito, o período de 1914 a 1918 foi marcado pelo avanço industrial do Rio de Janeiro, no qual a substituição das importações trouxe incentivo de investimento à fabricação. A proximidade do Porto (perto de São Cristóvão, bairro suburbano) e a localização de terrenos mais baratos nas áreas suburbanas, ocasionou à instalação de indústrias naquelas localidades. Neste ritmo, em 1917, no bairro suburbano “Maria das Graças” foi instalado a fábrica CISPER, que produzia vidros através de processos mecânicos; em 1919, fora construída a fábrica de lâmpadas “General Electric”, e entre outras tantas fábricas. Com o crescimento industrial, o número de habitantes no subúrbio aumentou, em virtude da mão de obra - fator impulsionador, inclusive, da formação da favela do Jacarezinho, na qual os moradores eram predominantemente operários dessas fábricas (DE ALMEIDA ABREU, 1987). Logo, o espaço suburbano foi aumentando, de maneira a gerar a criação de novos bairros. No livro “Evolução urbana do Rio de Janeiro”, Maurício de Abreu aponta que entre 1906 a 1920, os bairros de Inhaúma e Irajá cresceram, 92% e 263%, respectivamente.

Entretanto, nas diversas crônicas e contos de Lima Barreto não há nenhuma evidência que o crescimento populacional fora acompanhado de melhorias nas estruturas físicas e serviços públicos, pelo contrário há inúmeras críticas do autor ao desleixo estatal vivenciado pelo

subúrbio. Em 1922, é publicada na revista *Careta* a crônica “Os enterros de Inhaúma”, na qual Lima Barreto relata os problemas estruturais de um dos maiores bairros suburbanos.

O autor (2004, p. 553) inicia o texto relatando uma prática comum, oriunda do “costume rural” , no subúrbio: “levar a pé, carregados a braços, os mortos queridos”. Lima Barreto descreve o momento e o ambiente em que estava ao se deparar com a “peregrinação” de moças vestidas de branco e salto alto até o cemitério de Inhaúma, para o enterro de uma criança. O autor estava lendo um jornal num botequim na Rua José Bonifácio, perto da Estrada Real, onde havia uma fazenda próxima; de repente, suspendeu a leitura, e se pôs a imaginar em tempos de outrora, em que naquelas localidades se perduravam os traços rurais no subúrbio:

Pela manhã gosto de ler os jornais num botequim que há por lá. Vejo os órgãos, quando as manhãs estão límpidas, tintos com a sua tinta especial de um profundo azul-ferrete e vejo uma velha casa de fazenda que se ergue bem próximo, no alto de uma meia laranja, passam carros de bois, tropas de mulas com sacas de carvão- nas cangalhas, carros de bananas, pequenas manadas de bois, cujo campeiro cavalga atrás sempre com o pé direito embaralhado em panos.[...] Em certos instantes, suspendo mais demoradamente a leitura do jornal, e espreguiço o olhar por sobre o macio tapete verde do capinzal intérmino que se estende na minha frente. [...] Sonhos de vida roceira me vêm; suposições do que aquilo havia sido, ponho-me a fazer. Índios, canaviais, escravos, troncos, reis, rainhas, imperadores – tudo isso me acode à vista daquelas coisas mudas que em nada falam do passado. [...] De repente, tilinta um elétrico, buzina um - automóvel chega um caminhão carregado de caixas de garrafas de cerveja; então, todo o bucolismo do local se desfaz, a emoção das priscas eras em que os coches de Dom João VI transitavam por ali, esvai-se e ponho-me a ouvir o retinir de ferro malhado, uma fábrica que se constrói bem perto. (BARRETO, 2004, p. 553-554)

Em seguida, Lima Barreto (2004, p.554) retrata os péssimos caminhos percorridos pelas moças com o defunto nos braços, em virtude do mau calçamento das ruas. No trecho percorrido, o escritor destaca duas ruas principais que colocam as moças em verdadeiro calvário: a Rua do Senador José Bonifácio e a Estrada Real. De acordo com ele, na primeira o calçamento datava de “uns cinquenta anos”, e era feita por “pedacinhos de seixos mal-ajustados” e estava “cheio de depressões e elevações imprevistas”; ainda complementa com ironia - para enfatizar o quão ruim era aquele caminho - que “é mau para os defuntos; e até fez um ressuscitar”. Já na Estrada Real, segundo o autor, “a prefeitura só tem feito amontoar pedregulhos, mas tem deixado a vetusta via pública no estado de nudez virginal em que nasceu”.

O autor tem uma verdadeira coletânea de crônicas com requinte irônico sobre os feitos da administração municipal. Em “Estupendo melhoramento”, publicada em 1921, na revista *Careta*, Lima Barreto (2004, p.435) ironiza descrevendo Carlos Sampaio como “iluminado prefeito” e “homem ultrapoderoso”, no qual “desafia, com a sua engenharia de máquinas de

lama, as fúrias do Oceano”; e ainda complementa que “em matéria de obras, o serviço da prefeitura é valorizar as areias de Copacabana e adjacências e bater-se contra os furores de indignação do Mar sem fim e sem amo”. Adiante, Lima Barreto não se restringe apenas às críticas sobre a desigualdade de investimentos da prefeitura, mas também relata a atenção dada ao prefeito por coisas que não lhe caberiam. Neste sentido, o escritor inicia um novo parágrafo enfatizando que enquanto os outros prefeitos do distrito federal se preocupavam em construir prédios e escolas, Carlos Sampaio fez “coisas mais extraordinárias” ao decretar “de um dia para o outro” que “todas as crianças pobríssimas, tais são as que comumente frequentam as escolas públicas soubessem pronunciar francês”. Nos parágrafos seguintes, Lima Barreto ainda ironiza o fato do prefeito exigir comemoração ao sexto ano da morte de Dante, no qual “meninos e meninas das escolas públicas iriam cantar, em italiano, um hino ao altíssimo poeta”. O motivo da abordagem e ironia de tal acontecimento, refere-se sobretudo ao fato do escritor suburbano ser crítico às tentativas de igualar o Rio de Janeiro às estruturas físicas e subjetivas da Europa.

### **3.6 Contradições do espaço suburbano**

Como vimos no trabalho de Mattos (2008), Lima Barreto tenta criar uma imagem mais digna para moradores de favela, no qual constantemente eram retratados de maneira pejorativa nos grandes jornais da época. No mais, os meios de comunicação retratavam o subúrbio de maneira homogênea, como se ali não houvessem áreas bem-valorizadas. Entretanto, no romance “Clara dos Anjos”, livro publicado em 1922, o escritor suburbano traz à tona um espaço diversificado, no qual poderíamos muito bem declarar a presença tanto do subúrbio enquanto “refúgio dos infelizes” como o “subúrbio elegante”.

A leitura marxista do subúrbio carioca o define a partir da linha do trem e do bonde, no qual seria uma área atrativa para a população trabalhadora em virtude da proximidade do transporte público. Segundo Santos (2011), esta área se circunscrevia pela estação de trem da Central do Brasil, Leopoldina, Méier, Engenho de Dentro, Santa Cruz entre outros. Por esses lugares poderiam ser encontradas habitações tanto da classe média - funcionários públicos, comerciantes, etc. - como da classe mais empobrecida - garçons, empregadas domésticas, padeiros e etc.

Todavia, vale ressaltar que a presença de algumas classes mais abastardas situadas no espaço suburbano não invalida o fato da população ser predominantemente pobre, no qual Lima Barreto bem mencionava. Ainda em Clara dos Anjos, inclusive, o autor pontua a existência de

uma população rural afastada da linha do trem - Sepetiba, Campo Grande, etc. - na qual habitavam lavradores e operários empobrecidos. Sendo assim, de maneira a pegar um gancho nas discussões anteriores de Lefebvre e José de Souza Martins, o subúrbio em Lima Barreto aparece na definição dos dois autores na contradição entre urbano e rural<sup>8</sup>.

No romance, o personagem Cassi - que engravida e abandona Clara dos Anjos, moradora de um subúrbio com características mais empobrecidas – é morador do “subúrbio elegante”, no qual confrontava bastante à perspectiva de desleixo estatal. O motivo de tamanha preocupação estatal com as áreas específicas do subúrbio, é inerente, segundo Lima Barreto, à presença de moradia de políticos:

A residência dos pais de Cassi ficava num subúrbio tido como elegante, porque lá também há estas distinções. Certas estações são assim consideradas, e certas partes de determinadas estações gozam, às vezes, dessa consideração, embora em si não o sejam. O Méier, por exemplo, em si mesmo não é tido como chique; mas a Boca do Mato é ou foi; Cascadura não goza de grande reputação de fidalguia, nem de outra qualquer prosápia distinta; mas Jacarepaguá, a que ele serve, desfruta da mais subida consideração. [...] A casa da família do famoso violeiro não ficava nas ruas fronteiras à gare da Central; mas, numa transversal, cuidada, limpa e calçada a paralelepípedos. Nos subúrbios, há disso: ao lado de uma rua, quase oculta em seu cerrado matagal, topa-se uma catita, de ar urbano inteiramente. Indaga-se por que tal via pública mereceu tantos cuidados da edilidade, e os historiógrafos locais explicam: é porque nela, há anos, morou o deputado tal ou o ministro sicrano ou o intendente fulano. (BARRETO, 1922, p.82-83)

---

<sup>8</sup> Vale lembrar que não havia uma delimitação de área rural. O decreto nº 1034, de 1 de setembro de 1892, previa que a cidade se dividia em áreas urbana e suburbana, sendo vinte circunscrições urbanas e oito suburbanas.

### **3.A sociabilidade do suburbano carioca de acordo com Lima Barreto**

#### **3.1 As microresistências e os divertimentos no subúrbio**

Como vimos, Lima Barreto inclinou-se em seus romances ao tratamento das questões sociais vivenciadas pelos suburbanos e pela sociedade carioca de modo geral; neste sentido, pode-se considerar que sua literatura não se restringia à mera abstração, estando envolta, também, de um forte nexos social. Neste sentido, o autor irá identificar nas relações sociais suburbanas questões referentes à moral e à desigualdade, imbricadas num contexto de contrastes.

Apesar de Lima Barreto tentar dar à população suburbana um pouco mais de dignidade através de suas obras, também não a embelezava. Em uma das passagens de Clara dos Anjos, o literato descreve a população pobre do subúrbio como soberba e irritada, mas ao mesmo tempo solidária; na qual, as brigas eram esquecidas diante do infortúnio da doença.

A gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres. [...] O estado de irritabilidade, provindo das constantes dificuldades por que passam, a incapacidade de encontrar fora de seu habitual campo de visão motivo para explicar o seu mal-estar, fazem-nas descarregar as suas queixas, em forma de desaforos velados, nas vizinhas com que antipatizam por lhes parecer mais felizes. Todas elas se têm na mais alta conta, provindas da mais alta prosápia; mas são pobríssimas e necessitadas. Uma diferença acidental de cor é causa para que possa se julgar superior à vizinha; o fato do marido desta ganhar mais do que o daquela é outro, Um "belchior" de mesquinhas aça-lhes a vaidade e alimenta-lhes o despeito. [...] Em geral, essas brigas duram pouco. Lá vem uma moléstia num dos pequenos desta, e logo aquela a socorre com os seus vidros de homeopatia. (BARRETO, 1922, p. 49)

Ao longo de suas obras, o escritor tende a relatar o cotidiano dos suburbanos. Cotidiano este que, segundo o historiador Michel de Certeau (1994), pode ser capturado a partir das “microresistências” dos sujeitos; isto porque, toda sua teoria sobre sociabilidade se identifica com a afirmativa que o sujeito não é passivo defronte aos imperativos da sociedade; isto é, diariamente os homens comuns estão a desenvolver mecanismos – mesmo que pequenos – como respostas às imposições sociais, morais e religiosas - as identificadas “microresistências”. Por isso que, segundo Certeau, é preciso focar nas “trampolinagens” dos indivíduos na abordagem do mundo cotidiano, pois ali se inscrevem as ressignificações e acomodações de um determinado fator.

Ademais, este método interessado nas “práticas culturais e cotidianas” significou para os estudos histórico e antropológico uma quebra de abordagem no âmbito da pesquisa na França, nos anos 70, visto que tais estudos eram dotados de dados estáticos apenas. Ao estudar os “produtos culturais”, Michel de Certeau não se preocupa em quantificar seus consumidores, mas entender como tais consumidores fazem uso desses produtos, retirando-os de uma margem passiva quanto à aquisição desses artefatos. Neste sentido, o historiador tenta perceber como esses produtos são fabricados e apropriados pelos consumidores a partir de suas práticas culturais; daí que ele interliga a percepção de “cotidiano” a “arte de fazer”, no qual à arte não é inerente à técnica, mas a “reinvenção” e a “recriação” (VENTURA, 2015).

Neste contexto de visão “não-passivista” defronte ao sujeito, aparece uma distinção importante em sua obra: estratégia x tática. De acordo com Certeau, estratégia remete-se ao campo/espço do indivíduo, enquanto a tática refere-se aos mecanismos e “recursos do sujeitos diante do jogo”. Nas próprias entrelinhas da biografia de Lima Barreto, pode-se denotar as microresistências em seu cotidiano de suburbano, negro e pobre.

Em uma matéria publicada no site da BBC, Lilia Schwarcz diz que uma das táticas que o escritor utilizava na abordagem de problemas tanto individual como social era através de um “humor ácido”, em que segundo Schwarcz (2017) é muito típico do “jeito brasileiro” de resistir às mazelas.

A gente tem esse jeito tão brasileiro de rir da desgraça. Me lembro do 7 a 1 da Alemanha contra o Brasil. Assim que o jogo terminou comecei a receber mensagens tirando sarro disso, e o Lima tem um pouco disso - muito crítico, muito mordaz, mas ao mesmo tempo muito bem humorado. As histórias dele sobre o funcionalismo público são de matar de dar risada - ele diz que "você mede a qualidade de um bom funcionário público pela quantidade de vezes que ele abre as gavetas, ou que ele aponta o lápis". E ele tá lá, é funcionário público. É uma blague que tem a ver com esse modernismo carioca, que durante muito tempo ficou fora da agenda, fora do compasso dos modernismos, e que era um modernismo boêmio e bem humorado. Era crítico de idealizações do país, era uma literatura crítica, de contestação. E ele faz uma crítica aos estrangeirismos. E teve uma recepção desastrosa na época, como você pode imaginar.

Lima Barreto, enquanto indivíduo pensante e atuante no cenário social, sabia muito bem o quanto sua condição poderia limitá-lo a alcançar alguns propósitos. Entretanto, o objetivo do escritor não era criar em sua literatura um retrato de “vítima social”, mas fazer de suas obras um “projeto de inserção”- estando consciente que fazer uma “literatura negra” incomodava às “elites literárias”, em que havia por hábito retratar os escritores negros “mascarando-os” como brancos, tamanho o preconceito racial da época.

No próprio manicômio, ele foi internado como branco e, depois, como pardo. Essa é a régua da cor no Brasil. Eu tentei provar no livro [“Lima Barreto- Triste Visionário”] que ele trazia esse tema, ele descreve a cor dos personagens de uma forma minuciosa, ele próprio se chamava de azeitona escura. (...) Para você ter um autor que diz que negro é a cor mais cortante no Brasil - não tem ingenuidade nisso. Ninguém queria falar desse tema. (...) Ele morreu em 1922, aos 41 anos e com a obra muito silenciada. Depois da Nigéria, o Brasil é o maior país de população negra e africana e somente agora começam a aparecer expoentes da literatura negra, afrodescendente. E eu não chamo de literatura negra quem nasceu negro, não é uma questão de origem, é uma opção - no Lima Barreto é um projeto literário. (SCHWARCZ, 2017)

Inclui-se, portanto, no projeto literário de Lima Barreto também o relato do cotidiano do subúrbio. Isto pode ser verificado com notoriedade em suas crônicas, no qual tende a narração de suas experiências enquanto morador do subúrbio. Em “Bailes e divertimentos suburbanos”, publicada pela “Gazeta de Notícias”, Lima Barreto descreve a “festa doméstica” mais conhecida entre os suburbanos: os famosos bailes. De acordo com ele, há algumas décadas, tais bailes eram tão importantes que toda a estrutura da casa era construída em prol deles. Assim, a sala de visitas era considerada a “melhor peça” da casa.

Entretanto, Lima Barreto (2004, p.500) relata uma certa perda de tal costume em virtude do empobrecimento das construções de residências; logo, na mesma crônica o autor afirma que “nas salas de visitas das atuais mal cabem o piano e uma meia mobília, adquirida a prestações (...) Isto acontece com as famílias remediadas; com as verdadeiramente pobres, a coisa piora”. Por tal motivo, os bailes foram se reduzindo, ficando restrito muitas vezes a um “concerto mínimo de violão”. Desse modo, cabe aglutinar à reflexão feita à crônica “A estação”, comentada no capítulo anterior, no qual Lima Barreto retrata os mecanismos de divertimento dos suburbanos defronte a ausência estatal em lhes proporcionar, em detrimento do que se pode observar na zona sul e central da cidade.

Para demonstrar as peculiaridades dos “bailes familiares” no subúrbio, Lima Barreto fala da presença da “Santinha” e do seu “Gastão”. Sempre atento à descrição dos “personagens”, o escritor afirma que a moça não era bonita de aparência e não ia para o baile a fim de encontrar namorado, pois seu principal interesse na festa era dançar a “valsa americana”. Todavia, Gastão tinha uma “delicadeza exagerada” e não se interessava pela valsa, mas sim pelo “*pas-de-quatre*” – referente ao balé. Lima Barreto refere-se a Gastão como o “rei suburbano do *pas-de-quatre*”, mas que a posteriori havia deixado o baile de lado para ser diretor-chefe de uma casa bancária.

Nota-se que nas entrelinhas de suas obras, Lima Barreto traz à tona não apenas um subúrbio empobrecido, mas também um subúrbio que poderia ser considerado

sofisticado/burguês – em um trecho da crônica, o escritor chama tais bailes de “imitação da alta burguesia”.

O maior baile da região era produzido por “Seu Nepomuceno”. Lima Barreto relata que nem o próprio dono da festa tinha noção de quem entrava e saía de suas festas, tamanha a quantidade de convidados, “subconvidados” e penetras. E, apesar da multidão, o cronista suburbano retrata que ali se sobressaía o respeito e a honestidade. Todavia, Lima Barreto lamenta que, já naquele momento, essas festas haviam se desfigurado, em virtude do empobrecimento cada vez maior da construção das casas.

No lugar dos bailes, eram o “violão e a modinha” que ganhavam destaques. Porém, o escritor alerta para o quão grave pode se tornar tal distração para as “moças ingênuas e inexperientes”, em virtude das más intenções de alguns violeiros do subúrbio. Em “Clara dos Anjos”, livro publicado em 1922, o escritor retrata o infeliz destino de Clara ao cair nos ardis do violeiro Cassi Jones: a menina criada sob uma educação super protetora, acabou engravidando de Cassi, suburbano de classe média que usava de sua função de violeiro para galantear as moças.

O carnaval era também um período de destaque no subúrbio. Não observando nada de original em sua produção no subúrbio, Lima Barreto (2004, p. 504) afirma que “lá, como na Avenida, como em Niterói, como em Maxambomba, como em todo este Brasil inteiro, são os mesmos cordões, blocos, grupos, os mesmos versos indignos de manicômios, as mesmas músicas indigestas”. Em tom de crítica e nostalgia, o escritor (2004, p. 504) termina a crônica rechaçando o divertimento atual no subúrbio, afirmando que tal fato acontece em virtude de uma “vida cara” e das muitas apreensões:

O subúrbio não se diverte mais. A vida é cara e as apreensões muitas, não permitindo prazeres simples e suaves, doces diversões familiares, equilibradas e plácidas. Precisa-se de ruído, de zambumba, de cansaço, para esquecer, para espancar as trevas que, em torno de nossa vida, mais densas se fazem, dia para dia, acompanhando *pari passu* as suntuosidades republicanas (...) ele não mais se diverte inocentemente; o subúrbio se atordoa e se embriaga não só no álcool, com a lascívia das danças novas que o esnobismo foi buscar no arsenal de hipocrisia norte-americana.

### **3.2 A perspectiva de trabalho no cenário da *Belle Époque***

Como já fora dito anteriormente, o período compreendido entre 1880 até 1922 foi marcado por um movimento de cunho cultural, no qual ressaltava os avanços tecnológicos e



enfetizava os preceitos burgueses; tal momento é conhecido por *Belle Époque*. No contexto da carioca, foi realizada uma série de transformações tanto na estrutura física como na estrutura subjetiva, a fim de transformar a capital federal numa nova Paris. Quanto à infraestrutura da cidade, coube à Reforma Pereira Passos realizar obras principalmente no centro carioca e na zona sul, excluindo ou investindo muito pouco na área suburbana – como assim reclama Lima Barreto em seus contos e crônicas. No que se tange às mudanças subjetivas, o poder republicano tratou de proibir e perseguir comportamentos e hábitos que identificavam os menos favorecidos – como, por exemplo, o jogo do bicho, a capoeira e a entrega de leite nas portas.

No plano do trabalho, o brasileiro era considerado preguiçoso, visto que corria em seu corpo sangue de índios e negros, nos quais eram classificados como inferiores aos brancos. Neste momento, o incentivo para imigração de povos brancos foi intenso, para que pudesse “melhorar” a genética dos brasileiros. Isto deu origem a “rixas e conflitos” entre brasileiros e imigrantes, que Sidney Chalhoub retrata muito bem em seu livro “Trabalho, lar e botequim”.

No capítulo intitulado “sobrevivência”, Sidney Chalhoub (1986, p. 35) enfoca as “rixas e conflitos” entre trabalhadores do início do século XX, no contexto do Rio de Janeiro. Para tanto, procura-se enfatizar as “rivalidades étnicas e raciais” enquanto configurações da concorrência de força de trabalho – pelas quais, se apresentavam de maneira desfavoráveis – em um momento de formação do mercado de trabalho capitalista.

Os principais atores dessas rivalidades eram os imigrantes e brasileiros. Segundo o autor, por mais que na prática tanto os imigrantes como os brasileiros tivessem condições econômicas semelhantes, essa proximidade era obscurecida tendo em vista o ressentimento nutrido entre eles. Se os portugueses se consideravam superiores racial e culturalmente aos brasileiros, estes, por sua vez, eram nutridos de antipatia pelos portugueses em virtude das lembranças da escravidão e da tomada da maior parte dos empregos pelos imigrantes de Portugal. Chalhoub (1986, p.36) ao longo de sua pesquisa, trabalha com a hipótese de que essas rivalidades foram “reativadas” e “reelaboradas” pela classe trabalhadora no momento pós-abolição, no Rio de Janeiro.

Longe de haver uma cisão bem-definida entre “burguês/explorador x proletário despossuído”, no bojo de um contexto em que o mercado de trabalho capitalista ainda se formava, o que havia era uma “luta pela sobrevivência”, na qual a classe popular se ajustava às condições sociais. Não conseguindo ingressar no restrito mercado de trabalho ou simplesmente se recusando à condição de trabalhador assalariado, era comum encontrar trabalhadores que

procuravam se manter como ambulantes, vendedores de jogo do bicho, biscateiros, jogadores profissionais, mendigos e etc. (CHALHOUB, 1986)

O autor nos alude sobre a formação de uma nova ética inerente ao trabalho na conjuntura da pós-abolição. Para tal, revisaram-se conceitos e construíram valores para dar forma a uma nova ética de trabalho. Este esforço foi representado em projeto de lei no qual reprimia a ociosidade, no contexto de 1888; uma das questões ressaltada por Chalhoub elucidada a ausência dos imigrantes nos debates e no corpo desse projeto. Esta postura já demonstra a associação entre preguiça e homens nacionais.

Concomitante a tal projeto, um grupo de lavradores requeriam ações da justiça para garantir a segurança individual e de suas propriedades; seus argumentos se justificavam na perspectiva de que os recém-libertos estavam a rapinar e saquear nas estradas. No discurso da classe de lavradores, este “comportamento típico” dos libertos explica-se por sua ex-condição de escravos, na qual não lhes deu “nenhuma noção de justiça, de respeito à propriedade, de liberdade” (CHALHOUB, 1986, p.42). Para conter tal comportamento, era preciso educá-los através do hábito de trabalhar; ou seja, era preciso inculcar na mentalidade dos libertos a importância do trabalho, não o trabalho compulsório do sistema escravista, mas o trabalho enquanto qualidade.

As “teorias da patologia social” – isto é, conjuntos de ideias que afirmavam o despreparo dos ex-escravos para o trabalho livre, relacionava-o a sua própria condição anterior, na qual não lhes deu “treinamento técnico nem a mentalidade e disciplina do trabalhador livre” – foram rebatidas por explicações científicas minuciosas nas quais asseguram que apesar de toda violência sofrida por escravos, eles souberam sim se “adaptar ou reconstruir padrões culturais, relação de família e laços de solidariedade e ajuda mútua entre eles” (CHALHOUB, 1986, p.53); ou seja, a ideia de que os negros/recém-libertos sofriam de uma anomalia/patologia adquirida no sistema escravista, no qual, os inibiram de criar vínculos e organizar-se – e, conseqüentemente, desenvolver uma mentalidade de trabalhador livre – hoje em dia é rebatida. Como veremos mais adiante, a afirmativa de que os negros sofriam de uma anomalia, funcionou como mecanismo da classe dominante para sujeitar e controlar a classe dominada.

O conceito de trabalho fora bastante discutido, de modo que a pretensão dos parlamentares era transformá-lo em lei suprema da sociedade. No cerne do discurso, havia de maneira evidente, uma relação de troca entre “cidadão” e “sociedade”: enquanto a sociedade lhe daria “segurança, os direitos individuais, a liberdade, honra, etc.”, o cidadão retribuía todos

esses feitos com o seu trabalho. Neste sentido, o cidadão estaria sempre na condição de endividado (CHALHOUB, 1986).

Considerado “lei suprema”, o trabalho estava imbuído de uma perspectiva moral. Uma vez afastado desse atributo, propunha-se que o indivíduo fosse para uma colônia de trabalho para se regenerar da vadiagem, ficando enclausurado lá por cerca de cinco anos. Após sua saída, o condenado receberia apenas uma parte do dinheiro fruto de seu trabalho na colônia. Ademais, é importante ressaltar não apenas o caráter “moralizante” do projeto acerca do trabalho, mas também seu aspecto educativo; já que, a proposta não objetivava transformar os cidadãos em seres sedentos pela aquisição de propriedade, mas fazer do fruto de seu trabalho uma forma de se viver de maneira econômica e confortável.

Neste contexto de valorização incisiva do trabalho, é de se esperar que a ociosidade fosse sinônimo de desordem social. Chalhoub (1986, p.46) nos pontua o que seria um ocioso: “ocioso é aquele indivíduo que, negando a pagar sua dívida para com a comunidade através do trabalho honesto, coloca-se a margem da sociedade e nada produz para promover o bem comum”. No ensejo dessa discussão, o autor nos apresenta algumas especulações sobre a origem da ociosidade, na qual associava-se frequentemente aos brasileiros, isentando-se os imigrantes. Uma delas explicava a “preguiça dos homens nacionais” a partir dos solos ricos encontrados no Brasil; ou seja, as riquezas naturais aqui encontradas não estimulavam os homens ao trabalho duro, tornando-os preguiçosos. Portanto, eis aí a importância de se inculcar em sua mentalidade a importância do trabalho.

Ademais, além de ser considerado preguiçoso, o homem que não trabalhasse era visto como um risco para a sociedade; pois, uma vez à toa, ele estaria propenso a cometer crimes que ameaçavam os bons costumes da sociedade; como saquear nas estradas para suprir suas necessidades.

Percebemos os artifícios de Lima Barreto, no bojo de suas obras, tanto para reforçar as concepções de trabalho na época como para contrapor determinadas perspectivas. É possível notar essas artimanhas nas crônicas “Feiras livres”, “Quase ela deu o seu sim, mas”, e no livro “Clara dos Anjos”. Enquanto “Cazu” é um suburbano preguiçoso e avesso ao trabalho, Zezé Mateus vivia de “bicos” para manter-se.

No pequeno texto “Feiras livres”, publicado em 1921, na Revista Careta, o escritor suburbano relata um curto episódio de seu cotidiano: o passeio por uma feira no Méier. O horário não era tão cedo; complementa afirmando que não se levanta “às primeiras horas do dia, embora seja pobre”. Durante o cortejo pela feira, Lima Barreto diz deparar-se com um

“vagabundozinho dos subúrbios”. Em tom de deboche e repugnância, o escritor descreve que o sujeito “toma ares de valentão e não faz nada”; critica ainda o que seria uma falta de perspectiva profissional, dada a sua inclinação a um trabalho feminino (confecção de bruxas de pano e serragem). Apesar de Lima Barreto ser um tanto quanto preconceituoso em sua colocação – o que poderia ser considerado compreensível, dada a sociedade machista que inferiorizava a figura feminina –, pode-se notar o quanto o trabalho para Lima Barreto é considerado uma questão cara.

Esse vagabundozinho dos subúrbios é um tipo lá daquelas bandas que a gente não sabe como vive. Toma uns ares de valentão e não faz nada. (...) Avida corre-lhe fácil e, sem dificuldades e aborrecimentos, vai comendo o seu feijão e carne-seca. Aparece um dia, entretanto, um outro tipo que não está disposto a respeitar-lhe semelhante lordismo, logo ele se esvai. Foi o que aconteceu com este tal de Bragalhões que vivia com a função feminina de vender “bruxas” de panos e serragem. (BARRETO, 2004, p.377)

Já na crônica “Quase ela deu o seu sim, mas” - publicada em 1921, pela Revista Careta -, Lima Barreto constrói o personagem “João Cazu”, “um moço suburbano, forte e saudável, mas pouco ativo e amigo do trabalho”. Cazu vivia com tios, estes moravam próximos à estação de trem. Todo dinheiro que tinha era advindo da bondade de seus parentes, no qual gastava-o inteiramente com flores para suas namoradas. Vivia muito bem e não havia no rapaz nenhuma ambição. Todavia, em seu íntimo algo o inquietava: a vontade de casar-se. Seu interesse pelo casamento restringia-se ao desejo de ter uma mulher para lhe fazer todos os serviços domésticos: lavar e engomar suas roupas; remendar suas meias e calças, e etc. Entretanto, a mulher ideal deveria aceitar o seu estilo “descansado”.

Havia pensado em homens que se casavam com mulheres ricas e nunca mais trabalhavam. Enquanto homem sem ambição, Cazu não aspirava tanto. Queria apenas viver de maneira tranquila, com uma mulher satisfeita com seu jeito preguiçoso. Um dia, Dona Ermelinda, sua vizinha, pede para que Cazu lhe faça um favor de ir até à padaria. O rapaz ficou pensando na possibilidade de ser ela a mulher ideal. Viúva com pouco mais de 30 anos, costureira, dona de uma casa própria e um pequeno *chalet*, seria a esposa que aturaria sua aversão ao trabalho. Logo, Cazu põe-se a refletir: "Está aí um bom partido: casa própria, montepio, renda das costuras; e além de tudo, há de lavar-me e consertar a roupa. Se calhou, fico livre das censuras da tia...".

Depois do favor obtido, Dona Ermelinda o convidou para tomar um café; durante, notou que a camisa de Cazu estava rasgada e pediu que ele fosse no dia seguinte até a sua casa para

consertá-la. O romance dos dois começou por aí, e sem perceber, Dona Ermelinda tornou-se empregada de Cazu. Na rua, todos já os apontavam como noivos, sem haver qualquer pedido oficial. Até que depois de ir a um casamento na casa dos tios, pôs-se a pensar na possibilidade de pedi-la em casamento. Pediu. Ela disse que queria uns dias para pensar. Chegado o grande dia, ela deu a Cazu uma lista de compras para o almoço, o rapaz desistiu do casamento e nunca mais voltou à casa de Ermelinda.

Acabada a leitura, Cazu não se levantou logo da cadeira; e, com a lista na mão, a olhar de um lado a outro, parecia atordoado, estuporado.

— Anda Cazu, fez a viúva. Assim, demorando, o almoço fica tarde...

— É que...

— Que há?

— Não tenho dinheiro.

— Mas você não quer casar comigo? É mostrar atividade meu filho! Dê os seus passos... Vá! Um chefe de família não se atrapalha... É agir!

João Cazu, tendo a lista de gêneros na mão, ergueu-se da cadeira, saiu e não mais voltou...

Logo, nas entrelinhas da crônica nota-se o quanto o escritor é favorável ao trabalho, e o entende como importante para a dignidade humana. Por mais que Lima Barreto fosse contrário a perspectiva que tachava o homem brasileiro/suburbano como preguiçoso, enquanto escritor honesto, não idealizava a sociedade; relatando, portanto, que há sim sujeitos dessa estirpe, mas que é importante não generalizar.

Em algumas passagens da crônica, Lima Barreto afirma ainda que Cazu “filava” o cigarro dos amigos, sendo o mau hábito conhecido por todos; a ponto dos próprios amigos prontificar-se a dar os cigarros, antes de serem pegos sem pedir. Havendo preguiça e “pequenos furtos a amigos” na natureza de Cazu, não se pode comprometer toda uma sociedade em virtude desse exemplo. Neste sentido, Lima Barreto cria personagens honestos e trabalhadores, como “Zezé Mateus” e “Joaquim dos Anjos”.

Em “Clara dos Anjos”, Lima Barreto narra a história de Joaquim dos Anjos, pai de Clara. Ainda novo, Joaquim saiu de Diamantina, Minas Gerais, para tentar a vida no Rio de Janeiro, por estar “desgostoso a existência medíocre na sua pequena cidade natal”; no Rio se fez carteiro e algum tempo depois casou-se e adquiriu uma casa humilde no subúrbio. O escritor descreve

o personagem como um sujeito pouco ou nada crítico, e sem muitas ambições. Entretanto, era trabalhador, aos poucos fora construindo sua simples casa no subúrbio. Passava a maior parte do tempo dedicado a seus afazeres, quando não estava no serviço, gostava de compor modinhas e tocar flautas.

Agora, porém, e mesmo há vários anos, estava em plena posse do seu "buraco", como ele chamava a sua humilde casucha. Era simples. Tinha dois quartos; um que dava para a sala de visitas e outro para a sala de jantar, aquele ficava à direita e este à esquerda de quem entrava nela. À de visitas, seguia-se imediatamente a sala de jantar. Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, onde estavam a cozinha e uma despensa minúscula. Comunicava-se esse puxadito com a sala de jantar por uma porta; e a despensa, à esquerda, apertava o puxado, a jeito de um curto corredor, até à cozinha, que se alargava em toda a largura dele. Aporta que o ligava à sala de jantar ficava bem junto daquela, por onde se ia dessa sala para o quintal. Era assim o plano da propriedade de Joaquim dos Anjos. [...] Fora do corpo da casa, existia um barracão para banheiro, tanque, etc., e o quintal era de superfície razoável, onde cresciam goiabeiras, dois pés ou três de laranjeiras, um de limão galego, mamoeiros e um grande tamarineiro copado, bem aos fundos. [...] A rua em que estava situada a sua casa desenvolvia-se no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma. Carroções, carros, autocaminhões que, quase diariamente, andam por aquelas bandas a suprir os retalhistas de gêneros que os atacadistas lhes fornecem, percorriam-na do começo ao fim, indicando que tal via pública devia merecer mais atenção da edilidade. (BARRETO, 1922, p.2)

Já ao tratar de Zezé Mateus, na mesma obra - "Clara dos anjos" - , o literato irá reforçar a vinculação entre trabalho e moral, mas desvincula a preguiça dos homens nacionais e pobres, uma vez que "Zezé Mateus", apesar de não ter emprego fixo, procurava "bicos" quando a necessidade surgia sem parasitar ninguém; isto é, neste quesito, Lima Barreto inverte a ordem dos fatores: os industrialistas eram parasitas, por viver de explorar os outros; Zezé Mateus vivia às próprias custas (MELO, 2012).

Zezé Mateus era um verdadeiro imbecil. Não ligava duas idéias; não guardava coisa alguma dos acontecimentos que assistia. A sua única mania era beber e dizer-se valente. Topava todos os ofícios; capinava, vendia peixe e verdura, com cesto à cabeça; era servente de pedreiro, apanhava e vendia passarinhos, como criança; e tinha outras habilidades desse jaez. [...] Totalmente inofensivo, quase inválido pela sua imbecilidade nativa e pela bebida, uma família a quem ele prestava pequenos serviços — ir às compras, ao açougue, lavar a casa — dava-lhe um barracão na chácara, onde dormia, e comida, se estivesse presente às refeições. Encontrava-se nessa ruína humana o melhor da turma e o único que não tinha maldade no coração. Era um ex-homem e mais nada. (BARRETO, 1922, p.12)

Esta pequena viagem a um personagem de um livro do Lima Barreto, serve-nos para retratar uma questão importante: a relação que se fazia muito presente nessa época entre a

“classe pobre” e o “perigo”. Contrariando esta perspectiva, Lima Barreto ressaltava que Zezé Mateus “não tinha maldade no coração”, apesar de sua falta de ambição de trabalho; além de fazer pequenos trabalhos para subsistir-se, ao invés de roubar – isto é, sua pobreza não o condicionou ao roubo, como se poderia supor na época. Vejamos, portanto, uma fala de um deputado que demonstra, nitidamente, a relação entre pobreza e criminalidade:

As classes pobres...sempre foram e hão de ser sempre mais absolutamente causa de todas as sortes de malfeitores: são elas que designam mais propriamente sob título de – classes perigosas –; pois quando mesmo o vício não é acompanhado pelo crime, só o fato de aliar-se à pobreza no mesmo indivíduo constitui um justo motivo de terror para a sociedade. O perigo social cresce e torna-se de mais a mais ameaçador, à medida que o pobre deteriora a sua condição pelo vício e, o que é pior, pela ociosidade.

Os imigrantes aparecem neste contexto como “modelo” para os brasileiros, em que eram considerados, muitas vezes, improdutivos, incapazes e o “atraso” do desenvolvimento do país. Os imigrantes, principalmente os italianos da zona cafeeira de São Paulo, eram vistos como motores do progresso do país.

De acordo com o autor, o Segundo Império e a República Velha foram demarcados por discursos que levavam a crer a existência de dois mundos: o mundo da criminalidade/ociosidade e o mundo do trabalho. O discurso munido de maniqueísmo da classe dominante – no qual o “bem” era praticado pela classe rica, e como tal dotada de atributos morais e o “mal” mais próximo dos pobres, com inclinações a cometer delitos – na prática efetivava-se numa conjuntura social, em que o esforço de conceituar e delimitar a ociosidade e trabalho, repercutia em um sistema perpassado por contradições. Neste sistema tornava-se evidente o esforço de “controle e sujeição dos grupos sociais mais pobres” pela elite (CHALHOUB, 1986, p. 51).

Neste sentido, nota-se que apesar do fim da escravidão os negros continuaram como “perdedores” na estrutura social brasileira. No que se diz respeito a sua luta pela sobrevivência, o quadro se tornou cada vez mais evidente. De acordo com Chalhoub (1986, p. 51), a maior parte dos empregos formais e dinâmicos – trabalhos no comércio, nas atividades artísticas e nas manufaturas - eram destinados a imigrantes europeus na cidade do Rio de Janeiro; enquanto 48% dos negros alocavam-se em empregos domésticos, 17% trabalhavam nas indústrias, 16% não tinham profissão e o restante trabalhava no campo.

Além de estarem em desvantagem quanto a oportunidade de emprego, Chalhoub elucida que, uma vez convivendo em um mesmo local de trabalho, era comum que negros estivessem em situações de perseguição pelos brancos/imigrantes. Segundo o autor, os imigrantes de mesma nacionalidade eram bastante solidários, geralmente mostravam-se unidos

diante de uma situação de conflito. Era comum apoiarem a versão dos gerentes das fábricas e suas discriminações a funcionários não-brancos – no qual, em caso de demissão, sempre argumentavam que eles eram “desordeiros” e “mau trabalhador”.

Entretanto, no artigo de Carla S. Oliveira (2009), intitulado “O Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico”, os primeiros contatos dos portugueses com o trabalho em terras cariocas, nem sempre foi fácil. A historiadora relata as motivações que fizeram com que imigrantes de Portugal optassem por estas terras. De acordo com seus estudos, tal país passava por uma fase de reordenamento capitalista, no qual se previa a instalação de grandes companhias comerciais para a exploração agrícola e, conseqüentemente, a mecanização do campo apoiada pelo Estado. Ademais, entre 1886 – 1888, surgia a crise na produção de vinho no norte de Portugal. Somada a concepção formada de que o Brasil era uma terra de oportunidades, todos esses fatores apontam para as motivações que fizeram com que portugueses saíssem de suas terras, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

O perfil dos imigrantes de Portugal era geralmente de homem solteiro. Ao chegar, instalavam-se no centro da cidade e em suas redondezas. Como Chalhoub ressaltou, na prática as condições financeiras de brasileiros e portugueses não eram muito diferentes; pois, chegando aqui, os imigrantes tiveram que aceitar serviços pesados e de baixa remuneração (OLIVEIRA, 2009). Entretanto, o que se impressiona são justamente as perspectivas negativas dos portugueses no cenário carioca: a ideia que são ignorantes – por ter pouca qualificação, e por isso se submeterem a qualquer emprego – ou exploradores – dos próprios portugueses ou brasileiros, através do vínculo empregatício ou na manutenção de inquilinos.

De modo a não torná-los apenas os vilões da história, Oliveira retrata que a vida dos portugueses na cidade carioca também não era nada fácil num contexto de transformações urbanísticas, nas quais não facilitavam o cotidiano da população de baixa renda – incluindo os portugueses. A rua, que era considerada a “moradia complementar” – tendo em vista que os moradores só voltavam para suas habitações para dormir – dos habitantes dos cortiços e das hospedarias foi ligeiramente afetada com o projeto de modernização. Ali, espaço de socialização, onde a vida da capital federal acontecia foi impactada com ideologias que pregavam que o “conversar à porta dos armazéns e bares populares” e o “parar nas esquinas para olhar a vida passar” fosse considerado vadiagem, contradizendo a civilização (OLIVEIRA, 2009).



Não sendo apenas espaço de conversas, a rua era o espaço em que muitos trabalhavam; muitos ambulantes, estivadores e caixeiros tiveram sua condição financeira ainda mais afetada em virtude de tais reformas. Inclusive, os donos – incluem-se portugueses - de cortiços e hospedarias tiveram seu “ganha-pão” desmontado graças ao “bota-abaixo” de Pereira Passos.

Na verdade, o bota-abaixo representou não só um grande redimensionamento urbanístico da área central do Rio, mas - e principalmente - profundas mudanças também no mundo do trabalho. A configuração do espaço público da Cidade Velha permitia, até então, que os quase 50% da população carioca economicamente ativa que não tinham profissão definida sobrevivessem “de pequenos expedientes”, vendendo nas ruas peças de artesanato e de pequena manufatura ou quitutes caseiros. De certa forma, o universo em que transitavam estes trabalhadores deixou, repentinamente, de existir, e toda essa reviravolta provocada pelos “cavouqueiros” lançou sua poeira também sobre os imigrantes lusos que moravam e labutavam na cidade. (OLIVEIRA, 2009, p. 158 – 160)

### **3.3 Personalidade e comportamento de Cazuzza: um suburbano solitário e frustrado**

No ensejo da discussão sobre a criação de ideologias acerca do trabalho e as sociabilidades nas ruas, se faz necessário abordar sobre o comportamento e a personalidade dos suburbanos; questões que se mostraram importantes para Lima Barreto na produção de sua literatura. Nesta conjuntura, este tópico tratará da história de Cazuzza – um personagem suburbano construído por Lima Barreto. Para ajudar na discussão sobre tais subjetividades do personagem, torna-se importante revisar as teorias de Norbert Elias (1897 – 1990) sobre a “figuração/configuração social” e as “teias de interdependências”.

O sociólogo alemão Norbert Elias, pensa a sociedade interligada ao indivíduo (e vice-versa), para tal ele afirma que há uma “teia de interdependência entre os indivíduos”, no qual a sociedade é justamente esta “rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação as outras”. Portanto, o indivíduo só existe em relação, de modo que “cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem “ (ELIAS, 1994, p.13).

Neste sentido, para explicar a estrutura social, é preciso considerar as relações/funções entre os indivíduos na sociedade; por considerar essas relações/funções dinâmicas, o sociólogo nega-se a observar a estrutura de maneira fixa e estática. Para tanto, ele exemplifica o caso do processo de individualização no seio da Renascença:

Em consonância com a estrutura mutável da sociedade ocidental, uma criança do século XII desenvolvia uma estrutura dos instintos e da consciência diferente da de uma criança do século XX. A partir do estudo do processo civilizador, evidenciou-se com bastante clareza a que ponto a modelagem geral, e portanto a formação individual de cada pessoa, depende da evolução histórica do padrão social, da estrutura das relações humanas. Os avanços da individualização, como na Renascença, por exemplo, não foram consequência de uma súbita mutação em pessoas isoladas, ou da concepção fortuita de um número especialmente elevado de pessoas talentosas; foram eventos sociais, consequência de uma desarticulação de velhos grupos ou de uma mudança na posição social do artista - artesão, por exemplo. Em suma, foram consequência de uma reestruturação específica das relações humanas. (ELIAS, 1994, p. 17 – 18)

Por compreender que o indivíduo nasce dotado de impulsos e paixões, na obra “O processo civilizador”, Norbert Elias (1990) nos faz refletir acerca das pressões sofridas pelo homem para torná-lo civilizado. De acordo com o sociólogo, antes do advento da civilização, os homens eram entregues às suas emoções, nisso se pode aferir, que diante de um desentendimento, cada qual resolvia as mazelas que surgiam por meio da violência física. Com a intensificação da divisão do trabalho e das teias de relacionamentos, os indivíduos tiveram que sintonizar sua conduta com a dos outros de maneira que “cada ação individual desempenhasse uma função social” (ELIAS, 1990, p. 196). Esta regularização de ações, requer sempre o autocontrole e a autolimitação, gerando a compressão das paixões e impulsos, na qual varia de acordo com a função e alocação do indivíduo dentro dessa teia de relacionamentos. O equilíbrio entre os controles - permeados por essa teia de relações sociais principalmente durante à infância e a juventude – e as pulsões individuais darão origem às estruturas de personalidade (ELIAS, 1990).

Mas como agora ele [o indivíduo] estava limitado pela dependência funcional das atividades de um número sempre maior de pessoas, tornou-se também mais restringido na conduta, nas possibilidades de satisfazer diretamente seus anseios e paixões. A vida tornou-se menos perigosa, mas também menos emocional ou agradável, pelo menos no que diz respeito à satisfação direta do prazer. Para tudo o que faltava na vida diária um substituto foi criado nos sonhos, nos livros, na pintura. De modo que, evoluindo para se tornar cortês, a nobreza leu novelas de cavalaria; os burgueses assistem em filmes à violência e à paixão erótica. (ELIAS, 1990, p.203)

A teia de interdependência entre os indivíduos forma uma estrutura social específica, em que, a posteriori, Elias denominou de “figurações sociais”. Sendo assim, a escola, o exército, a família, a igreja e etc, seriam cada qual uma figuração. Por entender que o indivíduo não é passivo quanto aos fatores sociais, o sociólogo percebe que em cada contexto histórico e social, as figurações sociais são transformadas e mudadas por meio de suas necessidades e inclinações.

Para compreender as figurações sociais, é preciso saber que tipo de emoções são nutridas pelos indivíduos em uma determinada época; isto é, é necessário a análise dos padrões de comportamento e personalidade que vigoram naquele período. Percebe-se, portanto, que Elias interessava-se pelos sentimentos envoltos das figurações sociais.

Lima Barreto foi capaz de transpor para suas obras as emoções dos personagens acerca dessas configurações. Em “O único assassinato de Cazuzá”, conto publicado em 1922, pela Revista Sousa Cruz, o escritor descreve as afetações causadas em Cazuzá - ou Hildegardo Brandão - sobre a morte de sua mãe quando ainda tinha sete anos. No texto, Lima Barreto sugere através da fala do personagem a importância da figura da mãe na construção do indivíduo, ao dizer que em virtude desse acontecimento, o desgosto, o retraimento e a desconfiança de todos incutiram em Cazuzá logo na primeira infância.

Só me lembro dela no caixão quando meu pai, chorando, me carregou para aspergir água benta sobre o seu cadáver. Durante toda a minha vida, fez-me muita falta. Talvez fosse menos rebelde, menos sombrio e desconfiado, mais contente com a vida, se ela vivesse. Deixando-me ainda na primeira infância, bem cedo firmou-se o meu caráter; mas, em contrapeso, bem cedo, me vieram o desgosto de viver, o retraimento, por desconfiar de todos, a capacidade de ruminar mágoas sem comunicá-las a ninguém - o que é um alívio sempre; enfim, muito antes do que era natural, chegaram-me o tédio, o cansaço da vida e uma certa misantropia. (BARRETO, 1922, p.3)

Aos cinquenta e poucos anos, Hildegardo Brandão tornar-se o típico homem frustrado, “desesperançado; mas não desesperado”. Lima Barreto faz o retrato de um homem triste e, de certo modo, solitário em virtude não apenas da morte de sua mãe, mas também de suas inúmeras frustrações profissionais; até que, tendo alguma renda e uma casa no subúrbio, resolveu terminar a sua vida por lá. O escritor faz uma longa descrição das tristezas carregadas pelo personagem no âmbito profissional, para depois relatar o novo cotidiano de Cazuzá no subúrbio:

Tudo tentara e em tudo mais ou menos falhara. Tentara formar-se, foi reprovado; tentara o funcionalismo, foi sempre preterido por colegas inferiores em tudo a ele, mesmo no burocracismo; fizera literatura e se, de todo, não falhou, foi devido à audácia de que se revestiu, audácia de quem " queimou os seus navios". Assim mesmo, todas as picuinhas lhe eram feitas. As vezes, julgavam-no inferior a certo outro, porque não tinha pasta de marroquim; outras vezes tinham-no por inferior a determinado " antologista" , porque semelhante autor havia, quando " encostado" ao Consulado do Brasil, em Paris, recebido como presente do Sião, uma bengala de legítimo junco da Índia. Por essas do rei e outras ele se aborreceu e resolveu retirar-se da liça. Com alguma renda, tendo uma pequena casa, num subúrbio afastado, afundou-se nela, aos quarenta e cinco anos, para nunca mais ver o mundo, como o herói de Jules Verne, no seu "Náutilus". Comprou os seus últimos livros e nunca mais apareceu na Rua do Ouvidor. Não se arrependeu nunca de sua independência e da sua honestidade intelectual. (BARRETO, 1922, p.1)

Percebe-se que ao descrever Cazuzza, Lima Barreto retrata também sua biografia. Tendo se frustrado no âmbito profissional, em virtude das injustiças da sociedade, orgulhava-se de sua “independência e honestidade intelectual”. No subúrbio, a vida de Cazuzza tornara-se ainda mais monótona; Lima Barreto o descreve como um ser incapaz de cometer qualquer atrocidade, de maneira a relatar que o único assassinato de Hildegardo Brandão, foi a morte de um pinto quando ainda criança.

Conviviam com ele um “casal de pretos velhos”, no qual dá-lhe alguma quantia para se sustentar, e aos finais de semana visitava seu único amigo, o doutor Ponciano. Como já fora falado em algumas páginas atrás, a venda – o armazém ou o botequim - era um importante ponto de socialização, que nem Cazuzza, com toda sua natureza mórbida, deixava de frequentar todas as manhãs depois do café, para beber alguns cálices de parati e ler seu jornal do dia.

Por muito tempo o lazer não foi tomado como objeto de pesquisa, sendo considerado tema de menor importância; isto é, o trabalho era considerado um dever moral enquanto o lazer foi entendido como preguiça. Entretanto, nos estudos de Norbert Elias, há indícios que trabalho e lazer não devem ser vistos como complementares, mas como uma busca do homem em obter uma excitação agradável. Nas sociedades industriais, há maior controle na demonstração dessas excitações; permitindo-se apenas às crianças a evidênciação do medo, alegrias, raivas, choros e etc. As configurações sociais “trabalham” desde cedo nas crianças a fim de que se formem adultos capazes de reprimir os seus sentimentos. Ao crescer, o sujeito já é conduzido sob o auto-domínio, no qual acaba por confundir-se com a personalidade do indivíduo. O lazer, neste caso, torna-se a única deixa para a demonstração de excitações (GONÇAVES; OLIVEIRA; SOUZA, 2009).

Neste sentido, o lazer se configura numa alternativa de oferta à organização dos descontroles emocionais do sujeito, no qual os fortes sentimentos podem ser diluídos durante esses momentos, sem que o todo social seja colocado em risco. O pensador ainda faz uma pequena distinção entre “tempos livres” e “lazer”: os primeiros são entendidos como satisfação de formação tanto pessoal como profissional (como por exemplo, os trabalhos voluntários), e os segundos estariam mais relacionados a diversão propriamente dita (os jogos, atividades de socialização, etc).

Outra questão que Norbert Elias traz para reflexão sobre a estrutura da personalidade, são as boas maneiras. O autor investiga as transformações de costumes ligadas à forma de comer, ao sentar-se à mesa, às funções do corpo, etc. Para tanto, o sociólogo utiliza como base

as pinturas, a literatura e, sobretudo, os livros de boas maneiras da época. Em sua pesquisa, ficou evidenciado que as mudanças nos comportamentos estão diretamente ligados a um aumento de um sentimento de vergonha e a omissão daquilo que o causa. As relações entre as “dinâmica psicológica” e a “dinâmica social” gerariam a estrutura de personalidade (LANDINI, 2005)

Em Bourdieu, o conceito de *habitus* está ligado à possibilidade/probabilidade do indivíduo reproduzir às ideias/gostos/ estilos de seu grupo social. Neste sentido, é provável que o sujeito reproduza posturas semelhantes/iguais a seu grupo social, mas tal reprodução poderá ser quebrada; ou seja, o *habitus* não seria rígido ou mecânico, ele seria um princípio de orientação; sendo durável, e não-imutável - dando-se margem para subjetividade do indivíduo, que pode optar por “desnaturalizar” tal reprodução. Muito semelhante ao conceito de Bourdieu, Norbert Elias usa a noção de *habitus* para discutir tanto a percepção social quanto psicológica, no qual o *habitus* psicológico seria uma “segunda natureza”, a incorporação do saber social.

### **3.4 A moralidade e comportamento dos suburbanos**

Antes de adentrar nas especificidades da moral suburbana, é preciso esmiuçar o conceito de moral. Nos confins da sociologia, a moral era o seu tema principal, no qual pôde ser notoriamente observada nas pesquisas de Durkheim<sup>9</sup> e Weber. Depois de algumas décadas, a discussão sobre a moralidade foi diminuindo, ficando restrita ao debate sobre a prática política dos sociólogos no âmbito da pesquisa. Entretanto, hoje em dia vemos emergir novamente uma preocupação acerca da conceituação e dimensão da moral, a partir de um viés mais diversificado. Todavia, embora imbuída de definições múltiplas, é possível dizer que a moral refere-se à “dimensão prática da vida humana, à esfera da ação, conquanto esta se oriente por princípios que dividem as coisas entre bem e mal, bom e ruim, certo e errado, justo e injusto” (WEISS, 2015, p.1).

Elias não fala explicitamente sobre uma “sociologia da moral”, mas de acordo com Brito (2011), em sua teoria sobre o processo civilizador, a moral pode ser compreendida a partir do discurso sobre as práticas culturais e sociais. Tal teoria percebe que o processo de civilização do indivíduo cria um elo de identificação, no qual desencadeia a abominação pela violência. Entretanto, este não é o principal aspecto de sua teoria no que se tange à sociabilidade moderna:

---

<sup>9</sup> Durkheim renegou a perspectiva de “moral” constante na Filosofia, no qual a entendia a partir de um ponto de vista metafísico – transcendente à experiência sensível – para fixar sua teoria moral sob um viés fincado na realidade. Hoje em dia, entende-se que o conceito de moral é amplo e complexo.

a questão mais importante se permeia na contradição que há entre a identificação e o isolamento dos sujeitos. De um ponto de vista negativo, o processo civilizador, no contexto moderno, seria esvaziado de um caráter moral; isto é, as lutas violentas entre os sujeitos não foram trocadas pelo futebol – enquanto divertimento – por compaixão aos praticantes, mas apenas por “higiene” (BRITO, 2013).

Um dos pesquisadores atuais que debruça-se a discutir a “sociologia moral” é Frédéric Vandenberghe (2015), em seu artigo “A Sociologia como uma Filosofia Prática e moral (e vice-versa)”, irá explicar as pretensões da sociologia neste âmbito de estudo no contexto contemporâneo. Segundo o pensador, a sociologia da moral faz parte de uma sociologia geral que busca inter-relacionar as questões referentes à estrutura social, à cultura e as práticas no todo social. Dentro desta perspectiva, entende-se que as normas e os princípios não são meramente regulatórios, mas também fazem parte da constituição da vida social; afirmar isto não demanda afirmar que todas as ações sociais têm um cunho moral, mas que tanto a moral, como o costume e a ética estão ligados involuntariamente a manutenção e as mudanças sociais.

Vandenberghe (2015) complementa ainda que não importa a natureza dessas ações – tanto podem ser estratégicas, emocional ou racional -, pois todas estão perpassadas por viés normativo. Neste sentido, inclusive, até as instituições estão impregnadas de prerrogativas morais, de maneira que, a partir do momento que elas tomam uma atitude exagerada, é em virtude da existência dessa moralidade, que há os julgamentos e as críticas. Sendo assim, pode-se perceber que há toda uma dinâmica dentro da estrutura social no qual varia conforme a tomada de decisão do sujeito:

Se a mudança social é possível, é também porque as estruturas normativas que sustentam as instituições, sejam tomadas isoladamente ou em conjunto, variam com o tempo. Se a mudança social é necessária, é, entre outras razões, porque os interesses ideais de ontem entram em conflito com os interesses materiais da atualidade, ou vice versa. Quando os atores consideram que os sistemas sociais, instituições e práticas existentes não só estão em desacordo com seus interesses concretos, mas também traem suas promessas morais e prejudicam suas aspirações existenciais a uma vida satisfatória, a mudança social é iminente. (VANDENBERGHE, 2015, p.67)

No que se tange à moralidade no contexto carioca, Lima Barreto cita em algumas crônicas publicadas pela Revista Careta, em 1924, sobre a presença da “Liga pela Moralidade” e sua influência no âmbito político. Em “A cidade branca - Benjamim Costallat e o Rio de Janeiro dos anos 1920”, Julia O’Donnell (2013) analisa os romances e crônicas de Benjamim Costallat e explica, por algumas vezes, o que seria a “Liga pela Moralidade”, no qual Lima

Barreto também menciona em algumas obras. Segundo tal artigo, tal Liga era influenciada pela União Católica Brasileira, no qual tinha por hábito apontar quais obras artísticas e literárias estariam propensas a estimular comportamentos obscenos e imorais nos cariocas. Em uma passagem do artigo, a autora descreve uma entre as várias situações comuns naquele contexto: a apreensão em livrarias de um recém-romance lançado sob a ordem de um promotor – neste caso, o promotor Gomes de Paiva. Por detrás desse decreto percebe-se a premissa de que a literatura tem como influenciar a moral dos sujeitos. As apreensões estavam asseguradas graças ao Decreto-lei (de Outubro de 1923) – que “proibia a venda e a circulação de ‘livro, folheto, periódico ou jornal, gravura, desenho, estampa, pintura ou impresso de qualquer natureza, desde que contenha ofensa à moral pública ou aos bons costumes”” (O’DONNELL, 2013, p. 118).

Apesar desse Decreto-lei ser de 1923, nas crônicas de Lima Barreto – vale lembrar que o escritor morreu em 1 de novembro de 1922 – já podem-se notar a repressão da circulação de obras literárias e artísticas graças a grande influência da Liga pela Moralidade. Na crônica “A penhora da ‘moralidade’”, na qual só foi publicada posterior a sua morte, em 1924, pela Revista Careta, Lima Barreto reclama sobre posturas contraditórias da tal “Liga pela moralidade”. Logo no início, o escritor relata sobre um suposto dinheiro que a Liga “deixou de pagar amigavelmente”, fazendo com que o ministro da Fazenda interviesse no caso para ordenar o pagamento da dívida. Lima Barreto, com requinte de ironia, critica e “lembra” aos membros da Liga que faz parte também da moral do indivíduo o pagamento de suas dívidas – neste caso, o calote da Liga referia-se à revalidação do seu selo, no qual previa a proibição da importação de quadros, estátuas e livros considerados obscenos.

Essa pudibunda dama de Liga pela Moralidade parece ter esquecido que o mais elementar dever de um homem ou senhora séria é pagar as suas dívidas. Hoje, ontem e agora mesmo, muita gente está sofrendo angústias morais terríveis por não poder satisfazer os seus débitos; houve e haverá quem se suicide por não o poder fazer. [...] O exemplo é perigoso. Se a Liga pela Moralidade julga, de acordo com os seus intuitos e fins, que não há mal algum em deixar de pagar as suas dívidas, adeus crédito público e particular, - porquanto eu, tu, leitor, e ele – um sujeito particular qualquer – ficarão autorizados a não satisfazer os seus créditos nos vendeiros, nos açougueiros, nos quitandeiros, nos padeiros, etc., etc., desculpando-se com a santíssima liga. Chamo a atenção da União dos Varejistas para esse caso que afeta a classe; e é preciso que essa sociedade procure um filósofo para combater semelhante doutrina ética da “liga” que autoriza o “beijo” moral nos outros. (BARRETO, 2004, p.579)

Nota-se em Lima Barreto, uma relativa despreocupação às ideias morais; relativa porque em partes, o escritor concorda e defende que a moral está ligada às questões financeiras, sendo obrigação do sujeito o pagamento de suas dívidas – isto é, é imoral o indivíduo que não honra

com seus compromissos. Todavia, a moral entendida a partir de uma perspectiva que visa a repressão a tudo o que se norteia ao “sexual”, o escritor demonstra não se importar. Em sua outra obra, intitulada “Feiras e Mafuás”, Lima Barreto (2018) deixa claro que seu questionamento acerca do carnaval carioca, nada tem de cunho moral – discurso pelo qual a Liga defende -, mas sim direciona-se à pobreza intelectual e artística da produção carnavalesca:

Não partilho da opinião da polícia, nem muito menos tenho os melindres pudibundos da “Liga” do Sr. Peixoto Fortuna [...] O ponto de vista de imoralidade e chulice pouco me preocupa: o que me preocupa é o intelectual e artístico, tanto mais que, se este, segundo as suas forças, fosse obedecido pelos nossos bardos carnavalescos, certamente a imoralidade e a chulice ficariam atenuadas e disfarçadas. Tal coisa, porém, não se dá; e na impossibilidade devido à polícia de entoarem coplas francamente pornográficas e porcas, não têm os rapsodos carnavalescos outro recurso senão lançarem mão de estribilhos e cantigas sem nexos algum. Uma tal pobreza de pensamento no nosso povo causa a quem medita piedade, tristeza e aborrecimento. Por isso fugi ao Carnaval e ele agora me é indiferente. (BARRETO, 2018, p.1)

Em torno do estudo acerca da moralidade, existe uma diferença epistemológica no que se tange à “sociologia da moral” e à “sociologia moral”. Segundo Vandenberghe (2015, p.67), enquanto a primeira explica a moralidade a partir dos fatores sociais, a última “investiga como a moralidade produz, constitui e regula as ações, instituições e estruturas sociais”. Entretanto, optar entre uma e outra não é uma postura recomendada, tendo em vista que a alternativa mais acertada é perceber a conexão que há entre a moral e os fatores sociais.

O pensador percebe a sociologia moral constituinte da sociologia cultural. Todavia, o que afasta a moral da cultura são padrões normativos dotados de julgamentos, distinção de bem e mal, certo e errado, justo e injusto e valor e sem valor. No mais, o que há de em comum é a presença de “um sistema referencial de ação relativamente autônomo”. Neste sentido, a moral tem um padrão de julgamentos – tangenciados por princípios, valores e normas - tanto das próprias ações, como das ações alheias. Os preceitos morais fazem parte de um todo cultural, que é externo ao sujeito; entretanto, com o processo de socialização, tais preceitos são internalizados, de forma a não ser muito percebida, como pode ser exemplificado pelos sentimentos de cunho moral – compaixão, ressentimentos, orgulho, etc – de modo a modelar o comportamento. (VANDENBERGHE, 2015, p.69)

Em Lima Barreto, vemos tanto sua própria expressão de sentimentos morais como a avaliação de tais emoções nos suburbanos. Das muitas crônicas, pode-se citar “O trem de subúrbios” - publicada no “Gazeta de Notícias”, em 1921 – no qual o escritor suburbanoinicia relatando uma situação vivida por ele mesmo e termina expondo os comportamentos e sentimentos dos moradores do subúrbio no cotidiano do trem. Ao deparar-se com imagens de



desenhos do artista Daumier, em que mostra a realidade dos trens de segunda classe na França, Lima Barreto (2004, p.467) mostra-se empático à pobreza daquelas “mulheres com xales à cabeça, e magras crianças ao colo”; complementa dizendo espantar-se com a “resignação perante a miséria, o sofrimento, e a opressão que o trabalho árduo e pouco remunerador” traz aquelas pessoas.

Entretanto, Lima Barreto diz não notar tal resignação homogênea nos trens dos subúrbios; em virtude da diversidade de classes e da soberba de muitos moradores suburbanos. Conta o escritor que um “soldado de polícia”, “um guarda-civil”, um “servente de secretaria”, acham-se “grande coisa”, apenas por fazer parte da polícia ou “vê Sua Excelência todos os dias”. Isto é, são pessoas que apesar de serem humildes não se sentem diminuídos, pelo contrário, satisfazem-se apenas por seus status; atitudes pelas quais Lima Barreto (2004, p. 467) relaciona à “estreiteza de inteligência e fraqueza de sentir motivos para não se julgarem de todo infelizes e sofredores”.

O escritor suburbano diz preferir viajar em segunda classe no trem, não só por necessidade, mas também por prazer. Porém, já viajou por muitas vezes em primeira classe, e em suas primeiras viagens, diz que irritou-se com a “presunção, o pedantismo, a arrogância e o desdém” dos “magnatas” do subúrbio que, por muitas vezes, o olhava com deboche para suas roupas pobres e velhas. Não mais se importando, toda postura prepotente desses senhores já provocava risos em Lima Barreto, que sabia muito bem que seu realce só impera nas atmosferas suburbanas, na Rua do Ouvidor – rua famosa do centro do Rio – os magnatas passavam despercebidos.

Durante toda viagem de trem, os magnatas do subúrbio fazem por demonstrar toda a sua inteligência, fato que supostamente deu-lhes cargos públicos. Todavia, Lima Barreto garante que essa não é a realidade: tais cargos não são obtidos através de concurso público, os empregos desses senhores são arrançados por via do clientelismo. O escritor afirma que esses magnatas não tem tamanha inteligência, são analfabetos, que em virtude de seu contato com “pistolões” conseguiu um cargo que deveria ser obtido através de concurso público. Assim sendo, o clientelismo fere a moral, por surrupiar as normas previstas pela sociedade.

Em seguida, Lima Barreto diz que depois das nove e meia até às dez e meia da manhã, o cenário da primeira classe dos trens muda: agora entra em cena os “namorosferroviários”. O escritor suburbano afirma a existência de um tipo bem comum de rapazes existente não apenas no subúrbio, como também em todos os bairros: os rapazes “cuja única esperança está no casamento”. Muitos sem uma profissão ou vivendo de empregos temporários, esperam por uma

moça cuja família possam lhe alocar no mercado de trabalho. Geralmente, arrumam moças afobadas para se casar; neste sentido, a família observando que o genro está desempregado, logo lhe arrumam um emprego.

Lima Barreto duvida das habilidades e inteligência desses rapazes para exercer qualquer tipo de ocupação. No entanto, tais “candidatos suburbanos” sempre estavam a almejar e conseguir um emprego na Estrada de Ferro Central do Brasil. Não muito ambiciosos, o escritor afirma que eles contentavam-se com um “bonezinho de auxiliar (condutor de trem) ou de conferente”, que, em sua prepotência, tinha a mesma importância de “um chapéu armado de general com o seu respectivo penacho”.

Não é à toa que o escritor refere-se a esses rapazes como “namorados profissionais”. Neste período do dia, os trens já não cheiram mais à política e nem à burocracia, “o trem tem o fartum de cinematógrafo”. Além disso, as moças e senhoras inclinam-se a falar também de futebol. Quanto ao vestuário Lima Barreto afirma: “(...) são exageradíssimos. Botafogo e Petrópolis exageram Paris; e o subúrbio exagera aqueles dois centros de elegâncias”. Assim, Lima Barreto critica o exagero, diz preferir o modesto. (BARRETO, 2004, p. 469)

Não generalizo, porque, nessas coisas, erra quem quiser generalizar. Registro o aspecto saliente que fere o imodesto; porque o modesto paira na sombra e ninguém nota [...] É pena que a imitação desses rapazes fúteis e dessas moças levianas se encaminhe para coisas tão de nonada. Bem podiam eles e elas dirigir tão fecundo fator de aperfeiçoamento social para atividades mais altas. Mas, o que há de fazer? É assim...(BARRETO, 2004, p.470)

Ao final da crônica, o escritor debruça-se a falar sobre as “cerimônias de dar o lugar” quando o trem encontra-se cheio, sobre isso o autor afirma: “Foi sempre um pavor para mim, essa curiosa cerimônia nacional que já desapareceu dos bondes”. Nem todos os “cavalheiros” mostram-se solícitos a ceder seus respectivos lugares. A posteriori, Lima Barreto descreve as dinâmicas das moças para conseguir sentar-se; diz que aproximam-se de rapazes que são aparentemente mais sensíveis e gentis. Quando os próprios não cedem por vontade, as moças conversam-se de maneira a expor que se sentem incômodas, daí que resolvem oferecer os lugares.

Se Lima Barreto (2004, p. 547) fala da presença de suburbanos fúteis, em “Um do povo” o escritor narra a história de Felismino Xubregas, um músico talentoso morador do bairro de Anchieta – no subúrbio carioca. Felismino era músico do exército, depois de um tempo abandonou a carreira militar. Não encontrou nenhuma ocupação que lhe desse um bom rendimento; chegou a escrever valsas, mas não obteve sucesso. Mesmo diante desse quadro,

casou-se e teve muitos filhos, como era de se esperar de uma sociedade que valoriza a constituição de uma família – o próprio Lima Barreto diz que a “a vida” e “a sua continuidade” tem seus impérios sobre nós, e que, apesar de condições desfavoráveis, há coisas que dificilmente escapamos.

Enquanto chefe de família, não podia arriscar-se mais na música, que quase não dava o sustento de sua família. Como visto anteriormente, pagar as contas relaciona-se a uma lógica moral. Neste sentido, tentou toda sorte de empregos; já tinha sido lenhador, caixeiro de bar, pedreiro e naquele momento era construtor de fossas no bairro de Anchieta.

Encaminhando-se para o desfecho da crônica, Lima Barreto constrói um diálogo entre ele e o personagem. O escritor diz encontrar Felismino e o pergunta sobre o motivo da tristeza. Ele diz que foi em uma orquestra vienense organizada pela prefeitura do Rio, num teatro que custou caro aos cofres públicos cujo objetivo era melhorar a educação do povo. Entretanto, chegando lá, diz que tudo era caro; tão caro que se adquirisse qualquer coisa de lá ficaria sem comer por uma semana. Felismino, assim, diz que aquele teatro foi feito apenas para a educação dos ricos; sendo os quinze mil contos gastos no teatro, uma extorsão do dinheiro dos mais humildes pelo governo municipal. Com ironia, despede-se de Lima Barreto com um “Viva a República!”. Notamos, neste sentido, uma crítica de cunho moral do escritor à administração pública, no qual extorque o dinheiro dos mais pobres dificultando seu acesso aos recursos que caberiam a eles usufruir também por direito.

### **3.5 A literatura suburbana de Lima Barreto**

Em “Triste visionário – Lima Barreto”, de Lilia Moritz Schwarcz (2017), a pesquisadora fala da relação de Lima Barreto com o subúrbio e sobre a “linha simbólica” que separa eixo suburbano do centro – tal linha é concretizada pela Central do Brasil.

Lima Barreto é do subúrbio e fez questão de retratá-lo em sua literatura. Sua percepção sobre ela está ligada a uma natureza feminina, no sentido conservador – é delicada e frágil. Ademais, como já fora relatado em alguns momentos deste trabalho, o escritor transpõe elementos de sua vida para personagens. Um deles foi “Clara dos Anjos”, o único personagem feminino no qual prestou a abordagem de sua biografia. A menina Clara dos Anjos, assim como a literatura, era percebida como frágil e delicada. A obra foi reescrita em muitos momentos de sua vida, até mesmo no ano de sua morte, em 1922, há uma edição. Foi o romance em que mais

se falou de subúrbio: o contexto era suburbano e seus personagens também. (SCHWARCZ, 2017)

Entretanto, Lima Barreto também debruçou-se a falar sobre o outro lado da linha – o centro. Nutria uma afeição especial por aquele lugar, ali ele trabalhou como amanuense, se divertia com os amigos da redação do jornal e do botequim. O trajeto do escritor entre o subúrbio e centro do Rio foi fundamental em sua inspiração literária; tendo em vista, a sua inclinação por transpor para seus textos a realidade do subúrbio e dos suburbanos. Pode-se afirmar que todos os seus personagens viveram; isto é, existiam, eram reais.

Em seus escritos, se a estação de trem não era o assunto principal, servia ao menos como ambiente de suas produções. Ali, reparava as diferenciações de classe, gênero e cor. E, porque percebia a existência dessas desigualdades, não era capaz de florear o subúrbio, apesar de também enaltecê-lo, a fim de contrapor o estigma propagado pela imprensa da época. Como se pôde perceber nas crônicas anteriores analisadas, no trem Lima Barreto analisava os costumes, a moral, os comportamentos e os diálogos dos suburbanos.

É por esse motivo que Schwarcz (2017), considera a literatura de Lima Barreto como uma “literatura em trânsito” - sobretudo a partir de 1903, quando aceita o emprego de amanuense, situado na área central da cidade do Rio – visto que sua produção nascia no seu trajeto de trem entre o subúrbio e o centro do Rio. Assim, pode-se acompanhar nos seus textos toda a movimentação do cotidiano de uma estação de trem, no qual sempre há algo peculiar a ser contado; ainda mais quando se trata de um contexto tão heterogêneo como o subúrbio carioca. No entanto, a mesma linha que ligava o subúrbio ao centro do Rio, também separava simbolicamente. Em alguns trechos Lima Barreto demonstra que o subúrbio ainda tem uma solidariedade em sua vizinhança no qual um espaço urbano não teria, em outros o subúrbio é visto como eixo não civilizado e atrasado.

Vimos, no decorrer deste trabalho, que o subúrbio é diversificado, não é à toa que muitas vezes Lima Barreto usa o termo no plural. Ali residiam pessoas de classes sociais distintas para cada tipo de área: haviam áreas mais precárias, conservadas e até muito bem valorizadas. Lima Barreto tinha muito conhecimento de cada lugar; o que fez com que Schwarcz (2017) afirmasse que os subúrbios faziam parte do projeto literário do autor. O escritor lançava mão do seu saber sobre o subúrbio e o suburbano para produzir, não é à toa que as melhores produções de Lima Barreto são ambientadas no subúrbio e seus personagens são suburbanos.

No caso do escritor, os subúrbios eram quase que uma estratégia discursiva; uma maneira de construir um projeto literário alternativo a partir de um ambiente que ele

dominava e experimentava. Aqueles dos simples trabalhadores da Central, dos metidos a grã-finos, da gente endomingada e de costumes simples. Não por coincidência, os melhores personagens e histórias de Lima serão ambientados nesses subúrbios, que se transformam no seu melhor cenário e definição. (SCHWARCZ, 2017, p.384)

## CONCLUSÃO

Duas questões foram centrais neste trabalho: a estrutura física e a sociabilidade suburbana à luz de Lima Barreto. Para primeira questão foi preciso trazer à tona debates relacionados aos diferentes entendimentos de “subúrbio carioca” e a conceituação genérica do termo subúrbio, para enfim salientar o ponto de vista de Lima Barreto sobre as conjunturas físicas do espaço suburbano. A segunda questão é inerente à sociabilidade no subúrbio de acordo com o escritor; isto é, ressaltou a vida cotidiana do subúrbio com base no comportamento, personalidade e valores morais do suburbano.

Entretanto, para dar ensejo a tais questões, foi preciso salientar os mecanismos literários de Lima Barreto, assim como sua biografia e seu contexto social e político. No trabalho de Renata Nunes, vimos que os contos de Lima Barreto não possuem uma ação dramática – isto é, não há um acontecimento importante na história -, ficando restritos a descrições dos quadros sociais, aos estados emocionais e o ambiente. Outra dinâmica muito comum em suas obras são os diálogos como pretexto para o relato de algum problema social; sendo assim, não havia conflito nenhum entre as ações dos personagens, a contrariedade se dava nas observações das injustiças sociais dos sujeitos.

Ademais, fez parte do primeiro capítulo também a abordagem de sua biografia e seu contexto. Lima Barreto pertenceu a uma família humilde de origem escrava. A República foi implantada num momento em que a monarquia estava em alta, principalmente entre a população negra e escrava. Nas ruas ainda se observavam comemorações e agradecimentos por essa população à Princesa Isabel. Com Lima Barreto não foi diferente, por isso encontram-se obras do escritor deixando claro sua preferência pela Monarquia, sobretudo pela perda do emprego de seu pai logo depois das mudanças provocadas pelo sistema republicano.

Ficou evidenciado também no primeiro capítulo as divergências de Lima Barreto. Como foi relatado, a sociedade carioca vivia um momento de contradição – em virtude da recente proibição da escravidão, no qual seus valores morais conviviam com pensamentos que estimavam a modernização –, o escritor, por outro lado, também foi um sujeito contraditório. Muito crítico à prática clientelista, foi beneficiado por ela algumas vezes em sua vida. Criticava o ócio do funcionário público, mas ele mesmo foi um deles, no qual usava, inclusive, de seu tempo livre para produzir seus textos literários. Era avesso à Academia Brasileira de Letras, mas já tentou entrar por algumas vezes, fazendo uso do clientelismo.

O segundo capítulo tratou de responder a primeira questão da dissertação: Como é vista a estrutura física do subúrbio carioca por Lima Barreto? Para tanto, foi vasculhado o que se entendia sobre “subúrbio carioca” no início do século XX por alguns pesquisadores. Vimos, assim, que a história do “subúrbio” no contexto carioca varia de acordo com o posicionamento de cada pesquisador; isto é, não é consensual. Maurício de Abreu analisa o subúrbio a partir de uma lógica classista, o entendendo como um projeto do Estado para legitimar a dicotomia entre “cidade” e “subúrbio”- em sua perspectiva, o subúrbio surgiu a partir da inauguração da Estrada de Ferro da Central do Brasil, no qual trabalhadores procuraram ocupar áreas próximas da linha do trem em virtude da facilidade do acesso ao transporte para o trabalho.

De acordo com Leonardo Soares dos Santos, até o final do século XIX o subúrbio era percebido como área nobre. Todavia, Almir C. El-Karel – autor de um dos trabalhos contidos no livro “150 anos de subúrbio” – afirma que essas áreas não eram denominadas de subúrbio, mas sim como “arrabaldes”.

Entretanto, no trabalho de Schwarcz a dicotomia entre “arrabaldes” e “subúrbio” se dá a partir das reformas urbanas, no qual os “arrabaldes” estariam “para lá do centro” e os subúrbios “para fora da cidade”. Os primeiros eram constituídos pelos bairros da zona sul e norte da cidade do Rio, no qual residiam a elite carioca – podemos citar os bairros de Laranjeiras, Glória, Botafogo, Catumbi, etc. Já os bairros suburbanos começavam a partir do Méier – no qual o próprio Lima Barreto entendia como a “Capital dos Subúrbios”.

Afinal, como Lima Barreto (1922, p.42) definiu o “subúrbio” em sua perspectiva geográfica? Em sua obra “Clara dos Anjos” – no qual foi o livro que mais se falou de subúrbio – vimos que o escritor entende o espaço suburbano do Rio de Janeiro como:

Uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central. (...) Há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde se possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas. Todo o material para essas construções serve: são latas de fósforos distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato. (...) Afastando-nos do eixo da zona suburbana, logo o aspecto das ruas muda. Não há mais gradis de ferros, nem casas com tendências aristocráticas: há o barracão, a choça e uma ou outra casa que tal. Tudo isto muito espaçado e separado; entretanto, encontram-se, por vezes, "correrres" de pequenas casas, de duas janelas e porta ao centro, formando o que chamamos "avenida". (...) As ruas distantes da linha da Central vivem cheias de tabuleiros de grama e de capim, que são aproveitados pelas famílias para coradouro. De manhã até à noite, ficam povoadas de toda a espécie de pequenos animais domésticos: galinhas, patos, marrecos, cabritos, carneiros e porcos, sem esquecer os cães, que, com todos aqueles, fraternizam.

Percebeu-se que ao conceituar e definir geograficamente o que é o subúrbio, Lima Barreto retrata a mistura entre o rural e o urbano no espaço suburbano. Neste sentido, a noção de “subúrbio” congregada por José de Souza Martins converge com a descrição de Lima Barreto, tendo em vista que o sociólogo denota o subúrbio como uma área de transição entre o tradicional e o moderno, o rural para o urbano. Nesse trecho de Clara dos Anjos, como na crônica “De Cascadura ao Garnier”, Lima Barreto identifica o subúrbio carioca do início do século XX como uma mescla entre o agrário e o urbano.

Em alguns textos, Lima Barreto usa da ironia para criticar a administração municipal, na qual os grandes investimentos financeiros só se faziam chegar nas zonas central e sul da cidade. Nos estudos de Moreira (2013), através de seus dados comparativos, é possível perceber a proporção dessa disparidade. Neste sentido, no livro “Clara dos Anjos” e nas crônicas “Melhoramentos”, “O prefeito e o povo” e os “Enterros de Inhaúma”, notam-se o posicionamento crítico de Lima Barreto quanto ao desleixo estatal com as áreas suburbanas, e a conseqüente precariedade de serviços públicos e condições de vida. Todavia, nos subúrbios também há suas contradições; isto requer dizer que Lima Barreto deixou explícito que em certas partes do subúrbio há áreas bem cuidadas, tais áreas eram bem tratadas em virtude da moradia de certos políticos.

O Méier, por exemplo, em si mesmo não é tido como chique; mas a Boca do Mato é ou foi; Cascadura não goza de grande reputação de fidalguia, nem de outra qualquer prosápia distinta; mas Jacarepaguá, a que ele serve, desfruta da mais subida consideração. [...] Nos subúrbios, há disso: ao lado de uma rua, quase oculta em seu cerrado matagal, topa-se uma catita, de ar urbano inteiramente. Indaga-se por que tal via pública mereceu tantos cuidados da edilidade, e os historiógrafos locais explicam: é porque nela, há anos, morou o deputado tal ou o ministro sicrano ou o intendente fulano. (BARRETO, 1922, p.82-83)

Neste sentido, se tratando de subúrbio carioca do início do século XX, Lima Barreto o referencia a partir da linha férrea do trem. No qual o eixo de contradições entre o “subúrbio elegante” e o “subúrbio dos infelizes” convergiam-se na proximidade da linha férrea; afastando-se encontrávamos um subúrbio com aspectos mais rurais, no qual residiam os lavradores e operários empobrecidos. O subúrbio não era percebido, portanto, como um ambiente homogêneo; ali era um espaço onde poderiam ser encontradas diversas classes sociais.

Já no terceiro capítulo, buscou-se responder a segunda questão: Como é a sociabilidade dos suburbanos segundo as obras de Lima Barreto? Isto é, tratou de se debruçar na investigação



da vida cotidiana no subúrbio, com base nas prerrogativas do comportamento, da personalidade e dos preceitos morais encontradas nos escritos de Lima Barreto.

Para entender a percepção de “cotidiano”, foi preciso fazer uso dos estudos de Michel de Certeau sobre a vida cotidiana. Tal pensador afirmava que a melhor maneira de capturar o cotidiano dos sujeitos é através da observação de suas microresistências, nas quais são respostas – mesmo que pequenas – que os indivíduos dão para as imposições religiosas e morais. Sendo assim, Certeau não pensa o sujeito a partir de uma perspectiva passiva. Na biografia de Lima Barreto produzida por Schwarcz, há todo um relato de um sujeito pensante e atuante; o escritor usava o “humor ácido” em sua literatura para questionar preceitos sociais.

Lima Barreto é marcado por ser um escritor que produziu personagens de suas mesmas características: negro, pobre e suburbano. Neste sentido, vimos ao decorrer deste trabalho, que há inúmeros contos e crônicas ambientados no subúrbio. Neles o escritor relata e analisa, por exemplo, o divertimento dos suburbanos. Em “Bailes e divertimentos”, Lima Barreto pontua a importância que tinham os bailes em outros tempos no subúrbio, mas que naquele momento já estavam em decadência, em virtude do empobrecimento das casas – isto porque, as casas estavam cada vez menores para aportarem um baile. O que estava em alta naquela época eram as rodinhas de moda e violão. Vimos assim, tanto nesta crônica, como na crônica “A estação” os mecanismos de divertimento dos suburbanos na ausência do governo em lhes proporcionar, muito diferente do que ocorria no centro e zona sul da cidade do Rio.

No que se refere ao trabalho, notamos em Chalhoub as tentativas das autoridades da época em classificar os homens nacionais como preguiçosos e ociosos; num contexto recém-saído da escravidão, surgiram teorias que afirmavam a inabilidade dos ex-escravos em trabalhar em empregos formais, pensando erroneamente que eles não adquiriram capacidade de organização fruto do sistema escravista. Em Lima Barreto, notamos certas contradições em sua postura, que ora irá reproduzir certos preceitos do trabalho vigorado na época, ora irá ser contrário a tal pensamento.

Neste ensejo, foi preciso questionar o que seria a moral; ficou esclarecido que os preceitos morais se tratam de princípios, valores e normas que nos induzem a avaliar o que seria bom ou ruim, justo ou injusto e certo ou errado, e etc. Fazia parte, portanto, do código moral da época a obrigatoriedade de ocupação profissional, o homem não-ocupado profissionalmente, era visto com “maus olhos”. É possível perceber a reprodução dessa perspectiva moral até mesmo em Lima Barreto, que olhava negativamente para os “namorados profissionais” e para os “funcionários públicos” – no qual os tinha como ociosos demais.

Entretanto, no que se refere às concepções religiosas/católicas da época, Lima Barreto posiciona-se diretamente avesso a tais preceitos morais. Neste sentido, esboça inúmeras críticas à “Liga pela Moralidade”, em que controlava o acesso da população às obras artísticas e literárias; de maneira a se tirar de circulação tudo o que poderia ser considerado obsceno, e, portanto, imoral.

O “projeto literário” de Lima Barreto incluía o subúrbio. No decorrer da dissertação notamos que o escritor tentava dar um pouco mais de dignidade às populações suburbanas e faveladas – tendo em vista que a grande mídia tratava com desprezo essas populações – mas sem florear demais. Ali relatou a presença de trabalhadores, assim como de pessoas avessas ao trabalho; notou-se a presença de pessoas fúteis, como também a presença de pessoas que se ocupavam com questões consideradas por ele importantes; além da presença de gente arrogante, assim como de pessoas que expunham o que realmente eram, em sua condição humilde. Num contexto em que as estruturas físicas eram diversas, as classes sociais também eram; pobres e classe média ali conviviam.

E eram em suas viagens de trem - na sua vivência nas repartições de “primeira” e “segunda” classe - que Lima Barreto percebeu mais de perto a moral e os sentimentos morais que norteavam a vida do suburbano. Os valores elitistas chegaram no ambiente suburbano, e nos trens era muito fácil percebê-los através dos “magnatas do subúrbio”, no qual mascaravam sua origem humilde para aparentarem “importantes” na escala social. Ser essencialmente pobre/humilde era sofrido até mesmo no subúrbio; o próprio Lima Barreto relatou se sentir mal na “primeira classe” em virtude dos olhares de desprezo dos “magnatas suburbanos” quanto as suas vestes pobres e surradas.

Por fim, podemos entender tanto a estrutura física como a sociabilidade dos suburbanos a partir da contradição e da diversidade. Lima Barreto expôs em sua literatura um subúrbio heterogêneo no qual era formado por trechos bem valorizados e empobrecidos que, no entanto, se sobressaiam à pobreza; pois, não são raros relatos de ruas emburacadas e a precariedade dos transportes públicos. No que se tange à sociabilidade, o escritor não floreia ao descrever os suburbanos; ali havia gente de todo tipo: homens trabalhadores e avesso ao trabalho; pessoas humildes e aquelas metidas a serem o que não eram; gente fútil e aquela preocupada com questões importantes.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

BARRETO, Lima; RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel Teixeira. Toda crônica. Agir, 2004.

\_\_\_\_\_, Lima. Clara dos Anjos. Belém: Unama, 1922. 101 p. Disponível em: <[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)>. Acesso em: 11 nov. 2016.

\_\_\_\_\_, Lima. Contos completos de Lima Barreto. Editora Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_, Lima. De Cascadura ao Garnier. Disponível em: <<http://www.spectroeditora.com.br/fonjic/barreto/marginalia/19.php><http://www.spectroeditora.com.br>>. Acesso em: 25 out. 2017.

\_\_\_\_\_, Lima. O Subterrâneo do Morro do Castelo, de Lima Barreto. Disponível em: <<https://www.algosobre.com.br/downloads/livros-obras-literarias-pdf/573-lima-barreto-o-subterraneo-do-morro-castelo/file.html>>. Acesso em: 12 ago. 2017.

\_\_\_\_\_, Lima. A Nova Califórnia: O Único Assassinato de Cazuza. 1992. Disponível em: <<https://www.algosobre.com.br/downloads/livros-obras-literarias-pdf/566-lima-barreto-o-unico-assassinato-de-cazuza/file.html>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

\_\_\_\_\_, Lima. Quase ela deu o "sim", mas... Disponível em: <[http://www.releituras.com/limabarreto\\_quase.asp](http://www.releituras.com/limabarreto_quase.asp)>. Acesso em: 25 ago. 2017.

\_\_\_\_\_, Lima. Algumas Ideias Sobre o Carnaval: O Que Mais Me Aborrece É a Pobreza de Pensamento. Disponível em: <<http://www.filosofiaesoterica.com/algumas-ideias-carnaval/>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

\_\_\_\_\_, Lima. Contos reunidos. Crisálida, 2005.

### BIBLIOGRAFIA

ADORNO, Theodor W. Notas de Literatura I. Col. Espírito crítico. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Editora, v. 34, 2003.

AZEVEDO, André Nunes de. A Reforma urbana do Rio de Janeiro pelo Presidente Rodrigues Alves: o progresso como forma de legitimação política. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, 2011.

AZEVEDO, Leon Martins Carricone. O rural e o urbano na teoria de Henri Lefebvre. XIII Jornada, 2012.

ALBARELLO ET AL. Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios econômico, social e político. (3º.cap) Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais. Pg 84-116

BECKER, Howard S. Falando da sociedade: ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Zahar, 2009.

BELCHIOR, Pedro. Tristes subúrbios: literatura, cidade e memória na experiência de Lima Barreto. 2011. 186 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Uff, Niterói, 2011.

\_\_\_\_\_, Pedro. Tristes subúrbios: cidade e classes sociais no romance Clara dos Anjos, de Lima Barreto. In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH, 14., Rio de Janeiro, 2010. Anais eletrônicos, 2010.

BENJAMIN, Walter. El narrador. 2008.

BIAS, Mauro de. Antes da Reforma Pereira Passos (1902 a 1906), Rio de Janeiro era conhecido como "Porto sujo" e "cidade da morte". Passado a limpo - Revista de História, 14/1/2013.

BOLSANELLO, Maria Augusta. Darwinismo social, eugenia e racismo "científico": sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. Educar em Revista, n. 12, p. 153-165, 1996.

BORGES, Marília Vicente. O zoneamento na cidade do Rio de Janeiro: gênese, evolução e aplicação. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_, Razões práticas: sobre a teoria da ação. Papyrus Editora, 1996.

BRITO, Simone Magalhães. Traçando os limites da Sociologia da Moralidade: uma perspectiva adorniana. Estudos de Sociologia, v. 1, n. 17, 2013.

CÂNDIDO, Antônio. A educação pela noite e outros ensaios. Ática, 1987.

\_\_\_\_\_, Antônio. Bernardo Guimarães, poeta da natureza. Formação da Literatura Brasileira— Momentos Decisivos, 1981.

\_\_\_\_\_, Antonio. Crítica e sociologia. Literatura e sociedade, v. 8, p. 05-16, 1965.

\_\_\_\_\_, Antônio. Literatura e Sociedade. 2006. Disponível em: <[http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio\\_Candido\\_-\\_Literatura\\_e\\_Sociedade.pdf](http://www.fecra.edu.br/admin/arquivos/Antonio_Candido_-_Literatura_e_Sociedade.pdf)>. Acesso em: 05 maio 2015.

- CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- CARVALHO, MAR de. Letras, sociedade e política: imagens do Rio de Janeiro. BIB—Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, v. 20, p. 3-22, 1985.
- CERQUEIRA, Roberta Cardoso. Lima Barreto e os caminhos da loucura: alienação, alcoolismo e raça na virada do século XX. 2002. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Social, Puc - Rio, Rio de Janeiro, 2011.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Vozes, 1994.
- CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores. Editora Brasiliense, 1986.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estudos avançados, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.
- CUNHA, O. Quando o campo é o arquivo. Revista Estudos Históricos, 2, jan. 2006. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2239/1378>. Acesso em: 17 Dez. 2016.
- DA SILVA ARAÚJO, Jurema. ENTRE GRINALDAS E BUQUÊS: A MULHER NA FICÇÃO DE LIMA BARRETO. Revista LETRAS & IDEIAS, v. 1, n. 1, 2016.
- DE ALMEIDA ABREU, Mauricio. Evolução urbana do Rio de Janeiro. Iplanrio, 1987.
- DE SOUZA MARTINS, José. Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. Unesp, 1992.
- DIAS, Carlos Alberto Ungaretti. Política dos Governadores. 2017. Disponível em: <[http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/POLÍTICA DOS GOVERNADORES.pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/POLÍTICA%20DOS%20GOVERNADORES.pdf)>. Acesso em: 02 ago. 2017.
- DOMINGUES, Álvaro. Subúrbios e (sub) urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos. Revista da Faculdade de Letras: Geografia, 10-11, 1994-1995, p. 5, 1994.
- DOS SANTOS, Leonardo Soares. Os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX. Mneme-Revista de Humanidades, v. 12, n. 30, 2011.
- ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Zahar, 1994.
- \_\_\_\_\_, ¿Cómo pueden las utopías científicas y literarias influir sobre el futuro? Disponível em: <<http://www.bdigital.unal.edu.co/1364/3/02CAPI01.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2016.
- \_\_\_\_\_, O processo civilizador 2. Zahar, 1990.
- ENGEL, Magali. Crônicas cariocas e ensino de história. 7Letras, 2008.

FANTINATI, Carlos Erivany. Lima Barreto e a Mulher. *Literatura e autoritarismo*, n. 12, 2017.

FERNANDES, Nelson da Nobrega. *O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858-1945*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, PPGG-UFRJ, 1996.

FREDERICO, Celso. A sociologia da literatura de Lucien Goldmann. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 54, p. 429-446, 2005.

FERREIRA, Pedro Peixoto. *Sociologia da Arte*, 2011. Publicado em: <https://pedropeixotoferreira.wordpress.com/outros/verbetes/sociologia-da-arte/>.

FREHSE, F.. Os informantes que jornais e fotografias revelam: para uma etnografia da civilidade nas ruas do passado. *Revista Estudos Históricos*, 2, jan. 2006. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2247/1386>. Acesso em: 17 Dez. 2016.

GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Editora Paz e Terra, 1967.

GONÇALVES, Alana Mara Alves; OLIVEIRA, Maria Dalvani Gonçalves de; SOUZA, Joicyellen Saraiva de. A TEORIA DO LAZER DE NORBERT ELIAS: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES. 2009. Disponível em: <[http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/workshop/W\\_Goncalves.pdf](http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais12/artigos/pdfs/workshop/W_Goncalves.pdf)>. Acesso em: 26 jul. 2017.

JÚNIOR, Sérgio Luiz Milagre; DE FARIA FERNANDES, Tabatha. A Belle Époque Brasileira: as transformações urbanas no Rio de Janeiro e a sua tentativa de modernização no século XIX (The Belle Époque Brazilian's: the urban transformations in Rio de Janeiro and its attempt to modernize in the nineteenth century). *História em Curso*, v. 3, n. 3, p. 19-33, 2013.

KELLER, Sara; GOLIN, Cida. *Prestígio, Poder e Mediocridade: o jornalista em Lima Barreto*. Anagrama, v. 2, n. 4, 2009.

KÖENIG, Marília. Uma literatura transmoderna: a ética da estética em Lima Barreto, análise de “o morcego”(vida urbana) à luz da sociologia compreensiva. *Revista Memore*, v. 2, n. 3, p. 68-79, 2015.

KONDER, Leandro. A narrativa em Lukács e em Benjamin. *Revista Semear*, v. 7, p. 1-27.

LANDINI, Tatiana Savoia. A sociologia processual de Norbert Elias. *Simpósio Internacional Processo Civilizador*, v. 9, 2005.

LEFEBVRE, Henri et al. *La vida cotidiana en el mundo moderno*. 1972.

LEFEBVRE, Henri; FORTUNA, Carlos. *O direito à cidade*. São Paulo e SP SP: Centauro, 2001.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora 34, 2000.

LUKÁCS, Georg. *Narrar ou descrever?* In:\_. *Ensaio sobre literatura*. Tradução: Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1965.

MACHADO, Luana Goulart. A RELAÇÃO “INDIVÍDUO E SOCIEDADE” NA LITERATURA À LUZ DE GOLDMANN, NORBERT ELIAS E BOURDIEU. *Revista Café com Sociologia*, v. 6, n. 2, p. 72-83, 2017.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Vozes, 1996.

MATTOS, Romulo Costa. *Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na Primeira República*. UFF, Brasil, 2008.

MELO, Rita de Cássia Guimarães. LIMA BARRETO: A CRIAÇÃO DA IDENTIDADE DOS REMEDIADOS. Projeto História. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. e-ISSN 2176-2767; ISSN 0102-4442, v. 43, 2012.

MORAES, Heloisa Juncklaus Preis; KOENIG, Marília. A ética da estética na crônica “não as matem” de Lima Barreto: uma análise da condição da mulher no início do século XX via sociologia compreensiva. *Estética*, n. 12, 2016.

MOREIRA, Luciana V. Silva . Cidade e subúrbios no Rio de Janeiro do início do século XX: ordenamento e progresso para o morador suburbano. In: XXVII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal. *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*, 2013.

NORITOMI, Roberto Tadeu. *Sociologia, literatura e a crítica dialética*. Plural (São Paulo. Online), v. 2, p. 61-80, 1995.

NUNES, Renata Aguiar. *Procedimentos, matéria, efeitos: ética e estética nos contos de Lima Barreto*. Tese de Doutorado. UFC, 2013.

O'DONNELL, Júlia. A cidade branca-Benjamim Costallat e o Rio de Janeiro dos anos 1920. *História Social*, n. 22/23, p. 117-141, 2013.

OLIVEIRA, Carla Mary SO. *Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico*. *Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro*, n. 3, p. 149-168, 2009.

OLIVEIRA, Marcio P.; FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *150 anos de subúrbio carioca*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EdUFF, 2010.

PINTO, Surama Conde Sá. Revisitando ‘velhas’ questões: coronelismo e clientelismo na Primeira República brasileira. *Dimensões*, n. 6, 1998.

RAMALHO, Regina Celia et al. *A língua e a história no conto literário de Lima Barreto*. 2007.

RAMOS, Alessandra et al. *A RAZÃO SENSÍVEL E A PRODUÇÃO DO DIREITO NA TRANSMODERNIDADE*. 2010.

RANGEL, TAUÃ LIMA VERDAN; EM DIREITO, Bacharel. *Dialogando com Clara dos Anjos: Uma Análise Transdisciplinar da Ficção de Lima Barreto*.

- RESENDE, Beatriz. Cronistas do Rio. Centro Cultural Banco Do Brasil, 1995.
- RESENDE, Beatriz. Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos. Autêntica, 2016.
- RESENDE, Beatriz. Lima Barreto e a República. Revista USP, n. 3, p. 89-94, 1989.
- RESENDE, Beatriz. Lima Barreto Toda Crônica: Profissão: Jornalista. 2. ed. Rio de Janeiro: Aggir, 2004.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lima Barreto-Triste visionário. Editora Companhia das Letras, 2017.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Contos completos de Lima Barreto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- SCHWARCZ, Lilia. Lima Barreto é bom remédio para nossa enxaqueca republicana e democrática, diz Lilia Schwarcz. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-40514293>>. Acesso em: 25 jul. 2017
- SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. Editora 34, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SILVA, Maurício. Academia versus Confeitaria: Duas Tendências Literárias na Belle Époque Carioca. Revista letras, v. 46, 1996.
- SILVA-USP, Maurício. LIMA BARRETO E COELHO NETO: DIVERGÊNCIAS LITERÁRIAS NA LITERATURA BRASILEIRA DA PASSAGEM DO SÉCULO.
- SINGER, Paul Israel. Curso de introdução à economia política. Forense-Universitária, 1975.
- SOTO, William Héctor Gómez. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. Estudos Sociedade e Agricultura, v. 2, 2013.
- SUPPIA, Alfredo Luiz; SCARABELLO, Marília. As Reformas do Rio de Janeiro no início do século XX. Revista Pré - Univesp, n. 51, 2014.
- VANDENBERGHE, Frédéric. A Sociologia como uma Filosofia Prática e Moral (e vice versa). Sociologias, v. 17, n. 39, 2015.
- VENTURA, Lidnei. Memorial de leitura sobre “A invenção do cotidiano”, de Michel de Certeau. 2015. Disponível em: <[http://www.alegrar.com.br/revista15/pdf/memorial\\_de\\_leitura\\_ventura\\_alegrar15.pdf](http://www.alegrar.com.br/revista15/pdf/memorial_de_leitura_ventura_alegrar15.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2017.
- VIEIRA, Keila Vieira Keila. O social em Lima Barreto. Revista de Letras, v. 1, n. 25, 2003.



WEISS, Raquel. Sociologia e Moral. 2015. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222015000200016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222015000200016)>.  
Acesso em: 26 maio 2017

## **ANEXO**

## **1.Lista de obras de Lima Barreto:**

**1905** - Os subterrâneos do Morro do Castelo

**1911** - O Convento

**1915** - Os quatro filhos d'Aymon

**1919** - Uma partida de Football

**1919** - Na segunda classe

**1920** - Os moleques

**1921** - A estação

**1921** - Estupendo Melhoramento

**1921** - Feiras e Máfuas

**1921** - Feiras Livres

**1921** - Quase ela deu seu sim, mas...

**1921** - O trem de subúrbio

**1922** - Bailes e divertimentos

**1922** - Clara dos Anjos

**1922** - Melhoramentos

**1922** - Enterros de Inhaúma

**1922** - O único assassinato de Cazuza

**1922** - Um do povo

**1922** - O único assassinato de Cazuza

**1922** - De Cascadura ao Garnier

**1924** - A penhora pela Moralidade